

Almanach

DO

DIARIO DE NOTICIAS

PARA

1884

QUARTO ANNO

BAHIA

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Almanach

DO

DIARIO DE NOTICIAS

PARA

1884

QUARTO ANNO

BAHIA

Ahi vae correr mundo o quarto *Almanach do Diario de Noticias*, graças á animação que devemos ao publico e á protecção que tão bizarramente elle nos tem sempre dispensado,

Recebam-o do modo lisongeiro com que receberam os dos annos anteriores e bem pago nos julgaremos dos sacrificios que nos custou a sua publicação.

COLLABORAÇÃO D'ESTE ANNO

EXCELLENTISSIMAS SENHORAS

- D. Amelia Augusta de Carvalho—4
D. Eufrosina de Mattos—10
D. Celecina C. de Mattos—15, 50, 134
D. Veridiana M. de Mattos—57
D. Arlinda A. de Moraes—69
Uma cachoeirana—92
Uma bahiana—94
Pequena—115
D. Adelaide Margarida da Silva—119
D. Julieta de Mello Monteiro—127
Nany—145
D Joachina N. da Cunha Menezes Lacerda—156, 158

ILLUSTRISSIMOS SENHORES

- X Castro Alves—3, 58
José Augusto—5, 20, 27
José Cardoso Vieira de Castro—7
Orleans—7, 99, 146
Mucio Teixeira—8
Arthur Valeriano—10, 18
Affonso Celso Junior—12
A. A.—13
Th. de Moura—14, 24
Dr. José Lopes Cardoso—17
X Gonçalves Crespo—20
Dr. Salles Barbosa—21
Silva Freire—22, 142, 144, 155
Candido Abreu—26
Aspirantes purificaenses—26, 34, 41, 53
Dr. Alfredo Ceylão—31, 63, 98, 160
J. M. da Silva—32
A. N. Goyaz Brazil—33
Dr. Luiz Gufmarães Junior—34, 61
João de Britto—35
Professor Joaquim de Cerqueira e Silva—37, 48, 93, 109,
144.—Antonio Feijó—37
Annibal Lisboa—39—Valentim Magalhães—40
Pharmaceutico Joaquim Manuel de Sant'Anna—43
Dr. Castro Rebello Junior—48
F. M. Barretto—49
Dr. Clicerio Velloso—50
Padre Gonçalo de Souza Coelho—51

A. de Souza Menezes—53
A. Macedo Papança—54
Alferes José Candido Rodrigues—56
'Marrecos Taperoenses—59
Ed. de Carvalho—60
Angelo de Araujo Negrão—63
M. Villas—64
Alexandre Fernandes—67
Francisco Picanço—70—Dr. Luiz de Castro—71
Manuel do Nascimento Rodrigues Barretto—72
Claudio José Gonçalves—72, 74
Pereira de Lyra—76, 86
E. Velloso—77, 85, 87, 103
Lellis Piedade—80
J. F. Souza—84, 96
Raymundo Corrêa—82
Campos Pato—83
A. R.—88—Dias da Rocha—89
A. Raposo—90
M. Jorge Rodrigues—95
Lapin Junior—98
L.—102
Pedro de Souza Ramos—108
Tabaré da Madre de Deus—142
Tobias Junior—114
Emilio Castellar—115
L. A. Palmeirim—118
Arlindo P. Pinto—122
Jayne Victor—124
Militão Cezar de Oliveira—125, 129, 135, 138, 141, 142
E. Zaluar—128
F. Coelho—131, 133
A. Lopes Cardoso—132, 148
Victoriano Palhares—134
E. Maia—137
Guerra Junqueiro—139
J. Coelho—140
Santos Lostada—141
Pedro de Calazans—143, 157
Dr. Pedro Moreira—147
Vicente Rodrigues Guedes—149
Paulo Pereira—151
A. Tavares—151
Christovão Ayres—153
Nemo—160
Custodio A. da Costa—160

PROVINCIA DA BAHIA

Arcebispo

D. Luiz Antonio dos Santos.
Governador do arcebisado—Monsenhor Manuel dos Santos
Pereira.
Secretario do arcebisado—Conego Joaquim Tito Galvão.

Governo da Provincia

Presidente—Conselheiro Pedro Luiz Pereira de Souza.
Secretario—Dr. Isaias Guedes de Mello.

Policia

Chefe—Dr. Torquato Mendes Vianna.
Secretario—Dr. Francisco Antonio de Castro Loureiro.
Delegado—Dr. Alfredo Devoto.

Arsenal de Marinha

Inspector—Capitão de fragata Joaquim Leal Ferreira.
Vice-inspector—Capitão-tenente José Ignacio Borges Machado.

Arsenal de Guerra

Director—Coronel Francisco Duarte Nunes.
Ajudante—Capitão Luiz Rabello de Vasconcellos

Alfandega

Inspector—Camillo José de Carvalho.
Thesoureiro—Dr. Felisberto Antonio da Silva Horta.
Guarda-mor—Adolpho Hasselmann.

Thesouraria Geral

Inspector—Antonio Caetano da Silva Kelly.
Contador—José Sizenando Botelho.
Thesoureiro—Dr. Eloy José Jorge.

Recebedoria Geral

Administrador—Aureliano Augusto de Souza Britto.
Ajudante—Maximiano dos Santos Marques.
Thesoureiro—Dr. Domingos de Souza Requião.

Thesouraria provincial

Inspector—Alexandre Herculano Ladislau.

Contador—Antonio Pinto Chichorro da Gama.
Thesoureiro—Dr. Francisco Xavier dos Reis.

Recebedoria Provincial

Administrador—Aureliano Jacintho Pereira Lisboa.
Escrivão—Nicolau Carneiro da Rocha.
Thesoureiro—Frederico Augusto Rodrigues da Costa.

Correio Geral

Administrador—Dr. Francisco de Macedo Costa.
Thosoureiro—Pedro Martins Bastos.
Contador—Francisco Augusto Pereira de Mattos.

Vara de Orphãos

Juiz—Dr. Manuel Alves de Lima Gordilho.
Curador geral—Dr. Raymundo Mendes Martins.
Escrivães—Coronel Alexandre Freire Maia Bittencourt e
Manuel Joaquim Garcia.

Vara do Commercio

Juiz—Dr. Francisco Manuel Paraizo Cavalcante.
Escrivães—José Pedreira França e Augusto Alves de
Abreu.

Feitos da Fazenda

Juiz—Dr. Virgilio Alves de Lima Gordilho.

Provedoria

Juiz—Dr. Aurelio Ferreira Espinheira.

Juizes do Crime

1.º Districto, composto das freguezias da Sé, Rua do Passo e Conceição da Praia—Juiz, Dr. Antonio Luiz Affonso de Carvalho.

2.º Districto, composto das freguezias de S. Pedro e Victoria—Juiz, Dr. Virgilio Alves de Lima Gordilho.

3.º Districto, composto das freguezias de Santo Antonio, Sant'Anna e Brotas—Juiz, Dr. Francisco Manuel Paraizo Cavalcante.

4.º Districto, composto das freguezias dos Mares, Penha e Pilar—Juiz, Dr. Aurelio Ferreira Espinheira.

5.º Districto, composto das freguezias de Pirajá, Paripe, Passé, Cotegipe, Maré e Matoim—Juiz, Dr. Manuel Alves de Lima Gordilho,

Escrivães—Antonio Diniz Gonçalves, Virgilio Alves Guimarães e Francisco Maria de Almeida Seixas.

Juizes substitutos

- 1.º Dr. José Heraclides Ferreira.
- 2.º Dr. José Macedo de Aguiar.
- 4.º Dr. Frederico Ferreira França.
- 6.º Joaquim Pereira da Silva Lobo.

Contador

Manuel Emygdio Vanique.

Distribuidor

Caetano Alberto de Souza Seixas.

Escrivães dos Feitos da Fazenda

José Joaquim dos Reis Lessa e Manuel de Mello Mattos.

Escrivão da Provedoria

Capitão Luiz Ramos de Queiroz.

Escrivão de Jury

José Paulino de Campos Lima.

Tabelliães

Virgilio José Espinola, José Augusto Abranches e Alvaro Lopes da Silva.

Porteiro dos auditorios

José Eugenio Cavalcante.

Official dos registros das hypothecas

Severino José Damazio de Mattos.

Dias de audiencias

- 1.ª vara—às quartas-feiras e sabbados ao meio dia.
Provedoria—às segundas e quintas-feiras às 11 horas.
Vara dos feitos da fazenda—às quartas e sabbados ao meio dia
Vara de Orphãos—às terças e sextas-feiras ao meio dia.
Vara do Commercio —às terças e sextas-feiras às 11 horas.

Promotores publicos da capital

- 1.º Dr. José Augusto de Freitas.
 - 2.º Dr. Virgilio Ramos Gordilho.
- Adjuncto, Dr. Antonio Geraldo Teixeira.

Juizes de Direito Municipaes e de orphãos e Promotores Publicos

Comarca de Abrantes—Juiz de Direito, Dr. Estevão Vaz
Ferreira.

Promotor, Dr. José Pedreira França.

Juiz Municipal, Dr. Francisco Fernandes Moreira.

Comarca do Conde—Juiz de Direito, Dr. Manuel Antunes

Pimentel.

Promotor, Dr. José Manuel de Araujo.

Juiz Municipal do Conde, vago.

Juiz Municipal da Abbadia, Dr. Nilo Ramos Romero.

Comarca de Santo Amaro—Juiz de Direito, Dr. Epiphania
de Bittencourt.

Promotor, Dr. Francisco de Araujo de Aragão Bulcão.

Juiz Municipal, Dr. José Cardoso da Cunha.

Juiz Municipal de S. Francisco, Dr. Clemente de Oliveira

Mendes.

Juiz de Orphãos, Dr. Pedro Francellino Guimarães Fi-

lho.

Comarca da Cachoeira—Juiz de Direito, vago.

Promotor, Dr. Arthur Pedreira de Cerqueira.

Juiz Municipal, Dr. Julio Pereira de Carvalho.

Juiz de Orphãos, Dr. Thomé Affonso de Moura.

Juiz Municipal de Maragotipe, Dr. Manuel Freire de Car-

valho.

Comarca de Nazareth—Juiz de Direito, Dr. Salvador Pires
de Carvalho e Albuquerque.

Promotor, Dr. Affonso Emygdio Leal.

Juiz Municipal, Dr. Eustaquio Pereira de Seixas.

Juiz Municipal de Jaguaripe, Dr. Arsenio de Souza Mar-

ques.
Juiz Municipal de Itaparica, Dr. Bento José Fernandes
de Almeida.

Comarca da Feira de Sant'Anna—Juiz de Direito, Dr.
José Liberato de Souza.

Promotor—Dr. Abdias de Oliveira.

Juiz Municipal, Dr. Pedro Muniz Leão Velloso.

Comarca de Jacobina—Juiz de Direito, Dr. Antonio José
de Castro Lima.

Promotor Dr. Joviniano Antonio Pereira Duarte.

Juiz Municipal, Dr. José Ribeiro da Rocha.

Comarca de Inhambupe—Juiz de Direito, Dr. Cypriano de
Almeida Sebrão.

Promotor, Dr. Albino Augusto de Novaes e Silva.

Juiz Municipal, Dr. Arsenio de Almeida Araujo Caval-

cante.
Juiz Municipal de Entre-Rios, Dr. Ignacio Alves Na-

zareth.

Comarca de Itapicurú—Juiz de Direito, Dr. Luiz Ignacio de Mello Barretto.

Promotor, Dr. José Dantas Itapicurú.

Juiz Municipal, vago.

Juiz Municipal do Pombal, Dr. Pedro da Veiga Ornellas.

Comarca do Joaseiro—Juiz de Direito, Dr. Americo Pinto Barretto,

Promotor, vago.

Juiz Municipal, Dr. Benedicto Crispiniano de Souza.

Juiz Municipal do Capim Grosso, Dr. Augusto José Peizoto.

Comarca de Caetité—Juiz de Direito, Barão de Caetité.

Promotor, Dr. Reinaldo Casimiro Rodrigues da Silva.

Juiz Municipal, Dr. Joaquim Emygdio Chaves Ribeiro.

Comarca de Chique-Chique—Juiz de Direito, Dr. Adalberto Elpidio de A. Figueiredo.

Promotor, José de Souza Reis.

Juiz Municipal, vago.

Juiz Municipal do Remanso—Dr. Emygdio José Martins Azevedo Sá.

Comarca do Urubú—Juiz de Direito, Dr. Antonio de Souza Lima.

Promotor, vago.

Juiz municipal, vago.

Comarca do Rio de S. Francisco—Juiz de Direito, Dr. Joaquim Pereira de Mello Moraes.

Promotor, Antonio Irineu da Franca.

Juiz Municipal da Barra do Rio Grande, Dr. Pedro Mariani.

Comarca de Campo Largo—Juiz de Direito, Dr. Joaquim Ferreira Bandeira.

Promotor, vago.

Juiz Municipal, vago.

Comarca de Monte Santo—Juiz de Direito, Dr. Pompilio Cavalcante de Mello.

Promotor, Dr. Francisco de Sequeira.

Juiz Municipal, Dr. Arsenio de Almeida Araujo Cavalcante

Juiz Municipal do Tucano, vago.

Comarca de Geremoabo—Juiz de Direito, Dr. Manuel Barretto Dantas.

Promotor, Dr. Antonio Ricardo Borges.

Juiz Municipal, Dr. Napoleão Simões de Oliveira.

Comarca de Carinhanha—Juiz de Direito, Dr. Joaquim Moreira de Castro.

Promotor, vago.

Juiz Municipal, Dr. Jeremias de Souza Lima.

Comarca da Victoria—Juiz de Direito, Dr. Fernando da Silva Deiró.

Promotor, Dr. Tranquillino Leovigildo Torres.

Juiz Municipal, Dr. Luiz da Silva Barauna.

Comarca de Maracás—Juiz de Direito, Dr. Antonio Coutinho de Souza.

Promotor, Dr. Antonio Adherbal Ferreira Velloso.
Juiz Municipal, Dr. Angelo Ribeiro Soares.
Comarca do Rio de Contas—Juiz de Direito, Dr. Octaviano Xavier Cotrim.
Promotor, Dr. José Cedraes Carneiro d'Oliveira.
Juiz Municipal, Dr. Jeronymo Lourenço d'Araujo.
Comarca do Camisão—Juiz de Direito Dr. Quintino Ferreira da Silva.
Promotor, Dr. Felinto Justiniano Ferreira Bastos.
Juiz Municipal, Dr. Augusto José Teixeira de Freitas.
Juiz Municipal do Orobó, vago.
Comarca das Lavras Diamantinas—Juiz de Direito, Dr. Francisco Ferreira Pacheco de Mello.
Promotor, Dr. José Botelho Benjamin.
Juiz Municipal dos Lençóes, Dr. Joaquim Antonio de Souza Spinola.
Juiz Municipal de Santa Izabel, Dr. Emilio Tavares de Oliveira.
Comarca de Valença—Juiz de Direito, Dr. Manoel da Cunha Lopes Vasconcellos.
Promotor, Dr. Augusto Borborema.
Juiz Municipal, Dr. Adolpho Frederico Tourinho.
Comarca de Taperoá—Juiz de Direito, Dr. Deocleciano da Rocha Vianna.
Promotor, vago.
Juiz Municipal, Dr. Pedro Celestino de Souza Macieira.
Comarca de Ilhéos—Juiz de Direito, Dr. Vicente Candido Tourinho.
Promotor, vago.
Juiz Municipal, Dr. Luiz Joaquim Magalhães Castro.
Comarca de Cannavieiras—Juiz de Direito Dr. Salvador Vicente Sapucaia.
Promotor, Dr. Trajano Pinto da Silva.
Juiz Municipal, Dr. Manuel Jeronymo Gonçalves.
Comarca de Camamu—Juiz de Direito, Dr. Aristides José de Leão.
Promotor, Dr. Eduardo Augusto da Silva.
Juiz Municipal Dr. José Augusto Barbosa Coelho.
Juiz Municipal da Barra do Rio de Contas, vago.
Comarca de Porto Seguro—Juiz de Direito, Dr. Domingos José Gonçalves Ponce de Leão.
Promotor, Dr. Caetano José Lopes.
Juiz Municipal, Dr. Catão Guerreiro de Castro.
Comarca de Caravellas—Juiz de Direito, Dr. Luiz Jacintho Vergne de Abreu.
Promotor, Dr. Francisco Antonio de Carvalho.
Juiz Municipal, Dr. José Francisco de Lacerda.
Juiz Municipal de Viçosa, Dr. José Pinto Ferreira d'Oliveira.
Comarca de Alcobaça—Juiz de Direito, Joaquim de Mello Rocha.

Promotor, vago.
 Juiz Municipal, Dr. Antonio Soares de Queiroz e Azevedo.
 Juiz Municipal do Prado, vago
 Comarca de Alagoinhas—Juiz de Direito, Dr. Saturnino José da Silva Ramos.
 Promotor, Dr. Francisco de Souza Dias.
 Juiz Municipal, Dr. Antonio Ferreira Velloso.
 Juiz Municipal do Catú, Dr. Ernesto de Paiva Leite.
 Comarca de Amargosa—Juiz de Direito, Dr. Manuel Caetano de Oliveira Passos.
 Promotor, Dr. Reinaldo Martins Ramos.
 Juiz Municipal, Dr. Tiburcio Valeriano de Carvalho.
 Comarca da Villa Nova da Rainha—Juiz de Direito, Dr. Annibal Fernandes da Cunha Rocha.
 Promotor, Manuel Daltro Pereira França.
 Juiz Municipal, Dr. Alexandrino Dias Guimarães.
 Comarca da Purificação—Juiz de Direito, Dr. Innocencio de Almeida.
 Promotor, Dr. Francisco Xavier de Lima Borges.
 Juiz Municipal, Dr. Antonio Joaquim de Passos.
 Comarca de Santo Antonio da Barra—Juiz de Direito, Dr. Ernesto Botelho de Andrade.
 Promotor, Belisario Alves Pereira.
 Juiz Municipal, Dr. José Manuel Cavalcante de Almeida.
 Comarca do Bom Jesus dos Meiras—Juiz de Direito, Dr. Candido Cesar da Silva Leão.
 Promotor, Hermogenes José de Castro.
 Juiz Municipal, Dr. Henrique da Silva Lima.
 Juiz Municipal do Brejo Grande, Dr. João Nepomuceno Torres.
 Comarca de Monte Alto—Juiz de Direito, Dr. Tobias de Souza Lima.
 Promotor, Aprigio Candido da Silva Leão.
 Juiz Municipal, Dr. Luiz Antonio Vieira.
 Comarca de Macahubas—Juiz Municipal, Dr. Francisco Antonio de Freitas Barros.
 Promotor, vago.
 Juiz Municipal, Dr. Numeriano Honorio de Serpa Brandão.
 Comarca d'Areia—Juiz de Direito, Dr. Firmino Lopes de Castro.
 Promotor, Dr. Maximiano Lopes Chaves.
 Juiz Municipal, Dr. Arthur do Espirito Santo Menezes.

Tribunal da Relação

Conferencias—A's terças e sextas feiras.
Distribuições—A's segundas-feiras e quintas.
 Presidente—Dezembargador Francisco Liberato de Mattos.
 Secretario—Comm. Dr. Salustio Pereira de Carvalho.
 Dezembargadores—Antonio Agnello Ribeiro.
 Pedro Francellino Guimarães.

Virgilio Silvestre de Faria.
Luiz Antonio Barbosa de Almeida.
Joaquim de Azevedo Monteiro.
João Rodrigues Chaves.
José Antonio da Rocha Vianna.
Daniel Luiz Rosa.
José Pereira da Silva Moraes.
Carlos de Cerqueira Pinto.
João Ladislau Japi-Assú de Figueiredo e Mello.
Escrivães—Capitão Rozendo Jesuino de Sousa Britto.
Coronel João Ferreira Lima.
Amanuense—João Antonio Saraiva.

Camara Municipal

Presidente—Dr. Augusto Ferreira França.
Vice presidente—Coronel Manuel Jeronymo Ferreira.
Secretario—Bellarmino Soares de Andrade.
Official-maior—Capitão Manuel Rodrigues Valença.
Veredores—Tenente-coronel Pedro Alves de Lima Gordilho.
Francisco Pereira da Rocha.
Felippe Rodrigues Monteiro.
Tenente-coronel Leobino Cardoso Lisboa.
Tenente-coronel Joaquim Caetano de Almeida Couto Junior.
Francisco de Freitas Paranhos.
Capitão Leopoldino José Teixeira Barbosa.
Commendador João Rodrigues Germano.
Luiz de Oliveira Vasconcellos.
Tenente Durval Hermelino Ribeiro.
Dr. Manuel Teixeira Soares.
Dr. Militão Barbosa Lisboa.
Capitão João da Silva Bahia.
Antonio José Machado Junior.
Capitão João Gonçalves Tourinho.

Deputados geraes por esta provincia

- 1.º *districto*—Barão do Guahy.
- 2.º *districto*—Dr. Ruy Barbosa.
- 3.º *districto*—Dr. Francisco Prisco de Sousa Paraiso.
- 4.º *districto*—Conselheiro Francisco Maria Sodré Pereira.
- 5.º *districto*—Dr. Ildefonso José de Araujo.
- 6.º *districto*—Dr. Antonio Carneiro da Rocha.
- 7.º *districto*—Dr. João Ferreira de Araujo Pinho.
- 8.º *districto*—Conselheiro João Ferreira de Moura.
- 9.º *districto*—Rodolpho Epiphanio de Souza Dantas.
- 10.º *districto*—Dr. Aristides Cesár Spinola Zama.
- 11.º *districto*—Dr. Antonio Joaquim Rodrigues Lima.
- 12.º *districto*—Dr. Juvencio Alves de Souza.
- 13.º *districto*—Dr. Aristides Spinola de Athayde.
- 14.º *districto*—Barão da Villa da Berra.

Assembléa provincial

- 1.º districto—Dr. Luiz Junqueira Ayres de Almeida.
Dr. Augusto de Araujo Santos.
Dr. Garcia Pires de Carvalho e Albuquerque.
- 2.º districto—Dr. Antonio de Araujo Bastos.
Dr. Joaquim dos Reis Magalhães.
Professor Antonio Bahia da Silva Araujo.
- 3.º districto—Coronel Themistocles da Rocha Passos.
Dr. Joaquim Ignacio Tosta.
Coronel Antonio de Carvalho Pinto Lima.
- 4.º districto—Dr. Manuel de Araujo Goez.
Barão de Villa Viçosa.
Dr. Antonio Rodrigues Teixeira.
- 5.º districto—Dr. Leovigildo de Amorim Filgueiras.
Tenente-coronel Leão de Caldas Britto.
Dr. Elpidio de Mesquita.
- 6.º districto—Dr. Alfredo Martins da Silva.
Capitão João Gonçalves Tourinho.
Vigario Geraldo Xavier de Sant'Anna.
- 7.º districto—Dr. Angelo Custodio dos Santos.
Dr. Francolino Augusto de Oliveira.
Conego Manuel Ignacio Soares.
- 8.º districto—Dr. João dos Reis de Souza Dantas.
Dr. Severino dos Santos Vieira.
Advogado José Justino da Silva Telles.
- 9.º districto—Conego Antonio Aggripino da Silva Borges.
Vigario João Alves da Silva Paranhos.
Capitão Aristides Borges dos Santos.
- 10.º districto—Coronel Appio Claudio da Rocha Medrado.
Dr. Francisco Gomes de Oliveira.
Dr. Cezar Zama.
- 11.º districto—Vigario Tobias Pereira Coutinho.
Dr. Antonio Pereira de Castro.
Dr. Manuel José dos Reis.
- 12.º districto—Dr. Teixeira Soares.
Dr. Ananias de Assis Baptista.
Dr. Antonio Rodrigues da Cunha Mello.
- 13.º districto—Martiniano Augusto de Almeida.
Dr. João Lopes Rodrigues.
Tenente coronel Rodrigo José de Magalhães.
- 14.º districto—Capitão Antonio Joaquim de Magalhães.
Coronel José Joaquim de Almeida.
Dr. José de Oliveira Campes.

Associação Commercial

Presidente Barão do Guahy.
Vice-presidente—Commendador José Lopes da Silva Lima.
Secretario—Commendador Augusto Silvestre de Faria.
Thesoureiro—Commendador João Eduardo dos Santos.

Membros—José da Costa Pinto.
J. F. Stael.
José Jacintho Rodrigues Teixeira.
Joaquim José Rodrigues.
Antonio José Rodrigues.
L. G. Meyer.
G. Frank.
Coronel Augusto Francisco de Lacerda.

Correctores geraes e parciaes

Antonio Leonardo Pereira, Augusto Fabio Rangel, Wilhelm Menge Franz Wagner, Alexandre Coelho Messeder, Joaquim José Teixeira Leal, Horacio Hurpia Junior, Carlos Boettner e Manuel Santos Barretto.

Interpretes juramentados

Henrique Raulino Muller.
José Soares Pereira.
Fernando C. Koch.
José Frederico Hasselmann.

Corpo consular estrangeiro residente na Bahia

Austria—Fernando Gustavo Dobbert.
Belgica—Antonio de Lacerda.
Bolivia—Fernando G. Dobbert.
Chile—Frederico Hasselmann.
Columbia—Theodoro Teixeira Gomes.
Costa Rica—Antonio de Lacerda.
Dinamarca—Theodoro Teixeira Gomes.
Estados-Unidos—John B. Weaver.
França—Charles Nodot.
Inglaterra—Geo: Alex: Stevens.
Grecia—José Augusto de Figueiredo.
Hespanha—Silio Boccanera.
Allemanha—Otto Bulle,
Italia—G. Hervey Duder.
Paizes Baixos—P. C. Gransberg.
Paraguay—José da Costa Pinto.
Perú—Custodio Moreira de Souza.
Portugal—Dr. Daniel da Silva Ribeiro.
Republica Argentina—Barão do Guahy.
Russia—James Duder.
Suecia—David Lindgren's.
Suissa—Ernesto Alberto Brenner.
Uruguay—Horacio Augusto Lopes.
Venezuela—José Gonçalves do Nascimento.

CORREIO GERAL

Expedição das malas para o centro da provincia

LOGARES PARA ONDE SÃO EXPEDIDAS	DIAS DE EXPEDIÇÃO
Plataforma, Periperi, Mapelle, Camassari, Matã, Pojuca, Catú, Sítio Novo, Alagoinhas, Aramari, Agua Fria, Serrinha.	Diariamente, fechando as malas, ás 4 horas da tarde na Administração.
Maragogipe, S. Felipe, Cachoeira, S. Gonzalo, S. Felix, Feira.	Nas terças, quintas e sabbados, fechando as malas de accordo com o horario da Companhia Bahiana.
Villa de S. Francisco, Santo Amaro,	Nas terças, quintas e sabbados, idem.
Jaguaripe, Nazareth, Santo Antonio de Jesus.	Nas quartas e sextas, idem.
Itaparica.	Diariamente, fechando as malas na Administração ás 3 horas e na Agencia da ponte ás 3 h. e 50 m. da tarde.
Valença, Taperoá, Cayrú, Nova Boipeba, Santarem.	Nas sextas-feiras de accordo com o horario da Companhia Bahiana, ou por barcos de cabotagem.
Ilhéos, Cannavieiras, Porto-Seguro, Caravelas, Colonia Leopoldina, Viçosa, Belmonte, Prado, Alcobaça, Mucury, Santa Cruz, Santa Clara.	Duas vezes por mez pelos vapores da Companhia Bahiana e tambem por barco de cabotagem.
Camamú, Marahú, Barcellos, Barra do Rio de Contas.	Por barcos de cabotagem.
Amargosa, Arêa, Maracás.	Por Nazareth e Santo Antonio de Jesus, nos dias 1, 11 e 21.
Jacobina, Chique-Chique, Cidade da Barra, Campo Largo e Rio das Eguas.	Pela Feira, nos dias 1, 5, 10, 15, 20 e 25.
Curralinho, Tapera, Lenções, Santa Izabel, Rio de Contas.	Pela Cachoeira, nos dias 5, 10, 15, 20 e 25.

Camlão, Monte Alegre, Mundo Novo, Baixa Grande, Morro do Chapéu.	Pela Feira. nos dias 4, 8, 16 e 24.
Purificação.	Pela Feira, nos dias 4, 11 e 21.
Villa Nova da Rainha, Joazeiro, Sento Sé, Remanso, Casa Nova, Capim Grosse.	Pela Serrinha, nos dias 4, 5, 10, 15, 20 e 25.
Currallinho, Tapera, Maracás, Victoria, Santo Antonio da Barra, Brejo Grande, Rio Pardo (Minas).	Pela Cachoeira. todos os sabbados.
Macahubas, Brotas. Caetité, Meiras, Urubú, Uburanas, Riacho de Santa Anna, Monte Alto, Carinhanha, Januaría (Minas).	Pela Cachoeira e Rio de Contas, nos dias 4, 5, 10, 15, 20 e 25.
Inhambupe, Entre-Rios, Itapicurú, Soure, Pombal, Bom Conselho, Geremoabo.	Por Alagoinhas, nos dias 4, 11 e 21
Tucano, Monte Santo.	Pela Serrinha, nos dia 4, 11 e 21.
Conde, Abbadia (tocando em Itapoan), Ipitanga, Abrantes, Monte Gordo, Torre, Su- bauma, Baixio.	Da Administração, nos dias 4, 11 e 21.
Jraguá, Maceió, Pernambuco, Paralyba, Rio Grande de Norte, Ceará, Naranhão, Piauhy, Pará, Amazonas.	Pela Companhia Naciona de paquetes a vapor nos dias 4, 13 e 23.
Sergipe (Estancia, Espirito Santo, Villa Nova, Aracajú, Penedo, S. Christovão) Jaraguá e Maceió (Alagoas).	Pelos vapores da Compa- nhia Bahiana nos dias annunciados.
Rio de Janeiro, Espirito Santo, S. Paulo, Mi- nas. Santa Catharina, Paraná Rio Grande. do Sul, Matto Grosso, Goyaz.	Pelos vapores nacionaes nos dias 6, 16 e 26; vapor francez no dia 7, inglez da Royal Mail nos dias 12, 22 e 27, e por todas as outras linhas de navegação de Hamburgo, de Bremenn, do Havro, de Liver- pool.
Para a Europa e Paizes da União Postal.	Pelos paquetes da Royal Mail nos dias 6, 12 e 27. Para Bordeaux, no dia 18 e por todas as outras linhas de nave- gação do Havre, de Hamburgo, de Bremenn e de Liverpool.

Serviço urbano

As cartas e mais correspondencias, são distribuidas n'esta capital tres vezes ao dia, e nos dias santificados ou feriados duas vezes. Para essa distribuição sahem os carteiros da Administração ás 9-30 minutos da manhã, ás 2-30 e 4-30 minutos da tarde. Nos dias santificados ou feriados ás 9-30 minutos da manhã e ás 2-30 minutos da tarde.

As cartas levam carimbo com a data do dia da entrega: e outro carimbo de cor com a numeração de 1^a, 2^a, 3^a, correspondente á hora da sahida da Administração: assim o carimbo (1^a) designa a primeira distribuição de 9-30 minutos da manhã, e esta correspondencia deve ficar entregue até ás 2 horas da tarde. O carimbo (2^a) corresponde á sahida de 2-30 minutos da tarde, devendo a correspondencia d'esta distribuição ficar entregue até ás 4 horas. A correspondencia com carimbo (3^a) de 4-30 minutos, deve ficar entregue n'essa mesma tarde.

As queixas e reclamações sobre este serviço devem ser levadas logo ao conhecimento da Administração.

As cartas para a cidade devem ser franqueadas com 50 réis; as não franqueadas são taxadas em 100 réis contra o destinatario. Os bilhetes postaes, participação de casamentos ou de nascimentos, convites de enterro, bilhetes de visita, circulares, prospectos, avisos diversos, pagam somente 20 réis; devem poder, ser impressos, franqueados e abertos. Não preenchendo estas condições serão considerados como cartas.

Na thesouraria da Administração acham-se bilhetes postaes de 20 réis para a correspondencia urbana—de 50 réis para qualquer ponto do imperio, e de 80 réis para o estrangeiro.

Caixas postaes

Para receber cartas, bilhetes postaes e outros quaesquer objectos de correspondencia, estão assentadas caixas postaes nas seguintes localidades da cidade:

Largo do Bomfim, estação da Calçada, Agua de Meninos, Largo do Pilar, Praça do Commercio, Guindaste dos Padres, Barateiro, Fonte Nova, Quartel General, Gravatá, Baixa dos Sapateiros, Quitandinha do Capim, Barra, Largo da Graça, Corredor da Victória, (no Palacio da Presidencia) Campo Grande, Largo da Piedade, Praça Castro Aives, Praça de Palacio.

As correspondencias depositadas nas caixas postaes são collectadas tres vezes por dia, e duas vezes nos dias santificados ou feriados do mode seguinte:

As do Bomfim, Calçada, Agua de Meninos, Quitandinha do Capim, Fonte Nova, Quartel General, Gravatá, Baixa dos Sapatei-

ros, Barra, Graça, Victoria e Campo Grande, ás 7 horas da manhã e 4 da tarde.

As do Pilar, Praça do Commercio, Guindaste dos Padres, Barateiro, Praça do Palacio, Praça Castro Alves, Piedade, Baixa dos Sapateiros, Quartel General, Gravatá, ás 8 horas da manhã, á 4 e ás 4 da tarde.

Nas caixas podem-se depositar correspondencias não só para a cidade, como para qualquer ponto do imperio ou do estrangeiro.

Saques entre os Correios do Brazil e Portugal

Os Correios do Brazil e Portugal estão autorisados por convenção entre os dois paizes a saccar uns sobre os outros desde a quantia de 10000 até a de 80000.

As pessoas que pretenderem fazer remessas de dinheiro, para serem convertidas em vales de Portugal, deverão preencher e apresentar um boletim de deposito em que designem nome e residencia, a quantia que entregam e o nome e residencia da pessoa a quem essa quantia deverá ser paga.

O Correio dará em troca, tanto das quantias designadas no boletim como do respectivo premio, um recibo.

As quantias depositadas ficam sujeitas ao premio de 2 %.

Excepto este premio, nenhuma outra taxa ou emolumento será cobrado pela recepção, remessa ou entrega das quantias depositadas.

Os vales do Correio são validos por seis mezes, contados da data da emissão.

Os vales perdidos ou destruidos podem substituir-se a pedido dos destinatarios ou dos depositantes das quantias que elles representam, por autorisações especiaes do pagamento, depois de verificado que não foram pagos nem reembolsados.

Os depositantes das quantias convertidas em vales podem, a seu pedido ser das mesmas reembolsados, se a direcção geral do paiz onde se fez o deposito for avisada de que os vales representantes d'essas quantias não foram pagos aos destinatarios, e de que se tomaram as medidas necessarias para elles não serem satisfeitos, dado o caso de se apresentarem a pagamento.

Para alcançar o reembolso da quantia representada por um vale desencaminhado ou destruido, deve o depositante apresentar o recibo que lhe for dado no correio.

Em nenhum caso poderão os depositantes ser reembolsados do premio que houverem pago pelas quantias entregues.

As quantias depositadas serão reduzidas a dinheiro forte ao cambio do dia em que o correio fizer a remessa.

COMPANHIA DE PAQUETES TRANSATLANTICOS

Royal Mail Steam Packet Company

LINHA DE PAQUETES INGLEZES

Entre Southampton, Portugal Brazil e Rio da Prata

Agentes na Bahia—Dennis Blair & C,
Agencia á rua das Princezas, n. 8, 1.º andar.
(Vid. annuncio no texto.)

Hamburgo Sudamerikanische Dampfschiffahrtsg Esellschaft

LINHA DE PAQUETES ALLEMÃES

Entre Allemanha, Portugal (continente e ilhas), Brasil e Rio da Prata

Agentes na Bahia—Schramm Stade & C.
Agencia á rua Nova das Princezas, n. 20, 1.º andar.
(Vid. annuncio no texto.)

Messageries Maritimes

COMPANHIA DE PAQUETES FRANCEZES

Viagens entre França, Portugal, Brazil e Rio da Prata

Agente na Bahia—George Kuhnert.
Agencia á rua Conselheiro Dantas, n. 4, 2.º andar.

Companhia Brasileira de Navegação a Vapor

Viagens entre Rio de Janeiro e os portos do norte até o Pará e vice-versa

Agentes na Bahia—Moreira Irmão & C.
Agencia á rua das Princezas, n. _____
(Vid. annuncio no texto.)

L a m p o r t & H o l t s

COMPANHIA DE VAPORES INGLEZES

Viagens entre Liverpool, Portugal Brazil e Rio da Prata

Agentes na Bahia—Edward Benn & Sons.
Agencia á rua das Princezas, n. 40, 2.º andar.

Norddeutsher Lloyd

COMPANHIA DE VAPORES ALLEMÃES

Viagens entre Bremen, Portugal, Brazil e Rio da Prata

Agente na Bahia Franz Arkenoc.
Agencia á rua do Conselheiro Dantas, n. 33, 2.º andar.

DIAS DE GRANDE GALA

- 1.º de Janeiro—Comprimento de bons annos a SS. MM. II.
 9 de Janeiro—Dia em que o Sr. D. Pedro I declarou ficar no Brazil.
 44 de Março—Natalicio de S. M. a Imperatriz.
 25 de Março—Dia em que foi jurada a Constituição do Imperio.
 7 de Abril—Elevação de S. M. o Imperador ao throno.
 3 de Maio—Abertura da Assembléa geral legislativa.
 2 de Julho—(na Bahia)—Dia em que foi proclamada a independencia d'esta provincia.
 23 de Julho—Dia da acclamação de S. M. I.
 29 de Julho—Natalicio de S. A. a Princeza Imperial D. Izabel.
 4 de Setembro—Anniversario do casamento de SS. MM. II.
 7 de Setembro—Dia em que foi proclamada a Independencia do Brazil.
 45 de Outubro—Dia do augusto nome de S. M. a Imperatriz e natalicio de S. A. o Principe do Grão-Pará.
 19 de Outubro—Dia do augusto nome de S. M. o Imperador.
 2 de Dezembro—Natalicio de S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

DIAS DE PEQUENA GALA

- 26 de Janeiro—Natalicio de S. A. o principe D. Luiz.
 41 de Março—Natalicio de S. A. a Princeza D. Januaría.
 19 de Março—Natalicio de S. A. o principe D. Pedro.
 28 de Abril—Natalicio de S. A. o Principe Conde d'Eu.
 21 de Maio—Natalicio de S. A. o Principe D. Fernando.
 48 de Julho—Anniversario da Sagração e coroação de S. M. o Sr. D. Pedro II.
 10 de Julho—Natalicio de S. A. R. o Sr. Conde d'Aquila.
 2 de Agosto—Natalicio de S. A. a Princeza de Joinville.
 9 de Agosto—Natalicio de S. A. R. o Sr. Duque de Saxe.
 16 de Setembro—Natalicio de S. A. o Principe D. Luiz.
 44 de Outubro—Natalicio de S. A. R. o Principe de Joinville.
 6 de Dezembro—Natalicio de S. A. o Principe D. Augusto.

SIGNAES DE INCENDIO

O primeiro toque é de 30 badaladas apressadas, findas as quaes pausadamente se dará tantas quantas sejam correspondentes ao numero da freguezia, repetindo-se o toque de 4 em 4 minutos da mesma maneira.

Sé. .	1	Rua do Paço.	6
S. Pedro.	2	Santo Antonio	7
Sant'Anna. . .	3	Victoria	8
Conç. ds Praia .	4	Brotas.	9
Pilar	5	Penha. . .	10
Mares		11	

CHARADAS E LOGGRIPHOS

DO

ALMANACH DE 1883

Decifraram as charadas e logogrifhos do *Almanach* do anno passado, os seguintes senhores.

SILVA FREIRE

Charadas—1 Cortejo—2 Castoreo—3 Irascivel—4 Dimas—5 Hymencu—6 Vaticano—7 Megera—9 Opio—10 Arpia—11 Aipo—12 Melaço—13 Adagio—14 Lacerda—15 Alpargata—16 Ganaperde—17 Mogiganga—18 Valle-Passos—19 Arrebenta diabo—20 Chicoria—22 Orbevago—23 Javari—24 Paulitanos—25 Sardopater—26 Arion Noira—27 Xal—28 Oitiburuba—29 Aralia—30 Feliz—31 Marado—32 Sigralha—33 Papalino—34 Sirio—35 Salmão—36 Arnalbo—37 Oiticuro—38 Phidias—39 Quem muito falla pouco acerta—40

Por sobre prima e segunda
Quasi sempre anda a terceira
Mas do todo Deus nos livre;
Não é cousa lisongira.—Vaganão.

42 Massapão.

Logogrifhos — 1 Amalia—3 Sambenito—4 Atzeberoscina—5 Quem casa quer casa—7 Oxisaccharo—8 Phantasmagoria—9 Onochoiotes—10 Alabama—11 Antidinacosmopolitherapeuticamente—12 Alpagatos—13 Andromicianos—14 Maracujá—15 Macoco—16 Mancnilheira — 17 Dendrolybano—18 Incomprehensibilidade—amor, medo, odes, rosa—19 Charlestown—20 Axioma—21 Terpsychore—22 Fato alheio não aquece—24 Argonauta—25 Agua molle em pedra dura tanto dá até que fura—26 Pharmacia—27 Bibliotheca—28 Lcpdosperma.

Anagrammas—Pagina 25—Janciro Março Maio Agosto Julho Outubro Dezembro Abril Junho Setembro Novembro Fevereiro. —Pagina 138—1 Fuas, 2 Roque, 3 Pedro, 4 Catão, 5 Cosma, 6 Cora, 7 Afra, 8 Auta, 9 Eliza, 10 Aura.

MARRECS TAPEROENSES

Logogrifhos—1 Amalia—3 Sambenito—4 Atzeberoscina—5 Quem casa quer casa—6 Sta:hisagria—8 Phantasmagoria—9 Ono-

cholotes=10 Alabama=11 Antidinosmopoltherapeuticamente=
12 Alpargatos=13 Andromicianos=14 Maracujá=15 Macoco=16
Mancenilheira=17 Dendrolibano=18 Amor, medo, odes, rosa=
20 Axioma=21 Terpsichore=23 Caipora=24 Argonauta=25 Agua
molle em pedra dura tanto dá até que fura=26 Pharmacia=27
Bibliotheca=28 Lepdosperma.

Charadas=1 Cortejo=2 Castoreo=3 Irascivel=4 Dimas=6
Vaticano=7 Megera=8 Caravella=9 Opio=10 Arpia=11 Aipo=
12 Melaço=14 Lacerda=15 Alpargato=16 Ganaperde=17 Mogi-
ganga=19 Arrebenta-diabo=20 Chicoria=21 Albacora=22 Gyro-
vago=23 Javalý=25 Sardopater=26 Arion-noira=28 Oitituruba
=29 Aralia=30 Feliz=31 Marado=32 Sigralha=33 Papalino=
34 Serio=35 Salmão=36 Arleira=37 Oiticuró=41 Catarata=42
Massapão.

RECRUTA

Charadas=2 Lençaria=6 Vaticano=12 Melaço=29 Santo-
nina=31 Marado=32 Sigralha=33 Papalino

Logogriphos=5 Quem casa quer casa=18 Amor, medo, odes,
rosa.

Anagrammas=Pagina 25=Janeiro Março Maio Agosto Julho
Outubro Dezembro Abril Junho Setembro Novembro e Fevereiro
=Pagina 138=1 Fuas=2 Roque=3 Pedro=4 Catão=5 Masco=
6 Cora=7 Arfa=8 Auta=9 Elisa=10 Aura.

VICENTE E JACINTHO RODRIGUES GUEDES

Logogriphos=1 Amalia=3 Sambenito=5 Quem casa quer
casa=8 Phantasmagoria=10 Alabama=11 Antidinosmopolithe-
rapcuticamente=13 Andronicianos=14 Maracujá=15 Macoco=
16 Mancenilheira=25 Agua molle em pedra dura tanto dá até
que fura=26 Pharmacia=27 Bibliotheca=28 Lepidosperma.

Charadas=7 Megera=9 Opio=10 Arpia=12 Melaço=14
Realce=31 Marado=33 Papalino=34 Sirio.

TABELLA de cambios das moedas dos principaes paizes que teem relações commerciaes com o Brazil

Cambio geral	Libra sterlina	Schilling	Penny	Franco	1\$ papel em f. e cent.	Réis fortes	1\$ papel em réis fortes	Reichsmark	Dollars
18—	13\$333	\$667	\$056	\$530	1,89	\$200	\$333	\$653	2\$745
1 ⁷ / ₈	13\$241	\$662	\$055	\$526	1,90	\$198	\$336	\$649	2\$726
1 ⁷ / ₄	13\$151	\$657	\$055	\$522	1,91	\$196	\$338	\$644	2\$707
3 ⁷ / ₈	13\$061	\$653	\$054	\$519	1,92	\$194	\$341	\$640	2\$688
1 ⁷ / ₂	12\$973	\$648	\$054	\$515	1,94	\$192	\$343	\$636	2\$607
5 ⁷ / ₈	12\$896	\$644	\$054	\$511	1,95	\$190	\$346	\$632	2\$653
3 ⁷ / ₄	12\$800	\$640	\$053	\$508	1,96	\$188	\$348	\$628	2\$635
7 ⁷ / ₈	12\$715	\$636	\$053	\$505	1,98	\$186	\$350	\$624	2\$617
19—	12\$632	\$632	\$053	\$502	1,99	\$184	\$352	\$619	2\$600
1 ⁷ / ₈	12\$549	\$627	\$052	\$499	2,00	\$182	\$355	\$615	2\$583
1 ⁷ / ₄	12\$468	\$623	\$052	\$495	2,01	\$180	\$357	\$611	2\$566
3 ⁷ / ₈	12\$387	\$619	\$052	\$492	2,03	\$179	\$359	\$607	2\$549
1 ⁷ / ₂	12\$308	\$615	\$051	\$489	2,04	\$177	\$361	\$603	2\$533
5 ⁷ / ₈	12\$229	\$611	\$051	\$486	2,06	\$175	\$364	\$599	2\$517
3 ⁷ / ₄	12\$152	\$608	\$051	\$483	2,07	\$174	\$366	\$595	2\$501
7 ⁷ / ₈	12\$075	\$603	\$050	\$479	2,08	\$172	\$368	\$592	2\$485
20—	12\$000	\$600	\$050	\$477	2,10	\$170	\$370	\$588	2\$470
1 ⁷ / ₈	11\$925	\$596	\$050	\$474	2,11	\$168	\$373	\$585	2\$455
1 ⁷ / ₄	11\$852	\$593	\$050	\$471	2,12	\$167	\$375	\$581	2\$440
3 ⁷ / ₈	11\$779	\$589	\$049	\$468	2,14	\$165	\$377	\$578	2\$425
1 ⁷ / ₂	11\$707	\$585	\$049	\$465	2,15	\$163	\$379	\$574	2\$410
5 ⁷ / ₈	11\$636	\$582	\$049	\$462	2,16	\$162	\$382	\$571	2\$395
3 ⁷ / ₄	11\$566	\$578	\$048	\$459	2,17	\$160	\$384	\$567	2\$381
7 ⁷ / ₈	11\$497	\$575	\$048	\$457	2,18	\$159	\$387	\$564	2\$367
21—	11\$429	\$571	\$048	\$454	2,20	\$157	\$389	\$560	2\$353
1 ⁷ / ₈	11\$361	\$568	\$047	\$452	2,21	\$156	\$392	\$557	2\$339
1 ⁷ / ₄	11\$294	\$565	\$047	\$450	2,22	\$154	\$394	\$553	2\$325
3 ⁷ / ₈	11\$228	\$561	\$047	\$447	2,24	\$153	\$396	\$550	2\$311
1 ⁷ / ₂	11\$163	\$558	\$047	\$444	2,25	\$151	\$398	\$547	2\$298
5 ⁷ / ₈	11\$098	\$555	\$046	\$441	2,26	\$150	\$401	\$544	2\$284
3 ⁷ / ₄	11\$034	\$552	\$046	\$438	2,28	\$148	\$403	\$540	2\$271
7 ⁷ / ₈	10\$971	\$549	\$046	\$436	2,29	\$147	\$405	\$538	2\$258
22—	10\$909	\$545	\$045	\$433	2,31	\$145	\$407	\$535	2\$245
1 ⁷ / ₈	10\$847	\$542	\$045	\$431	2,32	\$144	\$410	\$532	2\$232
1 ⁷ / ₄	10\$787	\$539	\$045	\$429	2,34	\$143	\$412	\$529	2\$220
3 ⁷ / ₈	10\$726	\$536	\$044	\$426	2,35	\$141	\$415	\$526	2\$208
1 ⁷ / ₂	10\$667	\$533	\$044	\$423	2,36	\$140	\$417	\$523	2\$196
5 ⁷ / ₈	10\$608	\$530	\$044	\$421	2,37	\$139	\$420	\$520	2\$184
3 ⁷ / ₄	10\$550	\$527	\$044	\$418	2,38	\$137	\$422	\$517	2\$172
7 ⁷ / ₈	10\$492	\$525	\$044	\$416	2,40	\$136	\$424	\$514	2\$160

Cambio geral	Libra sterlina	Schilling	Penny	Franco	1 ^o papel em f. e cent.	Réis fortes	1 ^o papel em réis fortes	Reichsmark	Dollars
23—	10\$435	\$522	\$043	\$414	2,41	\$135	\$426	\$511	2\$148
1 ²⁸	10\$378	\$519	\$043	\$412	2,42	\$134	\$429	\$509	2\$187
1 ⁷⁴	10\$323	\$516	\$043	\$410	2,43	\$132	\$431	\$506	2\$125
3 ²⁸	10\$267	\$513	\$043	\$408	2,45	\$131	\$433	\$503	2\$113
1 ²	10\$213	\$511	\$043	\$405	2,46	\$130	\$435	\$500	2\$102
5 ²⁸	10\$159	\$508	\$042	\$403	2,47	\$129	\$438	\$498	2\$091
3 ⁷¹	10\$105	\$505	\$042	\$401	2,49	\$127	\$440	\$495	2\$080
7 ²⁸	10\$052	\$503	\$042	\$399	2,50	\$126	\$442	\$492	2\$069
24—	10\$000	\$500	\$042	\$397	2,52	\$125	\$444	\$490	2\$058
1 ²⁸	9\$948	\$497	\$041	\$395	2,53	\$124	\$447	\$488	2\$047
1 ⁷⁴	9\$897	\$495	\$041	\$393	2,54	\$123	\$449	\$486	2\$036
3 ²⁸	9\$846	\$492	\$041	\$391	2,55	\$121	\$452	\$483	2\$026
1 ²	9\$796	\$490	\$041	\$389	2,57	\$120	\$454	\$481	2\$016
5 ²⁸	9\$746	\$487	\$041	\$387	2,58	\$119	\$457	\$478	2\$006
3 ⁷⁴	9\$697	\$485	\$040	\$385	2,59	\$118	\$459	\$476	1\$996
7 ²⁸	9\$648	\$482	\$040	\$383	2,60	\$117	\$461	\$473	1\$986
25—	9\$600	\$480	\$040	\$381	2,62	\$116	\$463	\$471	1\$976
1 ²⁸	9\$552	\$477	\$040	\$380	2,63	\$115	\$466	\$468	1\$966
1 ⁷⁴	9\$504	\$475	\$039	\$378	2,64	\$114	\$468	\$466	1\$956
3 ²⁸	9\$457	\$472	\$039	\$376	2,66	\$113	\$470	\$464	1\$946
1 ²	9\$411	\$470	\$039	\$374	2,67	\$112	\$472	\$461	1\$937
5 ²⁸	9\$365	\$468	\$039	\$372	2,68	\$111	\$475	\$459	1\$927
3 ⁷⁴	9\$320	\$466	\$038	\$371	2,70	\$110	\$477	\$457	1\$918
7 ²⁸	9\$275	\$463	\$038	\$369	2,71	\$109	\$479	\$455	1\$909
26—	9\$231	\$461	\$038	\$367	2,72	\$108	\$481	\$452	1\$900
1 ²⁸	9\$186	\$459	\$038	\$365	2,73	\$107	\$484	\$450	1\$891
1 ⁷⁴	9\$142	\$457	\$038	\$363	2,75	\$106	\$486	\$448	1\$882
3 ²⁸	9\$099	\$455	\$038	\$362	2,76	\$105	\$489	\$446	1\$873
1 ²	9\$056	\$452	\$037	\$360	2,77	\$104	\$491	\$444	1\$864
5 ²⁸	9\$014	\$450	\$037	\$358	2,79	\$103	\$494	\$441	1\$855
3 ⁷⁴	8\$971	\$448	\$037	\$356	2,80	\$102	\$496	\$440	1\$846
7 ²⁸	8\$930	\$446	\$037	\$354	2,81	\$101	\$498	\$438	1\$838
27—	8\$889	\$444	\$037	\$353	2,83	\$100	\$500	\$436	1\$830
1 ²⁸	8\$847	\$442	\$037	\$352	2,85	\$099	\$503	\$433	1\$821
1 ⁷⁴	8\$807	\$440	\$036	\$350	2,86	\$098	\$505	\$431	1\$813
3 ²⁸	8\$767	\$438	\$036	\$348	2,87	\$097	\$507	\$429	1\$805
1 ²	8\$727	\$436	\$036	\$347	2,88	\$096	\$509	\$427	1\$797
5 ²⁸	8\$687	\$434	\$036	\$346	2,90	\$096	\$512	\$424	1\$789
3 ⁷⁴	8\$648	\$432	\$036	\$344	2,91	\$095	\$514	\$422	1\$781
7 ²⁸	8\$609	\$430	\$035	\$343	2,92	\$094	\$516	\$420	1\$773
28—	8\$571	\$428	\$035	\$341	2,93	\$093	\$518	\$418	1\$675



JANEIRO

(31 DIAS)

- ☽ Cr. a 5 ás 7 h. 15' da t.
- ☾ Ch. a 12 á 1 h. 7' da t.
- ☾ M. a 20 ás 3 h. 3' da m.
- N. a 28 ás 2 h. 41' da m.

- 1 Terç. ✕ CIRC. s. Fulgencio
- 2 Quart. s. Isidoro
- 3 Quint. s. Antero
- 4 Sext. s. Tito
- 5 Sab. s. Simeão Estellita
- 6 Dom. DIA DE REIS
- 7 Seg. s. Theodoro
- 8 Terç. s. Theophilo
- 9 Quart. s. Julião
- 10 Quint. s. Paulo, 1º eremita
- 11 Sext. s. Honorato
- 12 Sab. s. Satyro
- 13 Dom. s. Hilario
- 14 Seg. s. Felix de Nole
- 15 Terç. s. Amaro
- 16 Quart. ss. mm. de Marrocos
- 17 Quint. s. Antão
- 18 Sext. s. Ammonio
- 19 Sab. s. Canuto
- 20 Dom. FESTA DO BOMFIM
- 21 Seg. s. Iñez
- 22 Terç. s. Vicente
- 23 Quart. s. Raymundo
- 24 Quint. N. Senhora da Paz
- 25 Sext. Convers. de s. Paulo
- 26 Sab. s. Polycarpo
- 27 Dom. FEST. DE N. S. DA GUIA
- 28 Seg. s. Cyrillo
- 29 Terç. s. Francisco de Salles
- 30 Quart. s. Martinha
- 31 Quint. s. Pedro Nolasco



FEVEREIRO

(29 DIAS)

- ☽ Cr. a 4 ás 3 h. 37' da m.
- ☾ Ch. a 11 ás 2 h. 28' da m.
- ☾ M. a 19 á 0 h. 52' da m.
- N. a 26 ás 4 h. 15' da t.

- 1 Sext. s. Ignacio
- 2 Sab. ✕ PURIFICAÇÃO DE N. SENHORA
- 3 Dom. s. Braz
- 4 Seg. s. André Cursino
- 5 Terç. s. Agueda
- 6 Quart. s. Dorothea
- 7 Quint. s. Romualdo
- 8 Sext. s. João da Matta
- 9 Sab. s. Apollonia
- 10 Dom. s. Escolastica
- 11 Seg. s. Lazaro
- 12 Terç. s. Eulalia
- 13 Quart. s. Gregorio
- 14 Quint. s. Valentim
- 15 Sext. s. Jovita
- 16 Sab. s. Porphyrio
- 17 Dom. s. Silvino
- 18 Seg. s. Theotonio
- 19 Terç. s. Conrado
- 20 Quart. s. Eleuterio
- 21 Quint. s. Maximiano
- 22 Sext. s. Leonidia
- 23 Sab. s. Lazaro
- 24 Dom. (Dia do Carnaval) s. Pretextato
- 25 Seg. s. Mathias
- 26 Terç. s. Cesario
- 27 Quart. de cinza
- 28 Quint. s. Leandro
- 29 Sext. s. Macario



MARÇO

(31 DIAS)

- ☉ Cr. a 4 ás 11 h. 13' da m.
- ☽ Ch. a 11 ás 5 h. 20' da t.
- ☾ M. a 19 ás 8 h. 53' da t.
- N. a 27 ás 3 h. 27' da m.

- 1 Sab. s. Adrião
- 2 Dom. s. Simplicio
- 3 Seg. s. Hemeterio
- 4 Terç. s. Casimiro
- 5 Quart. s. Theophilo
- 6 Quint. s. Olegario
- 7 Sext. s. Thomaz de Aquino
- 8 Sab. s. João de Deus
- 9 Dom. s. Francisca Romana
- 10 Seg. s. Militão
- 11 Terç. s. Candido
- 12 Quart. s. Gregorio
- 13 Quint. s. Sancha
- 14 Sext. s. Eutychio
- 15 Sab. s. Henrique
- 16 Dom. s. Cyriaco
- 17 Seg. s. Patricio
- 18 Terç. s. Gabriel, archanjo
- 19 Quart. s. José
- 20 Quint. s. Martinho Dum.
- 21 Sext. s. Bento, abbade
- 22 Sab. s. Emygdio
- 23 Dom. s. Felix
- 24 Seg. s. Marcos
- 25 Terç. ✕ ANUNCIAÇÃO
- 26 Quart. s. Ludgero
- 27 Quint. s. Ladislau
- 28 Sext. s. Prisco
- 29 Sab. s. Bertholdo
- 30 Dom. s. João Climaco
- 31 Seg. s. Benjamin



ABRIL

(30 DIAS)

- ☉ Cr. a 2 ás 6 h. 57 da t.
- ☽ Ch. a 10 ás 9 h. 24' da m.
- ☾ M. a 18 á 1 h. 35' da t.
- N. a 25 á 0 h. 37' da t.

- 1 Terç. s. Macario
- 2 Quart. s. Francisco dePaula
- 3 Quint. s. Ricardo
- 4 Sext. As 7 DORES DE N. SRA.
- 5 Sab. s. Vicente Ferrer
- 6 Dom. de Ramos. s. Marcellino
- 7 Seg. s. Epiphanio
- 8 Terç. s. Amancio
- 9 Quart. s. Demetrio
- 10 Quint. DE ENDOENÇAS
- 11 Sext. ✕ DA PAIXÃO
- 12 Sabb. de Alleluia
- 13 Dom. de Paschoa
- 14 Seg. s. Tiburcio
- 15 Terç. s. Lucio
- 16 Quart. s. Engracia
- 17 Quint. s. Aniceto
- 18 Sext. s. Galdino
- 19 Sab. s. Hermogenes
- 20 Dom da Paschoela
- 21 Seg. s. Anselmo
- 22 Terç. s. Soter e s. Caio
- 23 Quart. s. Jorge
- 24 Quint. s. Honorio
- 25 Sext. s. Marcos
- 26 Sab. s. Cleto, s. Lucidio
- 27 Dom. Fugida de N. Senhora
- 28 Seg. s. Paulo da Cruz
- 29 Terç. s. Hugo
- 30 Quart. s. Catharina



M A I O

(31 DIAS)

- ☾ Cr. a 2 ás 3 h. 47' da m.
- ☽ Ch. a 10 á 1 h. 47' da m.
- ☾ M. a 18 ás 2 h. 35' da m.
- N. a 24 ás 8 li. 36' da t
- ☾ Cr. a 31 ás 2 h. 36' da t.

- 1 Quint. s. Felippe e s. Thiago
- 2 Sext. s. Athanasio
- 3 Sab. Invenç. da Santa Cruz
- 4 Dom. O Patroc. de s. José
- 5 Seg. s. Pio V
- 6 Terç s. João Damasceno
- 7 Quart. s. Estanislau
- 8 Quint. s. Dionysio
- 9 Sext. s. Gregorio Nazianz.
- 10 Sab. s. Antonino
- 11 Dom. s. Anastacio
- 12 Seg. s. Joanna
- 13 Terç. N. Sra. dos Martyres
- 14 Quart. s. Bonifacio
- 15 Quint. s. Isidoro
- 16 Sext. s. João Nepomuceno
- 17 Sab. s. Paschoal Baylão
- 18 Dom. s. Venancio
- 19 Seg. s. Pedro Celestino
- 20 Terç. s. Bernardino deSenna
- 21 Quart. s. Manço
- 22 Quint. ✕ ASCENÇÃO DO SR.
- 23 Sext. s. Basilio
- 24 Sab. s. Afra
- 25 Dom. s. Gregorio
- 26 Seg. s. Felippe Nery
- 27 Terç. s. Ranulpho
- 28 Quart. s. Germano
- 29 Quint. s. Maximo
- 30 Sext. s. Fernando
- 31 Sab. s. Petronilha



J U N H O

(30 DIAS)

- ☽ Ch. a 8 ás 5 h. 20' da t.
- ☾ M. a 16 á 0 h. 14' da t.
- N. a 23 ás 3 h. 13' da m.
- ☾ Cr. a 30 ás 3 h. 55' da m.

- 1 Dom. s. Firmo
- 2 Seg. s. Marcellino
- 3 Terç. s. Ovidio
- 4 Quart. s. Quirino
- 5 Quint. s. Marciano
- 6 Sext. s. Norberto
- 7 Sab. s. Roberto
- 8 Dom. s. Salustiano
- 9 Seg. s. Feliciano
- 10 Terç. s. Margarida
- 11 Quart. s. Barnabé
- 12 Quint. ✕ CORPO DE DEUS
- 13 Sext. s. Antonio
- 14 Sab. s. Basilio Magno
- 15 Dom. s. Modesto
- 16 Seg. s. João F. Regis
- 17 Terç. s. Manuel e seus irm.
- 18 Quart. s. Leoncio
- 19 Quint. s. Gervasio
- 20 Sext. O SS. CORAÇÃO DE JESUS
- 21 Sab. s. Luiz Gonzaga
- 22 Dom. s. Paulino
- 23 Seg. s. João Sacerdote
- 24 Terç. ✕ s. JOÃO BAPTISTA
- 25 Quart. s. Guilherme
- 26 Quint. s. Salvio
- 27 Sext. s. Ladislau
- 28 Sab. s. Leão II, papa
- 29 Dom. s. Pedro e s. Paulo
- 30 Seg. s. Austriciano



JULHO

(31 DIAS)

- ☉ Ch. a 8 às 7 h. 50' da m.
- ☾ M. a 15 às 7 h. 19' da t.
- N. a 22 às 10 h. 34' da m.
- ♃ Cr. a 29 às 7 h. 41' da t.

- 1 Terç. s. Theodorico
- 2 Quar. ✕ VISITAÇÃO DE N. S.
- 3 Quint. s. Jacintho
- 4 Sext. s. Rosa de Viterbo
- 5 Sab. s. Philomena
- 6 Dom. s. Isaías
- 7 Seg. s. Pulcheria
- 8 Terç. s. Procopio
- 9 Quart. s. Veronica Juliana
- 10 Quint. s. Januario
- 11 Sext. s. Pio
- 12 Sab. s. João Gualberto
- 13 Dom. s. Anacleto
- 14 Seg. s. Boaventura
- 15 Terç. s. Camillo de Lellis
- 16 Quart. N. Sra. do Carmo
- 17 Quint. s. Christina
- 18 Sext. s. Symphorosa
- 19 Sab. s. Vicente de Paulo
- 20 Dom. s. Elias
- 21 Seg. s. Praxedes
- 22 Terç. s. Maria Magdalena
- 23 Quart. s. Apollinario
- 24 Quint. s. Aquilina
- 25 Sext. s. Thiago, ap.
- 26 Sab. s. Olympio
- 27 Dom. SANT'ANNA
- 28 Seg. s. Innocencio
- 29 Terç. s. Martha
- 30 Quart. s. Rufino
- 31 Quint. s. Ignacio de Loyola

AGOSTO

(31 DIAS)

- ☉ Ch. a 6 às 8 h. 46' da t.
- ☾ M. a 14 á 0 h. 48' da m.
- N. a 20 às 7 h. 34' da t.
- ♃ Cr. a 28 á 1 h. 22' da t.

- 1 Sext. s. Pedro *ad vincula*
- 2 Sab. N. S. dos Anjos
- 3 Dom. Invenç. de s. Estevão
- 4 Seg. s. Domingos
- 5 Terç. N. S. das Neves
- 6 Quart. Transf. do Senhor
- 7 Quint. s. Caetano
- 8 Sext. s. Cyriaco
- 9 Sab. s. Romão
- 10 Dom. s. Lourenço
- 11 Seg. s. Tiburcio
- 12 Terç. s. Clara
- 13 Quart. s. Hyppolito
- 14 Quint. s. Euzebio
- 15 Sext. ✕ ASSUMPÇ. DE N. S.
- 16 Sab. s. Roque
- 17 Dom. s. Joaquim
- 18 Seg. s. Floro, s. Lauro
- 19 Terç. s. Luiz
- 20 Quart. s. Bernardo
- 21 Quint. s. Joanna Francisca
- 22 Sext. s. Timotheo
- 23 Sab. s. Theonilla
- 24 Dom. s. Bartholomen
- 25 Seg. s. Luiz, rei de França
- 26 Ter. s. Zeferino
- 27 Quart. s. José de Calazans
- 28 Quint. s. Agostinho
- 29 Sext. Deg. de s. João Bap.
- 30 Sab. s. Rosa de Lima
- 31 Dom. O CORAÇÃO DE MARIA



SETEMBRO

(30 DIAS)

- ☉ Ch. a 5 ás 8 h. 36' da m.
- ☾ M. a 12 ás 5 h. 56' da m.
- N. a 19 ás 7 h. 17' da m.
- ♃ Cr. a 27 ás 8 h. 1' da m.

- 1 Seg. s. Egydio
- 2 Terç. s. Estevão
- 3 Quart. s. Eufemia
- 4 Quint. s. Rosa de Viterbo
- 5 Sext. s. Antonino
- 6 Sab. s. Libania
- 7 Dom. s. Anastacio
- 8 Seg. ✕ NATIVIDADE DA SS. VIRGEM
- 9 Terç. s. Sergio
- 10 Quart. s. Nicolau Tolentino
- 11 Quint. s. Theodora
- 12 Sext. s. Auta
- 13 Sab. s. Felipe
- 14 Dol. Exalt. da Santa Cruz
- 15 Seg. s. Domingos em Sor.
- 16 Terç. s. Cornelio
- 17 Quart. s. Pedro de Arb.
- 18 Quint. s. José de Cupertino
- 19 Sext. s. Januario
- 20 Sab. s. Eustachio
- 21 Dom. As DORES DE MARIA
- 22 Seg. s. Mauricio
- 23 Terç. s. Tecla
- 24 Quart. N. S. das Mercez
- 25 Quint. s. Firmino
- 26 Sext. s. Cypriano
- 27 Sab. s. Cosme e s. Damião
- 28 Dom. s. Wenceslau
- 29 Seg. s. Miguel Archanjo
- 30 Terç. s. Jeronymo



OUTUBRO

(31 DIAS)

- ☉ Ch. a 4 ás 7 h. 40' da t.
- ☾ M. a 11 á 0 h. 9' da t.
- N. a 18 ás 10 h. 11' da t.
- ♃ Cr. a 27 ás 2 h. 34' da m.

- 1 Quart. s. Verissimo.
- 2 Quint. Os Anjos da Guarda.
- 3 Sext. s. Maximiano
- 4 Sab. s. Francisco de Assis
- 5 Dom. N. Sra. do Rosario
- 6 Seg. s. Bruno
- 7 Terç. s. Apulco
- 8 Quart. s. Brigida
- 9 Quint. s. Dionysio
- 10 Sext. s. Francisco de Borja
- 11 Sab. s. Firmiano
- 12 Dom. s. Cypriano
- 13 Seg. s. Eduardo
- 14 Terç. s. Calixto
- 15 Quart. s. Thereza de Jesus
- 16 Quint. s. Martiniano
- 17 Sext. s. Edwiges
- 18 Sab. s. Lucas
- 19 Dom. N. Sra. da Piedade
- 20 Seg. s. João Cancio
- 21 Terç. s. Ursula
- 22 Quart. s. Maria Salomé
- 23 Quint. s. Romão
- 24 Sext. s. Raphael Archanjo
- 25 Sab. s. Crispim
- 26 Dom. s. Evaristo
- 27 Seg. s. Elesbão
- 28 Terç. s. Judas Thadeu
- 29 Quart. s. Feliciano
- 30 Quint. s. Serapião
- 31 Sext. s. Lucilla



NOVEMBRO

(30 DIAS)

- ☉ Ch. a 3 ás 6 h. 17' da m.
- ☾ M. a 9 ás 8 h. 52' da t.
- N. a 17 ás 3 h. 52' da t.
- ☽ Cr. a 25 ás 7 h. 56' da t.

- 1 Sab. ✕ Todos os Santos
- 2 Dom. s. Victorino
- 3 Seg. Commemoração dos Fiéis Defunctos
- 4 Terç. s. Carlos Borromeu
- 5 Quart. s. Zacharias
- 6 Quint. s. Severo
- 7 Sext. s. Florencio
- 8 Sab. s. Severiano
- 9 Dom. Patrocínio de N. Sra
- 10 Seg. s. André Avelino
- 11 Terç. s. Martinho
- 12 Quart. s. Livino
- 13 Quint. s. Eugenio
- 14 Sext. Traslad. de s. Paulo
- 15 Sab. s. Gertrudes
- 16 Dom. s. Gonçalo de L.
- 17 Seg. s. Gregorio Thaum.
- 18 Terç. s. Romão
- 19 Quart. s. Izabel
- 20 Quint. s. Felix de Valois
- 21 Sext. Apresent. de N. Sra.
- 22 Sab. s. Cecilia
- 23 Dom. s. Clemente
- 24 Seg. s. João da Cruz
- 25 Terç. s. Catharina
- 26 Quart. s. Pedro Alexandrino
- 27 Quint. s. Margarida
- 28 Sext. s. Gregorio, papa
- 29 Sab. s. Saturnino
- 30 Dom. s. Troyano



DEZEMBRO

(31 DIAS)

- ☉ Ch. a 2 ás 4 h. 39' da t.
- ☾ M. a 9 ás 9 h. 40' da m.
- N. a 17 ás 11 h. 4' da m.
- ☽ Cr. a 25 ás 11 h. 1' da t.

- 1 Seg. s. André
- 2 Terç. s. Bibiana
- 3 Quart. s. Francisco Xavier
- 4 Quint. s. Barbara
- 5 Sext. s. Geraldo
- 6 Sab. s. Nicolau
- 7 Dom. s. Ambrosio
- 8 Seg. ✕ N. S. DA CONCEIÇÃO
- 9 Terç. s. Leocadia
- 10 Quart. s. Melchiades
- 11 Quint. s. Damaso
- 12 Sext. s. Justino
- 13 Sab. s. Luzia
- 14 Dom. s. Agnello
- 15 Seg. s. Euzebio
- 16 Terç. s. Valentim
- 17 Quart. s. Lazaro
- 18 Quint. Nossa Senhora do O'
- 19 Sext. s. Fausta
- 20 Sab. s. Domingos de Silos
- 21 Dom. s. Thomé
- 22 Seg. s. Honorato
- 23 Terç. s. Servulo
- 24 Quart. s. Gregoriano
- 25 Quint. ✕ NASCIM. DE N.Sr.
- 26 Sext. s. Estevão
- 27 Sab. s. João Evangelista
- 28 Dom. Os ss. innocentes
- 29 Seg. s. Thomaz
- 30 Terç. s. Sabino
- 31 Quart. s. Silvestre

PARTE LITTERARIA

E

RECREATIVA



AO ROMPER D'ALVA

(INEDITO)

Pagina feia, que ao futuro narra
Dos homens de hoje a lassidão, a historia
Com pranto escripta, com suor sellada:
Dos parias miserrimos do mundo ! . . .
Pagina feia, que eu não possa altivo
Romper, pizar-te, recalcar, sumir-te! . .

CALASANS

Sigo só caminhando serra acima,
E meu cavallo a gallopár se anima
Aos bafos da manhã.
A alvorada se eleva do levante,
E, ao mirar na lagoa seu semblante,
Julga ver sua irmã.

As estrellas fugindo—aos nenuphares,
Mandam rutilas perolas dos ares
De um desfeito collar.
No horisonte desvendam-se as collinas
Sacode o véo de sonhos de neblinas
A terra ao despertar.

Tudo é luz, tudo aroma, murmurio.
A barba branca da cascata o rio
Faz orando tremer.
No descampado o cedro curva a frente,
Folhas e prece aos pés do Omnipotente
Manda a lufada erguer.

Terra da Sancta Cruz,—sublime verso
Da epopéa gigante do universo,
Da immensa criação,
Com tuas mattas, cyclopes de verdura
Onde o jaguar, que passa na espessura,
Rachia as folhas no chão;

Como és bella, soberba, livre, ousadal
Em tuas cordilheiras assentada
A liberdade está.
A purpura da bruma, a ventania
Rasga, espedaça o sceptro que s'erguia
Do rijo piquiá.

Livre o tropeiro toca o lote e canta
A languida cantiga com que espanta
A saudade, a afflicção.
Solto o ponche, o cigarro fumegando
Lembra a serrana bella, que chorando
Deixou lá no sertão.

Livre, como o tufão, corre o vaqueiro
Pelos mórros e varzea e tableiro
Do intrincado sipó.
Que importa'os dedos da jurema aduncos?
A anta, ao vel-os occulta-se nos juncos,
Voa a nuvem de pó.

Dentre a flor amarella das encostas
Mostra a testa luzida, as largas costas
No rio Jacaré.
Catadupas sem freio, vastas, grandes,
Sois a palavra livre d'esses Andes
Que além surgem de pé.

Mes o que vejo? E' um sonho!... A barbaria
Erguer-se n'este seculo, á luz do dia,
Sem pejo se ostentar.
E a escravidão—nojento crocodilo
Da onda turva expulso lá do Nilo—
Vir aqui se abrigar!...

Oh! Deus! não ouvés d'entre a immensa orchestra
Que a natureza virgem manda em festa
Soberba, senhoril,
Um grito que soluça afflicto, vivo,
O retinar dos ferros do captivo,
Um som discorde e vil?

Senhor, não deixes que se manche a tela,
Onde traçast: a criação mais bella
De tua inspiração,
O sol de tua gloria foi toldado . . .
Tcu poema da America manchado,
Manchou-o a escravidão.

Prantos de sangue—vagas escarlates—
Toldam teus rios—lubricos Euphrates
Dos servos de Sãõ.
E as palmeiras se torcem torturadas
Quando escutam dos morros nas quebradas
O grito de afflicção.

Oh! ver não posso este labéo maldicto.
Quando dos livres ouvirei o grito?
Sim . . . talvez amanhã.
Galopa, meu cavallo, serra aelma!
Arranca-me a este sólo. Eia ! te anima
Aos banos da manhã!

Castro Alves. (Recife 18 de Julho de 1865)

Rehabilitação do sapo—(ROSALINO, *comedia em 3 actos, de Guilherme de Azevedo*—Scena 6ª do acto 2.º)

Paulo—Tem medo exactamente da cousa mais inoffensiva do mundo. . . Um sapo! ●

O que é um sapo?

E' um velho peccador rehabilitado! considerado apenas hoje uma guarda vigilante dos jardins, com uma innocencia de pomba n'um corpo de monstro.

Não fazem mal a ninguem! Nem sequer são peçonhentos, está provado isto. Pelo contrario fazem um grande bem ás flores; livrando-as de uma multidão de insectos damnhinhos que infestam os jardins!

Ora, aqui está o que faz o sapo: faz sentinellas ás rosas!

Não ha nada mais offensivo!

Não sabe o que é o sapo? Um velho batalhador obscuro e calumniado! Supponha um grande canteiro de violetas. Os vermes conspiram nas trevas e formam o exercito de parasitas que vae dar batalha contra as flores. As columnas interminaveis avançau

intrepidamente. O sapo, o histrião ignobii, o grotesco na immobilitate do seu olhar penetrante como uma setta, vigia porem o inimigo. Ao vê-o appproximar-se avança cambaleando, com o passo desmanchado de um guerrilheiro que vae á carga e começa a carnagem de exterminio! o inimigo procura envolvê-lo e o sapo vence-o devorando!

Surgem do abysmo da terra novos combatentes que elle devora sempre e em quanto se dá a luta ignorada e titanica deste D. Quixote das flores, as violetas que o não conhecem, que nunca pensaram n'elle, que morreriam de horror se lhe tocassem; as violetas vão ao arruido da festa, ao esplendor das luzes, á gloria dos triumphos, brilhando no collo assetinado das mulheres, fazem io-se confidentes das almas virginaes, enfeitando a cella da diplomacia galante, enfelxando-se nos braços nervosos das actrizes, forrando-se na gloria e desfolhando-se no turbilhão, no entanto que elle, o sapo, o batalhador audaz, o obreiro esquecido, o legionario da sombra, batido por todas as ignominias e calcado por todos os desprezos, sempre no seu posto, morre espezinhado no caminho pelo primeiro que o encontra e que depois o espeta n'uma canna no cimo de um vallado, como exemplo de que o destino quer ainda que os que andam de rastros sejam desprezivelmente calcados pelos que andam de pé!

Ora aqui tem o meu amigo Rosalino um pequeno apologo, que podrá inscrever no seu album com este titulo: *As violetas e o sapo.*

O PÔR DO SOL

Como é bello contemplar-se
As cores vivas carmineas,
Que matisam o infinito
Formando ledo arrebol;
Alma repleta de gozo
Bem diz a mão portentosa,
que move o pincel divino
Nas horas do pôr do sol!

E o deus qual noivo vaidoso
Desprezando o carro d'ouro,
Que tomou pela manhã
Quando rasgou a cortina,
Nas dobras do rubro véu
Se embuça dizendo adeus,
E saudoso manda á terra
Traços de luz purpurina.

Mas antes de caprichoso
Deixar o vasto scenario,
Entre as gairas do occidente
Engasta-se qual saphyra,
Fazendo que os nossos peitos
Palpitantes rendam culto
A sua ingente belleza,
Dedilhando a terna lyra.

A ti, ó astro offuscante,
Eu tenho meiga affeição,
Se de manhã tu me encantas
Com teu brilho seductor,
A' tarde nos brandos raios
Que desprezades do poente,
Eu medito no meu Deus
Com mais crença, mais amor.

Amelia Augusta de Carvalho (Purificação dos Campos).

Uma companhia em aptros—Em um theatro da roça, uma companhia dramatica ambulante representava o popularissimo drama 29 *ou honra e gloria*. Os artistas, mal ensaiados, estropiaram horrivelmente os papeis. Ao terminar o espectáculo, o empregario, vindo á bocca da scena annuncia aos espectadores.

—Respeitavel publico, amanhã teremos a honra de representar, perante esta distincta sociedade, uma excellente comedia —*O philosopho sem o saber*.

—Na terra! exclama indignado o subdelegado, que assistia ao espectáculo; os senhores hoje representaram o 29 sem o saber; se amanhã tambem não souberem o *Philosopho*, mando trancaflal-os a todos no xilindró.

NOVA AURORA

**Offerecida ao Illm. Sr. Manuel da Silva
Lopes Cardoso**

Eis que assoma o anno novo!
Folga, brinca todo o povo,
Riem-se as flores no val!
O céu é mais magestoso,
O espaço mais grandioso.
A aurora mais festival!

A flor desponta no galho
Mais bella co'o novo orvalho,
Que lhe dá viço e vigor;
É a brisa passando breve
Vae fagueira e mui de leve
Affagar, beijar a flor.

Deus rasgando essa cortina,
Que encerra a luz matutina,
P'ra mostrar vivo arrebol,
Fita os olhos n'este mundo,
Sorrindo com ar jocundo,
Resuscita cntão o sol.

E o gigante redivivo,
Erguendo-se mais altivo
Lá dos limites dos céos,
Distingue o horizonte opposto
E co'alegria no resto
Sauda primciro a Deus!

Cá desperta o infante ledo
E supplica n'um segredo
A' mamã o seio seu;
E os roseos labios abrindo
Balbucia assim sorrindo
Para a mãe:—Papae do céu!

Ri-se a mãe á voz tão pura,
Toma o filho com ternura,
Leva aos seios maternas;
E nest'hora esplendorosa
Deus envia a esta rosa
Efluvios celestiaes.

Tudo é bello n'este dia,
Tudo diz-nos — poesia
Tudo canta-nos — amor! . . .
Que aurora meiga e risonha!
Que de esperanças se sonha
N'este instante encantador!

Eis que assoma o anno novo
Folga, brinca todo o povo,
Riem-se as flores no val!
O céu é mais magestoso,
O espaço mais grandioso,
A aurora mais festival!

Jose Augusto (Purificação dos Campos—Bahia).

Despedida—É do deputado portuguez Vieira de Castro, a carta que em seguida publicamos, dirigida ao sr. Machado de Assis, redactor do *Diario do Rio de Janeiro*:

« Meu querido poeta e amigo Sr. Machado de Assis.

Deixe-me trocar hoje a minha modestissima tribuna de orador pela sua tão galharda e tão elegante tribuna de jornalista. N'ella fallaram hontem as suas saudades pela minha proxima partida; consinta que no mesmo logar venham hoje as minhas dizer adeus a tantos corações affectuosos e a tantos espiritos eminentes que eu vou deixar n'esta terra meus eternos credores.

Levo d'aqui, meu querido amigo, a memoria das melhores impressões da minha alma e a saudade dos melhores enlevos do meu espirito.

Creia, meu querido poeta, na profunda sinceridade d'estas minhas palavras; e á alma privilegiada do cantor delicadissimo das crysalidas posso eu abrir-me em cheio confiando-lhe que até neste momento estou sentindo necessidade de dizer ao coração que hei de voltar aqui para poder convence-lo a partir.

De brazileiros, de portuguezes, de todos os estrangeiros, de quantas creaturas emfim repartiram comigo n'esta terra um quinhão da sua benevolencia e do seu affecto, de todos precisava eu de despedir-me e a todos devia eu deixar o meu ultimo abraço. É o que faço agora. Digo o meu adeus do alto da sua tribuna que foi a maior que eu conheci na imprensa da America, deixo o meu abraço no seu peito, que foi o mais generoso e o mais forte que eu senti bater ao lado do meu, sempre que entre nós se discutia ou meditava, uma idéa superior, ou uma deliberação generosa.

Ha não sei quantos dias, meu querido amigo, que um pulso cobarde e anonymo insinua nãs *mofinas* de alguns jornaes d'esta terra as mais perfidas aleivosias e calumnias contra mim. Pois creia, meu querido amigo, que nunca um só minuto logram essas ascorosas diatribes nem empanar-me a vista para a contemplação das maravilhas opulentas d'este mundo original, nem escurecer-me com uma levissima sombra as mil gratidões devidas a todos quantos aqui conheci e que serão immorredouras na minha memoria, como eu creio intimamente que ha de ser immorredouro o affecto no espirito fidalgo dos meus verdadeiros amigos, como eu sei com certeza que ha de ser tambem immorredoura a inveja, a imbecilidade e a cobardia nos corpos apodrecidos que trouxeram a este mundo estas tres coisas só; um peccado mortal por dote, uma impotencia por qualidade e uma sessão de raiva por aspecto!

Adeus, meu querido amigo. Fecho estas linhas mal escriptas nos sobresaltos da minha saudade, repetindo-lhe o que mil vezes lhe hei dito, que é uma esperanza consoladora para o meu espirito a que eu tenho de voltar ainda a esta terra d'aqui a alguns annos, e encontrar então ao lado da tribuna d'onde sahiram as estrophes da Corina, uma outra d'onde sahiram, promiscuamente com outros cantos, lições e discursos de moral politica e doutrinas sociaes, que o seu brillante talento e a sua privilegiada inspi-

ração tem já no futuro o duplo encargo de proferir e ensinar. E' isso mesmo o que lá estão fazendo a esta hora na minha patria, os seus irmãos Mendes Leal e Thomaz Ribeiro.

Adeus, meu primorosissimo poeta e excellente amigo.
Rio de Janeiro, 8 de abril de 1867.

José Cardoso Vieira de Castro

CHARADA

I

**Offerecida ao eminente charadista de
Palmeiras Illm. Sr. José Soares
da Silva**

Na minha primeira parte
Coisa grande encontrarás—2
Na segunda, uma cidade
Com certeza tu verás—2

Que o todo tambem é cidade
Ainda ousou affirmar.
E se acaso duvidares,
No mappa me vacs achar.

Orleans.

Os nomes—Os nomes têm uma tal ou qual influencia sobre os individuos.

Os *Gonçalos* passam pelos melhores maridos d'este mundo. As suas casas são tidas por casas de Orates. O nosso Gregorio de Mattos; ouvindo dizer sua mulher que a sua casa era *casa de Gonçalo*, jurou que todos os seus filhos chamar-sc-hião *Gonçalos*; e se o disse, melhor o fez.

Os *Pedros* são conhecidos como homens vivos, travessos na infancia e comprehendedores na mocidade. Já houve um *Pedro*, que compoz uma obra sobre os *Pedros*, provando que os *Pedros* têm sido entre nós os primeiros em todas as cousas. Foi um *Pedro* que descobriu o Brazil; foi um *Pedro* o seu primeiro bispo; foi um *Pedro* o seu libertador, e finalmente *Pedro* o seu actual Imperador.

Os *Manueis de Souza* são apontados como os mais simples. Os *Joãos Fernandes* como os mais ignoantes.

As senhoras tambem estão sujeitas á sua influencia.

As *Annas* passam pelas mulheres mais irasciveis. As *Marthas*, pelas mais comelonas

Comtudo ha r.umerosas excepções, pois existem *Annas* que são uns perfeitos anjos de mansidão, e *Marthas* que alli morrem do fome com medo de engrossarem a cintura.

MEMORIAS DE UM SACRISTÃO

(VERSÃO DO HESPAÑHOL)

I

Abril. Um baptisado.—Bello dia!
A criança nasceu em boa hora.
Por ser mulher, chamaram-na Maria.
E' a cara da mãe, encantadora.
Respingam-lhe agua benta; junto á pia
Sorriem todos e a criança chora...
Um homem, embuçado, mudo e serio,
Olla de longe: aqui anda mysterio...

II

Chegam de braços dados, bem vestidos,
O noivo—um rapagão, a noiva bella.
(Serão na alma como em corpo unidos?)
Testemunhas, da noiva—uns primos d'ella
E do noivo umas primas. Concluidos
Os juramentos d'elle e da donzella,
A mulher com um primo vae sahindo...
Vae o marido as primas conduzindo...

III

Um enterro.—Ditosa creatura!
Mataram-n'o ou morreu? Tudo é incerto.
A sós estamos sacristão e cura
Nem um amigo do cadaver perto!
Nascer para morrer... grande loucura!...
Não dobra o sino. O templo está deserto.
Deixo ao morto uma vela e fecho a porta.
Nascer, amar, morrer; depois... que importa?!...

Mucio Teixeira.

Uma nuvem esconde um bonito céu; um véo é certo
que occulta a cara mais feia que Deus, desesperado, atirou ao
mundo!

O véo é o passaporte falsificado com que uma mulher pre-
tende passar do paiz das furias para o paiz das cousas idéaes...

Um véo é uma traição!

Quando o veo occultar uns olhos que nos fitam, correi para
dentro de um trem e gritae ao cocheiro:

A galope!

Duas horas depois estareis salvos de um verdadeiro abysmo.

RISOS E LAGRIMAS

Ao meu dilecto amigo o pharmaceutico Joaquim Manuel de Sant'Anna

Eu soffro, e esta dor que me atormenta
E' um supplicio atroz!
E p'ra cantal—a falta á lyra cordas
E aos labios meus a voz!

CASIMIRO DE ABREU.

Oh! como é doce ao coração que soffre
Ouvir a voz que de um amigo vem!
Sente-se a alma se despir do lucto
E o riso aos labios despontar tambem!

Eu te agradeço! . . . A tua mão sincera
Que me estendeste, ao coração cheguei-a . . .
Para pagar-te quem me dera flores
Em vez das dores que minh'alma é cheia!

Todas t'as dera, mas da sorte o vento
Dispersa-as logo, mal abrindo vão!
E é por isso que me vês do peito
Só pet'las murchas alastrando o chão!

Ah! se soubesses quanto soffro agora,
Na meiga quadra que só risos tem,
Em vez do allivio que procuras dar-me,
Talvez comigo soluçasses bem!

Não achas triste o coração em lucto,
Sem uma esp'rança no futuro achar
Ouvir dizer: «E's bem feliz!» por verem-me
Sorrindo sempre— para não chorar?

Não achas triste comprimir o peito,
Pedir-lhe risos—quando tem só dores
P'ra dar ao mundo que feliz me julga
Vendo-me ainda na estação das flores?

Não achas triste ver bem perto um anjo
Meigo, tão lindo como os astros são,
Tentar seguil-o, porque a vida é nelle,
Se mais não fosse, p'ra beijar-lhe a mão;

E ver a sorte espesinhar cruenta
Sonhos tão bellos, sem nenhum pezar
Sem ver que as crencas da minh'alma virgem
Pallidas deixa pelo chão ficar? . .

Vel-a tão bella, aureolada a fronte
D'aquella luz que só nos vem do céu;
Depois sorrindo, a nos fitar tão terna,
Como quem diz: meu coração é teu?

Vel-a passar, e o coração em ancias,
Tendo desejos de afogal-a em beijos,
Estortegar-se em convulsões horribeis
Vendo que a sorte só lhe dá motejos?

Vel-a de dia acompanhar-nos sempre,
A' noute—em sonhos—divinal ficção,
Sem uma esp'rança de dizer-lhe: és minha ...
Tudo isto é triste! pois não é, irmão?...

Eu te agradeço! ... A tua mão sincera
Que m'estendeste ao coração cheguei-a ...
Para pagar-te quem me dera flores
Em vez das dores que minh'alma é cheia!

Arthur Valeriano (Cachoeira—1883).

Convidando alguns mancebos a Henofanes para jogar aos dados, elle respondeu que se não atrevia a isso, porque era prohibido; e como o taxassem de cobarde, respondeu:

—Não o nego, nem d'isso me envergonho, que para acções deshonestas me falta o valor.

LOGOGRIPHO (I)

6-16-13-12—Duas aves, —5-10-4-8-16
Um tecido—3-2-15-12-7-14
9-2-15-13-2—E tambem dois animaes,—4-2-8-10-15-16
Uma antiga divindade—11-15-10-13-16
Eis o todo. P'ra que mais?
Se, porem, pelo conceito,
Esperaes decifração...
E' um emprego, vae pedil-o
Na Turquia ao Grão Sultão.

Eufrosina de Mattos (Bahia—Plataforma).

O padre Antonio Vieira—O padre Antonio Vieira, da ordem dos jesuitas, nasceu em Lisboa aos 6 de Fevereiro de 1608.

Em 1615 veio para a Bahla, em companhia de seu pae, Christovão Vieira Ravasco, que fora despachado secretario do estado do Brazil.

Em 1625, fugiu da casa paterna, para entrar no collegio dos jesuitas.

Em 1626 era lente de rhetorica no collegio de Olinda, em Pernambuco.

Em 1635, celebrou a sua primeira missa.

Embarcou na Bahia para Lisboa, aos 27 de Fevereiro de 1641.

Prégou ante o Rei D. João IV e a côrte portugueza no dia 4º de Janeiro de 1642.

Embarcou em Lisboa para o estado do Maranhão, em 22 de Novembro de 1652, chegando alli aos 17 de Janeiro de 1653.

Embarcou no Maranhão para Lisboa aos 16 de Junho de 1654.

Regressou ao Maranhão, embarcando em Lisboa aos 16 de Abril de 1655, e alli chegando aos 17 de maio do mesmo anno, e voltando preso a Lisboa em 1661.

Esteve preso e incommunicavel nos carceres da inquisição de Colmbra 27 mezes; e d'ahi foi tirado para ouvir ler a sentença contra elle proferida em 23 de Dezembro de 1667, que assim conclue:

«Mandam que o réo padre Antonio Vieira ouça a sua sentença na sala do santo officio, na fórma costumada, perante os inquisidores, e mais ministros, officiaes e algumas pessoas religiosas e outras ecclesiasticas do corpo da universidade, e seja privado para sempre—*de voz activa e passiva e do poder de prégar*—e recluso no collegio ou casa de sua religião, que o santo officio lhe assignar, d'onde sem ordem *sua não sahirá*, e que por termo por elle assignado se obrigue a não tratar mais das proposições de que foi arguido no curso de sua causa, nem de palavra, nem por escripto, sob pena de ser rigorosamente castigado; e que depois de publicada a sentença, o seja outra vez no seu collegio d'esta cidade (Coimbra) por um dos notarios do santo officio em presença de toda a communiidade, e que da maior condemnação que por suas culpas merecia,—o relevam—havendo respeito ás sobreditas d'istencias e retractação e varios protêstos que tinha feito de estar pela censura e determinação do *santo officio* depois que n'elle se vissem a explicação e intelligencia que ia dando a todas as suas proposições de que se lhe tinha feito carga; e ao muito tempo de sua reclusão e a outras considerações que no caso se tiveram e pague as custas.»

Esta sentença, cuja leitura durou duas horas e um quarto em presença de um grande auditorio, foi ouvida pelo padre Vieira, de pé, com os olhos fitos e pregados na imagem do Crucificado, pendente da sala, sem fazer o menor gesto ou movimento, nem que fora uma indifferença tão altiva, que dir-se-lia estar appel-

lando da sentença para a opinião do mundo onde brilhará, e onde esperava sem duvida obter estrondosa reparação no meio de novos applausos.

D'essa sentença foi o padre Vieira perdoado em Julho de 1668.

Aos 27 de Janeiro de 1681 embarcou de Lisboa para a Bahia. Segundo os escriptos do illustrado João Francisco Lisboa, falleceu elle na Bahia aos 18 de Julho de 1697, com quasi noventa annos de idade, e 75 de professo na ordem, recebendo todos os sacramentos, e com todas as mostras de conformidade e piedade christã.

Alguns escriptores dão seu fallecimento em 11 de Julho.

O padre Vieira tomou grande parte nos acontecimentos politicos que se deram em Portugal, depois da restauração de 1640, do dominio hespanhol.

E' autor de varias obras, e foi um dos melhores pregadores d'aquella epocha, e teve grandes qualidades oratorias, enchendo de admiração todos os que o ouviam. O seu sermão pregado na Bahia pelo successo das armas de Portugal contra a Hollanda que começa—*Exurge, quare abdormis, domine*—é um dos mais notaveis.

ROSA

Rosa colhia sosinha
Lindas rosas no jardim;
E nas faces tambem tinha
«Rosas» de cor de carmin.

Cheguei-me e disse-lhe: Rosa
Qual d'essas rosas me dás?
As da face primorosa,
Ou essas que unindo estás?

Ella fitou-me sorrindo;
Inda mais enrubeceu,
Depois ligeira fugindo
De longe me respondeu:

«Não dou-te as rosas das faces
Nem as que tenho na mão,
Daria, se me estimasses,
As rosas do coração!»

Afonso Celso Junior.

N'um paiz civilisado—O autor de uma obra moderna sobre viagens, depois d' referir o modo como durante uma tempestade foi lançado sobre uma costa para elle desconhecida, conclue com estas palavras: «Havia andado onze horas sem achar se quer vestigios de ente humano: opprimido pela necessidade e cansaço começava já a desesperar, quando fui agradavelmente surpreendido pela vista consoladora de um homem pendurado n'uma torca. Difficil fora expressar o prazer que me causou este grato espectáculo, pois logo me convenci de que estava n'um paiz civilisado.»

COITADA

—Que novas dá, Sr. padre?
Certa moça perguntou
Ao capellão da fazenda,
Depois que a missa acabou.

Tal ouvindo, a enorme bocca
Ella poz-se a contrahir.
Dizendo—vancê tem cousas
Que faz a gente se rir!

—Muitas, responde, importantes.
Entre as quaes causa mais pena
A lei que obriga a casar-se
Mulher de bocca pequena.

—Não é isso o que admira,
Lhe volve o padre, isso é nada;
Obriga a ter dez maridos
As que têm bocca rasgada!

—Oh! devóras, Sr. padre,
Diz ella, dou-lhe os amens!
E abriu a bocca que entrava
Um pão de quatro vintens...

A. A.

Voltaire—Difficilmente haverá pessoa dotada de mediana instrucção que não conheça Voltaire . . . de nome já se sabe, pois que poucos são aquelles que o conhecem pelas suas obras, e ainda menos, se alguns ha, os que as tenham lido todas.

O mais extraordinario, porem, de tudo isto é que Voltaire não se chamava assim de appellido, senão que tal nome é um dos 432 pseudonimos com que elle firmou os seus escriptos.

O verdadeiro nome de Voltaire, segundo a respectiva certidão de baptismo, inscripta nos livros da parochia de Santo André das Artes, de Paris, é Francisco Maria Arouet, filho de Francisco Arouet, cons. do rél e antigo notario do Chatelet de Pariz.

CARLOTINHA

Não ha quem não conheça Carlotinha,
A menina gentil, a moreninha,
O mais bello primor entre os primores!
Nunca vi tanta graça e singeleza!
Foi capricho talvez da Natureza,
Fazendo-a assim para matar as flores.

No cantar ella excede as filomenas.
Tomam ás vezes proporções de estrellas,
Os seus olhos de origem nillaneza.
No correr de seus dias inquietos,
Ella reparte os juvenis affectos,
Com um *boneco* de louça japoneza.

Para mostrar quanto é perfeita, basta
Dizer-vos só, que essa Dolóres casta,
Vae muito além das creações da Muza!
Dos liarens da belleza ella é sultana,
Tem alguns toques de circassiana,
E meneios gentis de uma andaluza.

A chamam malcreada, caprichosa,
Não lhes acho razão, porque a roza
Nunca aprendeu as regras do *bom tom*...

Gosto ás vezes de vê-la impressionada,
Com a leitura, que faz exaggerada,
Dos romances nervosos de Pouson.

O que d'ella se diz é por despeito.
Eu duvido que mimo mais perfeito,
A' terra concedesse Jehovah,
Seus dedinhos são todos—sentimento—
Quando ella vibra as cordas do instrumento
Predilecto das flores de Judá.

Merce bem que se lhe dê um throno!
Já vi, só por fita-a, em abandono,
Sorrir lascivo o clerical recato;
Se de Roma viesse Leão XIII
E visse Carlotinha a—*gracieuse*—
Com certesa abolia o celibato.

Th. de Moura.

LOGOGRIPO (II)

**Offerecido á Exma. Sra. D. Felismina
M. Negrão, autora do
logogripho do Almanach do «Diario
de Noticias», pag. 47, de 1883**

Exma. Sra.—Passo a fazer a V. Exa. a descripção de uma viagem que empreendi, percorrendo a Europa e parte da Ázia. Ser-me-hia a mais agradável possível, se n'ella se não dessem alguns contratempos que não podia prever. Assim atravessando uma ponte—8-13 12-5, deparei com certo animal—13-4-9-7, que, ainda que inoffensivo, metteu-me grande susto; tanto que lancei mão de uma—3^{da} 7-3-10-13 para ferir-o. Para descansar procurei a sombra de uma—4-10-8-13, onde adormeci. Acordei, porém, sobresaltada, por sentir pular sobre mim uma—5-6 1-13, animal

venenosissimo. Livre d'elle, continuei minha viagem, e, atravessando uma matta espessa, encontrei um—14-2-3-10-5 que, pulando pelas arvores, dava gritos e fazia momos que me fizeram rir. Seguindo, cheguei á—8-13-12-4-13, importante cidade onde presenciei um medonho espectáculo. Imagine V. Ex. um terrivel incendio! Não querendo permanecer inerte, lancei mão de um—9-13-3-13 e comeci a lançar agua para apagal-o. Mezes depois atravessei o rio—10-4-4 e alli vi um peixe—13-1-5-13-3-13 que comprei por bom dinheiro. Cheguei depois a uma hospedaria, onde vi um santarrão affectado—8-13-12-13-3-13-11 que, trocando o z em s, com tal vestimenta—3-5-1-10, fazia rir a todos. Alli ouvi uma canção—13-8-10-2-13 tão bem entoada e uma especie de dalsa—1-10-1-13, que tive saudade do meu charo Brazil. Finalmente sendo já tarde, olhei para o ponteiro do relógio—4-4-5-3-5-4 que marcava meia noite. Adormecei, e no dia seguinte voltei para a minha presada patria, onde dois mezes depois cheguei, e me acho ao dispor de V. Ex.

Celecina C. de Mattos. (Bahia, Plataforma).

DESCRENÇA

A meu irmão Manuel da Silva Lopes Cardoso

Quem pode alegre ter a voz sentida
Se a pobre vida lhe murchar em flor?
* * * *Verdades*

Tu tens, irmão, crenças inda,
Firme a esperança no porvir?
Na vida, p'ra ti tão linda
Nunca pensaste o mentir?
Innocente, nos teus sonhos,
Nesses instantes risonhos
Nunca um anjo te sorriu?
Não te ergueste pressuroso,
E não chamaste ansioso
A visão que te fugiu?

Nos salões não procuraste
Essa visão tão divina?
Quando depois encontraste
Essa belleza peregrina,
Não a seguiste constante
E com a alma delirante
Não lhe cahiste a seus pés?
Não sentiste então desejos
De inprimir-lhe mil beijos
Nos labios uma só vez?

E quando longe do mundo
A sós com ella te olhaste,
Em um delirio profundo
Dize-me: não perguntaste:
—Donzella, anjo do céu,
Minha vida, encanto meu,
O que sentes tu por mim?!—
Toda tremente de pejo,
E não lhe ouviste entre um beijo,
Dizer-te:—um amor sem fim!

Não te sentiste orgulhoso
De seres por ella amado?
E não exultaste vaidoso
De te veres adorado?
Com o coração palpitante
Não quizeste n'esse instante
De toda a terra dispôr?
Coração, alma, riquezas,
Amor, glorias e grandezas,
Tudo aos pés ir-lhe depôr?

Mas depois quando trahido
No mundo te viste só,
Ante essa dama abatido
Não rojaste a fronte ao pó?
D'aquelle rosto tão liso
Não te matou um sorriso
D'escarneo os affectos teus?
Não te sentiste descrente,
Não te tornaste indifferente,
Não renegaste o teu Deus?

Se tu, irmão, nunca amaste
Cá na terra uma mulher,
Se tu nunca lhe votaste
Um pensamento sequer:
Se assim é, podes viçosas
Colher em botão as rosas,
Exultar, sorrir á sorte!
Eu não posso, que á minh'alma
Do soffrer deram-lhe a palma,
Tem um só anhelo—a morte!

Tambem tive outr'ora crença,
Firme a esp'rança no porvir:
O amor... morreu á nascença...
Não m'o deixaram fruir!...
Foi no deserto—tão sosinho
Vi uma pobre florinha
Tão linda, que a colhi;
Era uma rosa tão bella,
Tão pura e tão singella,
Como nunca a vira assi!

Level-a ao pecto com ancla
Quiz dar-lhe vida, e calor;
Embriagou-me a fragrancia,
Que exhalava aquella flor.
Amei-a—e n'um momento
Alma, vida, o pensamento,
Tudo junto lhe votei.
Em troca dos meus carinhos
Deu-me só acres espinhos
Negras penas, que eu penei!

E depois, negro mysterio!
O que tu!... nem eu o sei...
Pela paz do cemiterio
Bem largo tempo anciei...
A turba via-a indifferente
Passar por mim inclemente
Sempre a rir, sempre a zombar.
Pedi então á amizade
Esmola de piedade
Um pranto por meu penar!

Mas a amizade mentiu
Como mentira o amor;
As preces não m'as ouviu
Deu-me em paga o dissabor.
Voltei-me então para Deus,
E quiz ver se lá dos ceus
Tinham de mim compaixão:
Eugano! nem uma estrella
Jamais vi refulgir bella
A dizer-me o seu perdão!

Que m'importa pois a terra;
Suas bellezas sem fim,
Se de tudo o que ella encerra
Já nada me falla a mim?
Como pode amar a vida,
Quem, como eu, já roida
Sente a alma de tormentos?
Eu pedi á terra amores,
Em troca deu-me só dores,
Escarneo em vez de lamentos! . .

Bem quizera, irmão, dedicar-te um canto.
De paz e amor
Em vez do que pediste—hymno santo—
Dei-t'o de dor.

Se eu sentisse no peito immensas inda
As creanças d'outro viver!
Em vez d'um canto d'uma dor infinda
Dava-t'ó de prazer.

Mas não sinto! Cadaver já velho d'alma,
Perpasso só
Por entre a turba que sorri e folga. A calma
Vejo-a no pó! . . .

Se um dia em campo agreste
Lá vires acaso pobre campá
Tão sosinha,
Planta sobre ella um cypreste
E' a minha.

Dr. *José Lopes Cardoso*. (Coimbra—1856.)

Subdelegado modelo—Um tenente-coronel da roça, passando a subdelegacia ao seu supplente, enviou-lhe o seguinte officio:

Subdelegacia de tal, etc.—Tendo morrido a defuncta minha mulher, e eu estando com nojo d'ella, passo-lhe a vara.—Deus guarde a V. S.

TUDO ACABOU-SE!

A Virgilio Cunha

To die, is lauding on some silent shore
Where billows never break, nor tempests roar:
Ere well we feel the friendly stroke, 'tis o'er.

S. GARTH.

Pouco a pouco esta luz que bruxoleia
No mis'ro coração sinto esvair-se;
E vejo—amiga, fascinante—abrir-se
A cova—a paz porque minh'alma anceia!

Tudo acabou se!... agora... monodias!...
Que fatal despertar de um sonho pulchro!..
Agora... os fogos fatuos do sepuchro
Pallidos, tristes a esclarecer meus dias!...

Tudo acabou-se!... Que me resta agora?
O tredo relembrar d'aquella aurora
Que cedo se obumbrou, e jamais vem!...

Depois... oh! sim... no chão da morte a vida!...
Terei sempre uma aurora esclarecida
Do pranto que chorar a minha mãe.

Arthur Valeriano. (Cachoeira—1883).

Os animaes servindo de barometro—

Os leitores que quizerem *evitar* as variações atmosphéricas, basta lêr as seguintes observações, feitas por uma reunião de sabios e agricultores.

Antes da chuva:

As andorinhas rastejam á superficie do solo.

Os lagartos occultam-se.

Os passaros lustram as pennas.

As frangas e as gallinhas sacodem-se na terra.

Os peixes saltam fóra d'agua.

Os passaros batem as azas e banham-se.

Os burros, bois e cavallo aspiram o ar e depois recolhem-se á sombra, viram-se contra o vento, e saccodem as orelhas.

Os carneiros deixam o pasto com pezar.

As cobras escolhem os logares abrigados.

Os cães tornam-se preguiçosos.

Os gallos batem as azas e cantam á horas que não são do costume.

Os pavões gritam do alto das arvores.

Os pardaes juntam-se em bandos numerosos e dão gritos incessantes.

As rãs grasnam.

O cardeal aproxima-se das habitações.

As abelhas deixam com desconfiança o cortiço e não se afastam para muito longe.

As formigas transportam activamente seus casulos.

O caracol faz a sua apparição.

Mudança para bom tempo:
**

Os mosquitos voam, á tarde, em columnas numerosas que elevam-se no ar.

As pequenas rãs apparecem dando pulos.

Os signaes seguintes indicam um vento proximo:
**

As bestas saltam e sacodem a cabeça.

Os carneiros voltam alegres e de frente erguida.

Os porcos transportam pallia na bocca, rosnam e saccodem-se.

Os gatos arranham as arvores e as cercas.

Os gansos ensaiam voar e estendem as azas.

Os pombos batem fortemente as azas voando;
 As andorinhas conservam-se de um lado das arvores, affm de
 se alimentarem dos insectos que se abrigam do lado opposto ao
 vento.

*
 * *

Antes da tempestade:
 O tordo grande canta forte e por muito tempo.
 As andorinhas do mar deixam a costa para penetrar no in-
 terior das terras.
 O porco-marinho reúne-se em bandos que penetram nos rios,
 ou approximam-se das costas.
 Os martinetes afastam-se das cidade e voltejando acima das
 campanhas, dão grilos agudos.

LOGOGRIPO (III)

(POR LETTRAS)

**Offerecido ás illustres Senhoras que col-
 laboram no presente Almanach**

Co tempo mais lindo—ás florinhas singellas
 —rmanam tão bellas, vós filhas de Deus!
 Semblantes risinhos mostraes como d'anjos,
 Ternura d'archanjos, sorrisos dos céus!
 —ngenuas florinhas das auras amadas,
 Zascidas, creadas no mesmo rosal,
 Colher-vos só pode u'a mão toda neve,
 Locar-vos só deve u'a mão divinal.
 >i! flores, dizei-me, fallae só a mim:
 Quem vós que seria do meigo jardim? . . .

erverso, avaro, affligidor de fama—16-13-11-9-20-6-7-12
 olvida o drama que passou-se aqui!—7-14-4-16-8
 rpxia agora sob duros ferros—1-20-4-4-6-7-16-15.
 eus propios erros, oh! cruel—ahi!—16-6-7-14-15.
 —niquo, monstro, vil ladrão famoso—3-6-9-17-20-19.
 e viu leproso—castigado assim!—20-15-9-14-5.
 >i! foi ainda por Deus castigado—1-20-8-16-12.
 sendo lançado na masmorra emfim!—7-20-10-7-2-14.

mpela patria quem doou a vida?—6-17-18-4-10-14.
 Cma rainha, unta heroína q'rida.—7-16-11-14-3-4.

calor tiveste que assombrou o mundo,—10-16-19-5-14-12.
 Oli! gran tribuno d'outra terra—alem!—1-18-3-16-9-14-7.
 abio, notavel, escriptor profundo.—6-8-12-9-5-18-11.

Sempre lutando—que padrão de gloria!—11-7-18-5-2-4-10.
Assim a historia nos relata e diz;—13-16-8-17-14
Um simples pagem—teve boa sorte!—4-19-14.
Deram-lhe a morte seus vigias vis—20-17-12-9-11-2-3.
Oh! mas que importa se isto mesmo quiz!

Soffrer martyrios
Que alguém não crê,
Sempre em defeza
Da santa fé.

José Augusto (Purificação dos Campos).

Um letrado mui gottoso, em um dos fortes ataques que tivera da gotta, disse ao creado que procurasse uns sapatos de camurça preta, que tinha mandado fazer de proposito para essas occasiões. O creado, depois de procurar muito, soube da creada que o aguadeiro os havia roubado no dia em que fora despedido, e por isso em um accesso de colera dava a todos os diabos o ladrão domestico. Ouviu o letrado a vozaria, e perguntando o que era soube do roubo, e então voltando-se para o creado lhe impoz silencio com estas palavras:

—Basta, João, não lhe rogues mais pragas, deixa-o em paz com os sapatos, que eu o que desejo sómente para seu castigo, é que elles lhe sirvam nos pés.

ADEUS

Uma vez, n'uma camara elegante,
De um contador no marmore de rosa,
Entre os mil nadas feminis que exhalam
Uns aromas subtis que nos embalam,
Vi uma concha pallida e graciosa.

Sentira eu n'ella um som confuso e triste,
Como o dos sinos em remota aldeia.
Pobre concha! morria de saudade
D'aquella vaga e triste immensidade
Do mar que chora na deserta areia.

Olha, querida, como n'essa concha,
Anda chorando em mim continuamente
Essa tímida voz que tu soltaste,
Essa palavra ADEUS que murmuraste
Aos meus ouvidos languida e tremente!

Gonçalves Crespo.

Tres cousas ha para que o homem nunca se cança de olhar: O céu, o mar e as mulheres.

Dizia Mery—Querem saber a razão porque?

E' porque estas tres partes da creação não tem em dous dias seguidos a mesma physionomia.

FIDALGUIA

A Raymundo Alexandre Pereira

Era nobre de mais. . . Nunca dormiu no chão,
Nem fora com o fuziço á beira do fogão,
P'ra farejar o *beeff* ou prescrutar a ceia.
Dissoram até que tinha o sangue azul da veia
Dos ativos barões da côrte imperial.
Jamais tivera um só desejo trivial
Para roer um osso, a nobre cadelinha
Ciosa de cingir a coroa de rainha!

Pulava de contente ao som da *Fidalguia*,
Conforme se a chamava em ares de attenção.

Era este para ella o seu maior braço!

Um dia houve na casa a festa da Bastilha,
Anhora d'esse sol que eternamente brilha
No lucido frontal de cada geração!
Tocou-se a *Marselheza*! Ouviu-se uma ovação!

Sabiu de cada peito estrepitoso bravo.
E fez-se cidadão ao desdenhado escravo;
A perola do lodo, o pária social
P'ra quem já se prepara a ode triumphal!
Em meio do prazer,—n'al gre combustão
Do rir da Liberdade aos fogos da Razão
Desponta *Fidalguia* uivando de furor!
A mastigar de odio—a praguejar de horror,
Por ver o despotismo allí se trucidando
E morre de terror—terror o mais nefando ..

Avante a *Marselheza*!—Erguendo-se os convivas
Bradam firmes, de pé, no phrenesi de vivas:
E' tempo de ruir-se a base ao preconceito!
E' tempo de erigir-se o throno do Direito!
Bem como este animal ha de morrer um dia
Em frente da Igualdade a rubra—fidalguia

Salles Barbosa. (Recife—Julho—1883).

Ceto medico encontra-se com uma senhora sua cliente, mas doente imaginaria, e esta na fórma do cacocete entooou-lhe o *kirie* de seus achaques.

—Sr. Doutor, tenho dôr de cabeça que parece martelladas; dôres de barriga como se m^ãa torcessem com tenazes, e finalmente tenho barras de ferro no estomago.

—Diabo, replicou o medico, a senhora não é um caso pathologico, é uma casa de ferragens.

CHARADAS

II

Uma mulher por malicia—1
A este homem chamou vil—1
Se tres arranjar, das duas,
Fica insecto do Brazil.

III

(DUPLICADA)

Da esquerda p'r'a direita
Um peixe grande terá;
E, às vessas, caminhaudo,
Uma deusa é que terá.

IV

(EM LOSANGO)

A primeira é consoante;
N'uma urna—máo destino.

Verbo muito Irregular.
A segunda... e masculino
Dizem no Lacio, mas nunca
Um rapaz, nem um menino.
Se mostra, a terciã, fereza,
A crueldade egualada,
Tambem se póde dizer
Floco de seda delgada.
Se diz da quarta uma gomma,
Quasi forma uma cidade,
Sendo a quinta, da primera.
Uma real paridade.

V

(EM QUADRO)

Tendo uma ave aqui primeiro,
Depois um peixe, hade, hade
Desferir, n'esta trombeta,
O nome d'esta cidade.

VI

(NOVISSIMAS)

1-1 —E' uma contracção cada propheta.

VII

1-2—O homem por ser quadrupede não deixa de ser peixe.

VIII

1-1—De um deus e de um pronome fizeram os pagãos uma divindade.

Silva Freire. (Bahia).

AO PIANO

Tu me pedes que venha recitar. . .
Queres ouvir um pobre peito humano?
 Não posso me negar.
 Vem, senta-te ao piano,
 Aqui, perto de mim.
Os anjos lá no céu fazem assim. . .
Derrama esta colmeia de harmonias.
 Que doces melodias!
 Parece que o teclado,
 Aos beijos de teus dedos,
 Se sente apaixonado,
Que baixinho te conta os seus segredos.

Quem tal dirla! E' mesmo uma doidice!
Tremem as notas a chorar meiguice
 Em languida expressão!
Os suspiros que d'ella vão partindo,
Um por um de inveja vão fugindo!
Se acaso elles de pennas se formassem,
Talvez que em suas azas te levassem
 A' sideral mansão.
Que luta! . . . Só por causa de u'a mão!

 Faz rebentar ciumes
O contacto, meu Deus, entre o marfim
E esta mão tão pequena, de setim,
Thuriblo santo a derramar perfumes!

Fora loucura se eu quizesse agora
 Beijal-a em efusão.
 Aqui, n'esta mesm' hora
Por certo o beijo rotaria ao chão.
 Se é tão pequena a mão! . . .
Talvez que guarde o pranto de uma aurora. . .

 Nunca suppuz que Deus,
 Descendo lá dos céus,
 Tivesse paciencia
De formar u'a mão tão linda assim:
De petalas de rosas e jasmim,
Toda embebida em divinal essencia !!
Oh! nada, nada este primor explica.
Não a metas na luva de pellica
 Que a podes machucar.
Olha, esconde-a nas faixas do luar.

Que mão! . . . Faz logo respirar de amors
A quem fita-a assim.
E' bem capaz, entrando n'um jardim,
De ciumes matar ás outras flores.

Th. de Moura.

O poema da linha—Da tormosa comedia de Guilherme de Azavedo, *O Rosalino*, que tão boas gargalhadas arrancou ao nosso publico, extrahimos o seguinte interessante trecho:

PAULO, *olhando um bordado*—Quantos milharcs de pontos são necessarios para formar uma d'estas pequeninas folhas!

E' o poema da linha, obscuro poema da linha, que no fim de contas é em extremo semelhante ao poema da vida.

Um fio que sahe, que se sobrepõe em mil voltas, que se enrosca sobre si mesmo como uma pequenina serpente, e que depois de se enleiar, de se recurvar, de se contorcer ao toque magico de uma pequenina agulha d'aço, dá finalmente uma flor! Uma flor que lia de enfeitar muitas vezes durante uma hora a vida dos outros e que depois lhes cairá aos pés na indiferença das cousas inuteis e desprezadas.

O TEMPO DA SECCA

E' Julho que surge, o sol vae ardente,
A terra 'stá quente;
A relva do monte se vê já seccar;
As aguas do lago, da fonte, do prado
Já têm abaixado:
A sede do sol se quer saciar.

Feliz sertanejo de fé não mentida,
De crença subida!
Teus votos sinceros de balde não são;
Tu foste attendido, o bem providente
Tiveste fluente,
E boa colheita te traz o verão.

Parece te vejo bem lá respigar,
E o carro a cantar;
O engenho que chora a canna moer;
As ageis crianças a canna chupando,
A *junta* tocando,
P'ra ellas tão nobre quão util prazer

O tempo caminha, a secca adianta,
O pó se levanta
Na estrada por onde o gado passou;
A serra se mostra de todo escalvada,
E vê-se a queimada
Que longa no matto a chamma lavrou.

As arvores se despem de sua folhagem,
Nem uma ramiagem!
O gado tristonho procura uma *aguada*,
Ou mesmo se deita soltando um mugido.
Que o echo sentido
Ao longe responde ao pé da quebrada.

As aves não cantam com essa alegria,
Qu' é doce magia
Na quadra gentil que já se finou;
Agora algum canto em doce lamento
Lá vae pelo vento:
E' d'ave mul triste que o bando deixou.

Nos ares, em bando, as filhas do lago
O grito mais vago
Prenuncio da sêde, se ouve arrancar;
As bellas marrecas, o collo estendido,
Soltando um gemido,
Lá vão peregrinas um pouso buscar.

A caça corrida nem acha uma mouta;
Aonde se acouta?
E' já perseguida do mau caçador.
Os cães na *catanga* farejam veados,
Os quacs espantados,
Espirram, correndo, dão saltos d: horror.

Somente pujante a louca cigarra
No tronco se agarra;
Começa vibraute a longa firmata;
E á tarde, ao crepusculo, se nota não pouco
O canto mui rouco
Que a mesma continua aos ares desata.

Já vão muito longe do sol os ardores
Damnificadores;
A fresca estação lhes quer succeder;
No céu como em nuvens é densa a fumaça
O sol que se embaça
Vermelho qual brazza vae triste morrer.

O' tempo sem vida, vector da tristeza
Com sua dureza!
Minha vida conforma-se a teu perpassar;
Quizera comtudo bem longe do mundo
Um gozo profundo
No seio da patria feliz conquistar.

Candido Abreu. (29 de Maio—83.)

Pastoral—Com este titulo offerecemos á aprociação dos leitores do Almanak do *D'ario de Noticias* a peça abaixo transcripta, que nos parece edital, copiada, com todos os pontos, virgulas e orthographia do original que possuímos, supprimindo apenas logar, data e assignatura da autoridade, que a escreveu e assignou para evitar susceptibilidades. Eil-a:

F... Subdelegado do 1º e 2º districto de...

Fáz publico á todos os Pais, e Mais, e a todas as peças que tiverem á seu Cargo qualquer Moço Soteiro occupado na lavoura, ou em quaesquer outros empregos licitos, bem como Caxeiros, leitores, Vaqueiros, tropeiros, e assim tão bem a todos os Moços Solteiros, que vivem sobre si, lavradores arraxados com caza, e roças proprias, ou negociantes de negocios sufficientes para sua subsistencia e que sejam de bom procedimento e conduta regular, reconhecidos por taes, que nada devem reciar de prisoeens, e recrutamentos dentro do Districto desta Subdelegacia que alias se compromette; e protesta garantir á todos, podendo portanto ficarem tranquilos em suas Casas, cuidando como d'antes em suas occupaçoens lavouras, e todos mais serviços de suas profiçoens, sem o menor receio, pois que não tenho dado e nem tenho tido ordens para recrutamento geral, como se tem propalado, e com isso aterrado o povo com tão grave prejuizo de nossa lavoura e augmento da fome, para a qual jamais concorrerei, tendo alias em vista, mitigar, e sanar quanto estiver de minha parte este mal, com que a demasiada preguiça, o extraordinario luxo o jogo a aguardente, a valentia, e a execravel, e excandalosa prostituição, mas que Deus tem podido devorar, e desgraçar nossos Destrictos, aliás tão fortes e abençoados para quem trabalha, e se acha livre destas pragas terriveis, e horrosas. Sim pretendo sanar de minha parte este mal que tanto nos opprime com a Lei, e ordens Superiores aliviando este Destricto unicamente dos criminosos, ladrões, preguiçosos sem morada e meios de vida, Valentes, bebados, mal casados, e jogadores, para os quaes sempre esteve e estará declarando recrutamento, para o que muito confio que todos m^{as} coadjuvem, dando parte por si ou por intermedio dos respectivos Inspectores de Quartieirão de todos aquelles individuos que estiverem naquella circumtancias e o lugar onde se achão com o que muito lucraremos. Subdelegacia de. de... de 18...

F... Subdelegado.

Aspirantes purificaenses (Purificação, Bahia).

LOGOGRIPO (IV)

(POR LETRAS)

Offerecido aos distinctos logogriphistas d'este Almanach

Pasinac, amaveis leitores!
Ouvi quantos dissabores
Eu acabo de soffrer;
Eu—mais abaixo firmado,
Devo a Deus este peccado
Que vos passo a descrever:

Tive uma sogra medonha,—12-7-3-6-13-11-4.
Ascosa, velha e maluca,—10-5-11-13-14-4.
Que já depois de caduca—6-10-14-9-4.
Me fez uma... Ah! sem vergonha!—12-10-9-8-5-13.
Por esta sua ousadia—13-8-14-10-7.
Passei-lhe o pão na queixada—3-10-14-13-8-3-4
E foi tres, seis, nove, nada;—5-8-12-4.
Foi p'rá cama n'esse dia—1-2-9-7.
E do quinto então no cabo—14-7-5-10-14.
Foi cear com o diabo.—9-3-10-14-12-7.

Se vós, leitores amigos,
Entenderdes que isto é pêta
Reunamo-nos fazendo
Cada qual sua careta.

José Augusto. (Purificação dos Campos—Bahia.)

Perdiz—Depois do falcão é a perdiz a ave mais apreciada pelos gulosos. A reputação d'esta ave é antiquíssima.

O grave Aristoteles falla d'ella em termos tão penetrados de admiração, que por elles se vê como a perdiz era estimada e apreçada na Grecia.

Os romanos não só eram doudos por ella, mas até conheciam especies hoje desconhecidas.

Em Chio havia-as do tamanho de gallinhas, segundo conta Strabão, e Porús, rei das Indias, mandou, diz outro escriptor, de uma vez a Augusto um par de perdizes do tamanho de abutres.

Ha perdizes de diferentes plumagens e até as ha brancas que são as dos Alpes. O macho distingue-se pelas protuberancias que apresenta em cada pé logo acima dos dedos e pela malha que tem no peito.

A femêa põe cerca de vinte ovos. A ninhada logo que nasce começa a andar; e desde então até ás viudimas, as perdizes não deixam de viver á custa do lavrador.

A historia das manhas, de que estes animaes e os caçadores usam reciprocamente, dava para muitos capitulos.

A carne d'esta caça é facil de digerir e é de um fino sabor. Quanto mais nova melhor é esta ave.

A perdiz velha tem a carne coriacea e é muito menos succulenta.

As perdizes velhas dão optimo caldo para os doentes; o gosto é mais appetitoso e a qualidade d'esse caldo é preferivel ao do frango.

O BANDAIDO

I

O heroe d'esta epopeia— em quatro versos
E' uma creancita *endiabrada*
Que ousara crear fama entre os perversos
 Que fazem barricada
Contra as rosas e contra os passarinhos,
Que as pennas virginaes vao agitando
 Nas malhas dos seus ninhos.

II

Estava n'essa idade irreflectida
Em que as innocentes creancinhas,
Nos eirados da humillima guarida,
Vão desfolhando as illusões da vida,
Levando em debandada as andorinhas.

III

Em casa... era *da pelle*—o pequenito—
Porque em lhe atacando a rabugice
Nem sequer lhe escapava a parvoice
De um finorio vigario *esganicado*
 Que frequentava a casa
Com a *pose* de um bispo assantarrado
Que vê de seu rebanho nos matises
Mysterios de batina e sobrep'lices!

IV

Bofé que a creancita ardia em cholera
Quando, ao domingo, o parcho manhoso,
la urdir da palestra a dubia tea
 Para filar a seia
Do papae—que de la muito concorria
 Para desenvolver-lhe
 O tecido adiposo!

V

Para um lyrin de instinctos bellicosos
 Era um crime estupendo
 Ver condemnar unsinhos generosos
 A' forja estomachal de um reverendo!
 E levava a rosñar a tarde inteira:
 — « Se eu pudesse agarral-o pelas guelas...
 O cão não se affogara em bom Madeira
 « Quando não vale um pessimo Bucellas! »

VI

Imagem que dôr insuperavel
 Sentia a douda abelha purpurina,
 Ao ver em casa a sombra detestavel
 De um zangão volumoso de batina—
 Ora tomando uns gestos adamados,
 Ora assumindo a elastica attitude
 Da vibora que morde a flor dos labios
 Com certo colorido de virtude!

VII

— « Pois se elle é tão bazofo, o sôr abbade!... »
 Não era padre, não; era um demonio,
 Que em tendo o cerebro a nadar em vinho,
 Ou farejando o rasto de um carinho,
 Desfraldava o seu véo de *santidade*
 Com tanta perfeição,
 D' levar ao *convenio* qualquer santa
 Desde a lubrica Astarte
 A's virgens de Sidon!

VIII

Mas vamos à travessa creatura,
 O Colombo do mar das borboletas,
 Em quem reconhecera o padre-cura
 Um fino bisturi contra os ascetas!
 • Ou antes—« Uma ovelha desviada
 Do caminho que leva os *santos padres*
 A' lucida morada!

IX

Na escola era um trovão; era um perigo!
 Pois se elle nunca estava socegado...
 Parecia um protesto alevantado
 Contra o mestre impudente—que ao castigo
 Chamava diariamente as creancinhas
 Pela razão tortuita
 De não deixarem fruíta sobre fruíta
 E andarem perseguindo as andorinhas!

X

Conta-se mais que um dia elle emprehendera
A arrojada ascensão de um castanheiro;
Que d'elle só descera
Depois de saqueal-o todo inteiro!
Que fôra muito alem; e a horas mortas,
Quando já estava o professor deitado,
Conseguira entreabrir do azul as portas,
Còm grande prejuizo, p'ró telhado,
E, com mãos clandestinas, mãos brejeiras,
Espoliara-lhe duas cerejeiras!

XI

Vinha rompendo o Sol do novo dia
Quando, envolto em flanela mui grosseira,
O professor sellava de ironia
Os authos de tamanha ladroeira!

Dirige-se ao quintal... *dos arboredos;*
E—ô *Mimi, bes tu bem que disventura!*
Bem me disse inda honte o padre-cura...
Mas hei de lh'o tirar d'aquelles dedos!

Não fôra n'esse dia o lyrio á escola:
Esteve a palmatoria como um facio!..
—*Andou de sobreabiso, o mariola—*
Tambem se elle ca bem!... lebe o diacho.

XII

E' a hora em que na aldeia os camponeses
Vão recolhendo as rezes
Aos humidos curraes;
Em que começa o conto nas lareiras,
Que enche de espanto as magicas ceifeiras
Que voltam dos trigães!

XIII

Ao lume do brazido
Estava o nosso infante embevecido
Nas tragedias de *El-Rei nosso senhor,*
Quando uma voz soturna,
Como um penhasco dentro de uma furna,
Fez-se ouvir ao portal do lavrador!

Dualidade estranha e indefnida:
O professor e o padre—que sortida!

XIV

Começa a accusação desnaturada
Contra o indefeso réo—
Que ha pouco ouvira a historia desgraçada
De uma virgem que fôra fulminada
Nos concavos do céu,
Por ter negado a um bispo—hírto de pejo—
A esinola christianissima de um beijo!

XV

Como nos tempos idos,
Aventam-se sentenças horrorosas—
Em que as brancas virgens silenciosas
Ou delxavam manchar os seus vestidos,
Ou iam se findar nos subterraneos
Sobre uma esteira oceanica de crancos!

XVI

Comtudo; aquellas almas bem formadas
Açcordam na sentença derradeira:
— « Que levasse um rosario de *lambadas*,
Duas c'roas de bolos bem puchadas—
« De joelhos, na lareira. »

XVII

Ouvindo a *penitencia*
A creança estremeceu—e a Providencia
Cheia de indignação—
Tomou-a nos seus braços constellados;
Beijou-lhe a luz dos olhos estrellados
E envolveu-a nas azas do perdão!

XVIII

Os diffusos polypos—finalmente,
Pesados como um cacho,
Mettem o pé na estrada—e de repente:
— « Aquillo é o Diabo, não é gente! »
— « *Tambem se elle la bai!... lebe o diacho!* »
Alfredo Ceylão. (Rio de Janeiro.)

Recordações de viagem—Ha poucos mezes
chegou entre nós um individuo, que, como recordações de via-
gem que fizera pela provincia da Bahia, trouxe os seguintes
objectos:

Dois projectis da *Plataforma*.
 Um pedaço de cedro da *Matta de S. João*.
 Duas telhas da *Olaria*.
 Um galho de folha de *Pitanga*.
 Quatro pennas de *Gaveão*.
 Uma caixêta de dôce da *Jacobina*.
 Uma garrafa d'agua de *Cachoeira*.
 Um rosario de Nossa Senhora de *Nazareth*.
 Um ramo da flores do *Prado*.
 Um cravo da *Santa Cruz*.
 Uma oração de *S. José*.
 Um diamante das *Minas do Rio de Contas*.
 Um pedras do *Riacho de Sant'Anna*.
 Um folhas de *Joazeiro*.
 Uns biccos de *Tucano*.
 Uma Nossa Senhora da *Purificação*.
 Uns talos de *Capim-Grosso*.
 Um sementes de arroz do *Brejo-Grande*.
 Um fructas de *Conde*.
 Duas cuias de *Coité*.
 Um estampa de *S. Felix*, etc.

J. M. da Silva.

CHARADA

IX

**Offerecida á Exma. Sra. D. Zulmira da
 Costa, distincta autora da
 charada «Darandela publicada n'este
 Almanach em 1882**

(IMITAÇÃO)

Se juntas vogal incommoda ao sensivel,
 Mas é um gigante consoante juntando;
 Send'outr'as lettras consoante e vogal,
 Nos prados e valles verás vegetando—!

Agora juntando animal pequinino.
 Foi uma cadella nos tempos que vão:
 Juntando, porem, uma certa lettrinha,
 Foi homem formoso da luza nação—!

Ainda juntando aqui a *derradeira*,
 E' cousa que livra d'andarmos ás escuras;
 Porem se juntares a *ella* uma deusa
 Nos seus ternos cantos off'rece venturas—!

Sentido, leitora: aqui vaç o embroglio
Da facil charada que a vós dediquei:
—Procura, cogita, e verás afinal
Que o todo, não miuto, d'uma lettra formei.

A. N. Goyaz Brazil. (Bahia).

O amigo—Nunca houve em todos os tempos denominação de que mais levemente se abusasse que da denominação de amigo:

Nunca houve abuso de que resultassem mais crueis dissabores, mais pungentes desenganos, mais irremediaveis desilusões.

Os homens, porem, obsecados pela rotina, e constantemente desattentos ás licções da experiencia, não cuidam nem levemente em pôr termo a um abuso de que resultam tristissimas consequencias.

Um amigo, um verdadeiro amigo, é uma entidade rarissima, e tanto mais rara, que só a desgraça, o desvalimento, as circumstancias apertadas e difficeis a fazem surgir.

O amigo que nos apparece na prosperidade, é por via de regra um embusteiro, um adulator, um explorador.

Não ha ninguem que o não tenha observado ao menos uma vez.

Raro o homem que em precarias circumstancias encontra um amigo verdadeiro.

Em geral quando o homem n'aquellas circumstancias julga ter achado o amigo, o verdadeiro amigo valedor e prestimoso, o amigo que elle julgou ter se compenetrado intima e sinceramente do estado precario, e por ventura desesperado em que se acha, se lhe entrega nas mãos com a cegueira da maxima confiança, em breve conhecerá, sem remedio, que esse amigo, esse protector, que julgou ter achado no deserto da sua desesperação, não passa de um egoista vulgarissimo, que, para sustentar creditos adquiridos pela propalação dos proprios meritos, concedeu ao infeliz, com o maximo alarde, a protecção que nada lhe custara, recusando-se a proseguir n'essa protecção mal se lhe affigura ter de fazer o minimo sacrificio em favor d'elle.

Conhece então o infeliz não ter remedio a desgraça de ter confiado cegamente no falso e condicional amigo; conhece não ter remedio essa desgraça, visto como a mais leve queixa que solte impellido pelo desvalimento em que se vê, é immediatamente alcunhado de ingrato, estigma a que não resiste nenhum homem que se prese, e então só lhe resta gemer em silencio, e arrepender-se da sua leviandade.

Quando porem no amigo se encontra o maximo desinteresse, a coadjuvação permanente, o pensar continuo no amigo desvalido, o desejo manifesto de o auxiliar, e de o arrancar de um máo passo quando se mostra verdadeiro e incansavel cyreneo, aju-

dando quanto pode, e mesmo quanto não pode, o seu protegido a carregar com a cruz das suas desditas, então não pode nem deve haver termo ao reconhecimento, á gratidão, e o protegido tem necessariamente de confessar os beneficios recebidos, de expandir a alma em todas as demonstrações de gratidão, de dar graças a Deus por lhe ter deparado um verdadeiro amigo, por lhe ter concedido essa graça rarissima.

S. V.

ESQUIFE

Como é ligeiro o esquife perfumado
Que conduz o teu corpo, oh! flor mimosa!
Mal pousaste entre nós, alma saudosa,
pouco adejaste, oh! cherubim nevado!

E vaes descendo ao tumulto sagrado,
igual á incauta e leve mariposa,
que, sem sentir, queimou a aza anciosa,
do mundo vil no fogo profanado;

mas eu que acabo de te ver perdida
nos abysmos sem fim da Natureza,
oh! minha filha! Oh! terna flor cahida,

eu que perdi contigo a fortaleza,
as illusões, o gozo, a crença e vida,
oh! eu bem sei quanto esse esquife pesa!

Luiz Guimarães Junior.

CHARADAS NOVISSIMAS

X

1-1-2—Instrumento generoso, quando alegre nos fornece alimento.

XI

1-2—Silencio! Estes fructos são na mulher ornato.

XII

1-1-2—Instrumento? Silencio; no altar não se diz asneiras!

XIII

1-2—Este verbo tem valor na terra.

Aspirantes-purificaenses (Purificação—Bahia).

A ITAPARICA

No divan de penhascos reclinada,
A' frente o kanitar dos teus coqueiros,
India, mãe de poetas e guerreiros,
Apraz-me sempre os feitos te cantar.
Possues no mar o berço como Venus;
Namora-te a belleza peregrina
A estrella, que os espaços illumina,
A vaga, espelho onde te vens mirar.

Não tarda a dispontar o sol querido,
Em cujos raios tua fama brilha;
para o receber, das ondas filha,
Eis-te empunhando a taça do prazer.
Elle vem relembra eras passadas,
De homericas visões encher-te a mente
Astro, que vale a folha mais fulgente,
Que a historia da patria pode ter.

Os canhões n'estes comoros perdidos,
Como heroes que tombaram na peleja,
Confirmam-te o valor que Sparta inveja,
E dão-te á gloria immenso pedestal.
Não vomitam mais raios fulminantes,
Deixando-se vestir de luz purpurea,
Mas se offender-te alguém, leões em furia,
Hão-de erguer-se do leito sepulchral.

Domina o enthusiasmo esse teu povo,
Pelo qual em ciumes te desvellas.
Irmãos da vaga, affeitos ás procellas,
Sabem guerreiros se fazer tambem.
Houveram dos avós brios e crença,
Ante o sol, que ao progresso hoje os incita,
Guardam, como thesouro, a herança avita,
De que não o pode despojar ninguem.

O proprio mar, que estreita-te nos braços,
Te reflète a grandeza, ilha de encantos.
A' sombra d'esses louros, que são tantos,
Quero ver-te marchar e progredir.
Quando o teu sol esplendido apparece,
Inundando de luz a immensidade,
Se vês nelle o pharol da liberdade,
Eu vejo a tua gloria, o teu porvir.

João de Britto. (7 de Janeiro de 1883.)

Um sonho—Sonhei!... Foi uma illusão o meu sonho, uma verdadeira utopia!... Era uma d'essas poeticas tardes e a barra do horisonte mostrava-se como que franjada de ouro pelos ultimos e melancolicos raios do astro rei, que já se occultava nas aguas do oceano, deixando a terra envolta n'um manto de trevas, embora bruxuleasse ainda a luz frouxa e suave do crepusculo.

A natureza via-se radiante de encantos, cercada de attractivos na pureza do ceu, e dormitava, embalada pela briza, então impregnada dos perfumes das flores, que se ostentavam com toda magestade nos seus palacios.

As avesinhas voltavam de suas collicitas quotidianas e modulavam os seus harmoniosos cantos cheios de poesia, nas encostas das escarpadas montanhas. Eu, n'est'hora, só, n'um campo espaçoso, ricamente coberto de gramma, ouvia soffrego as despedidas dos musicos da natureza e o sussurrar de viração por entre a folhagem.

Eis quando surge diante de mim uma mulher, uma fada, ou antes um anjo, mandado por Deus do celeste Empyrio para fazer-me companhia!

Sublime apparição, disse eu!

A visão chegou-se a mim, estreitou-se nos meus braços e osculou-me a face, que tornou-se-me livida, como a de um cadaver. O meu corpo immobilisou-se e um calefrio violento apoderou-se d'elle. Eu sentia-me fatigado por tão inesperada visita, e ella vendo o meu torpor, lançou-me um d'esses olhares compassivos, semelhante ao de Maria, quando via pregado á cruz o filho das suas entranhas.

Disse-me, depois de me ter encarado bastante, com uma voz que penetrou-me até o fundo d'alma: Não temas, eu sou tua! A estas palavras senti um estremecimento estranho e não podendo vencer o desanimo de que me achava possuido, cahí exausto de forças. Ella, com a doçura das virgens, estendeu-me a sua dextra e conseguindo erguer-me da terra fria, recostou-me no seu collo sereno como o semblante da virgem de Murillo, acariciando-me. Pouco a pouco recobrei alentos e entre as suas meiguices, entre os affectos dessa mulher-anjo, adormeci.

Que somno delectavel o que tive!

Depois de um profundo dormir, ergui-me do seu collo e n'um extasi de amor murmurei: Senhor Deus! Já que me mandastes um anjo para mitigar as minhas dores e partilhar dos meus continuados martyrios, dizei-me o seu nome, para que o conserve sempre na minha imaginação e possa bemdizel-o, emquanto o meu coração pulsar com vida.

Mai tinha concluido estas palavras, ditas com toda fé e veracidade da minh'alma, a mulher ergueu-se e n'um amplexo fraternal, disse-me:—Eu sou Dicanda, a mulher a quem amas! Então o meu ser estremeceu de jubilo e uma alegria immensa resplandeceu na minha fronte de moço! O sorriso assomou logo nos meus labios e a tristeza que até então estava estampada no meu rosto, transformou-se n'uma triplice aureola de contentamento.

Levamos muito tempo juntos, ora apreciando a magestade da lua, que garbosa passeiava no vasto jardim d'amplidão; ora reflectindo sobre a nossa felicidade futura. De repente ella desapareceu e eu, como a rosa, que o orvalho deixa de banhar, prorompi em copioso pranto. Sim chorei e muito!... As lagrimas vertidas no cumulo da dôr são um santo linitivo para a vida, como o orvalho é para a flor, que sente as macias petalas ressequidas pelos ardentes raios de um sol abrazador. A ausencia da rosa não é sempre sentida no jardim?! Movi sempre os labios e disse: Dicanda, adeus... D'ora em diante eu serei teu e tu serás minha. Amemo-nos como dois colibris, como os pombinhos da selva; emfim, vivamos um para o outro, porque tu já és a vida de minha vida, a alma de minha alma. O encanto da minha existencia és tú, somente tu; a minha esperanza, a estrella que me ha de guiar os passos serás tu, tu só, porque não és senão o anjo da ventura, a divindade da terra.

Acordei dizendo estas palavras e todos os encantos que antes via não passava de trevas. Tudo em roda de mim era solidão e tristeza. Sonhei... Foi uma illusão o meu sonho, uma verdadeira utopia!..

Professor *Joaquim de Cerqueira e Silva.*

O HOMEM

Eu sou da velha raça herculea dos antheus,
Banhei-me nos clarões d'um mundo que surgia,
D'um sol que deslumbra a immensa ruinaría,
Rasgando a escuridão que tinha a terra envolta.
Cantei a liberdade e os hymnos da Revolta;
Proclamei a Razão, préguei a heroicidade,
Prometteu, conquistei o fogo da verdade
Em lutas desiguaes, batido, flagellado,
Sem nunca ser vencido, e nunca subjugado.
Os gritos da proceña e as vozes do trovão
Saudaram pelo espaço o «Rei da Creação»,
Que soube esmigalhar a sua antiga algema
E, livre, contemplar esse estupendo poema
Onde o raio accentua a noite em que medito
Como estrophe de luz gravada no infinito.
Com a força tenaz que gera os grandes feitos
Derroquei, destrui, minei os preconceitos,
E audaz como se fosse um gladiador antigo,
Fiz vacillar, cahir do throno o inimigo.
Cuspi com Juvenal nos cesares romanos
E para derrubar os ultimos tyrannos
Fiz escutar no mundo a gargalhada fria
D'esse Homero—Voltaire, o athleta da ironia!

Antonio Feijó.

Desharmonia da criação — Não ha quem ignore que os casamentos desiguaes, trazem constantemente consequencias funestas, mas o que ninguem sabe é que essas desigualdades existem desde o principio do mundo.

O proprio *Adão* em vez de casar-se com *Adona* de seu coração, preferio raptar *Eva* ao seu querido *Evo* e fazel-a sua escrava, estabelecendo assim o direito de superioridade masculina.

Nos outros entes, porem, a desigualdade é muito mais fatal c burlesca. E se não vejamos:

O *bico*, amigo inseparavel das aves, enterra-se na propria immundicia para ser-lhe agradavel, emquanto que a *bica*, bastante acelada, presta um serviço á humanidade, dando de beber a quem tem sede.

O *barro*, esse é constantemente desdenhado pela sua consorte a *barra*, que arrasta-sc sobre elle com indifferença e despreso.

O *gallo*, coitado! é muitas vezes morto, esfolado e comido nos banquetes dados á sua cruel *gala*.

O *prego*, passa annos e annos enterrado em uma parede, olvidado pela *prega*, que vae a todos os bailes entre fôfos e postiços.

O *boto*, vive n'agua, ao passo que a *bota* prefere enterrar-se na lama.

O *cano*, recebe em seu seio toda a sorte de impurezas tornando-se cada vez mais indigno da *canna* que garbosa e pura conserva-se na altura de seu merecimento assucareiro.

O *milho*, contenta-se, sacrificando a vida, em dar forças ao cavallo para alcançar a sua fugitiva e ingrata *milha*. Triste consolação!

O *cortiço*, despreza a reputação e o merecimento e a *cortiça* em represalia, faz por merecel-os salvando vidas.

O *collo*, esse vive nos braços da paixão, emquanto a *colla* despeitada agarra-se aos trastes.

O *pasto*, sertanejo por excellencia, alimenta em seu seio toda casta de animaes sem se importar com a vaidosa *pasta* que se faz amante apaixonada dos ministros.

O *bollo*, descarrega a sua *billis* nas mãos dos que o merecem, por saber que a *bola* prefere aos seus, os beijos dos tacos.

O *môfo*, vive obscuro junto da humidade, desgostoso por que a *mófa* despresou-o pelos enfiatuados.

O *ponto*, por mais periodos que marque, nunca encontra a *ponta* de seu pensamento.

O *prato*, sempre limpo, ostenta-se nas mais nobres mezas, e a *prata* bastante immunda corre o mundo.

O *porto*, abre os braços a milhares de embarcações; a *porta*, com raiva fecha-se na cara de muita gente.

O *thesouro*, dá prazeres á humanidade, a *thesoura* para vingar-se, corta na pelle da mesma.

O *texto*, sujo, falso e critico ás vezes, foge da *têsta* por mostrar-se tal qual é.

O *talo*, tenro por natureza faz tudo por não metter-se em *talas*.

O *traço*, é muitas vezes roído pela sua voraz esposa a *traça*.
 O *fado*, nunca teve a dita de ver a *fada* de seus sonhos.
 O *figo*, habita os pomares e sacrifica-se a quem o come,
 mas a *figa* segura-se ao pescoço das creanças a pretexto de afu-
 gentar o quebranto.
 O *taxo*, consome-se no fogo do ciume por ver a *taxa* sem-
 pre no thesouro.
 O *raio*, espatifa a sua idolatrada *raia*, sempre que se lem-
 bra de beijal-a ternamente.
 O *talho*, não se manifesta á sua companheira *talha* por
 achal-a muito dura.
 O *copo*, nunca passa da bocca, porque não pode ver a *cópa*
 que se lhe colloca, por má, no cimo dos chapéus.
 O *banho*, vivifica e refresca o corpo; a *banha*, por *birra*,
 enfraquece e emplasta o cabelo.
 O *rotulo*, não se cança de apregoar os segredos das garra-
 fas, enquanto a *rotula* muda e indifferente supporta em seus
 braços longos colloquios amorosos.
 O *rôlo*, vive nas orgias enquanto a *rôla* geme e chora por
 elle na solidão.
 O *solo*, é a todo instante pisado pela *sola* que o despreza
 cruelmente.
 O *vaso*, abre o seio ás flores, e a *vasa* entrega-se aos jogadores.
 O *toco*, apesar de pequenino, não procura a *toca* nem pelo diabo.
 O *palmó*, por mais que se multiplique, nunca consegue
 unir-se á sua querida *palma*.
 O *estrado*, habitante das salas, envergonha-se de pensar que
 a *estrada* se deixa pisar por toda a sorte de animaes.
 O *limo*, é tão molle quanto é dura a *lima* e por isso não
 se unem.
 O *novello*, está sempre junto da agulha, e a *novella*, por
 vingança captiva o espirito de quem a lê.
 O *papo*, apesar de servir de deposito repelle a *papa* por ser
 muito indigesta.
 O *vento*, percorre leguas e leguas em busca da *venta* que
 em paga, não dá um passo para recebê-lo.
 O *lixo*, suja o que está limpo, e a *lixa* limpa o que está
 sujo. Que dous!
 O *elo*, tem prendido muitas *ellas*, mas sempre á ordem de
 outrem.
 Enquanto o *alo* faz roda á lua, a *ala* junta-se ao soldado.
 O *verbo*, promete mundos e fundos a toda gente, mas a
verba nem sempre está pelos autos.

CHARADA NOVISSIMA

XIV

1-1—Virtude, virtude, macaco chinéz.

Annibal Lisboa.

PARA SEMPRE I

Lívido, mudo, extático e soturno,
A accusação cruel o réu escuta. . .
Como um lobo famélico e nocturno
Sinistro atalaiaando a entrada á gruta.

Exclama o Accusador: «A horrivel féra
—E designa o infeliz—covardemente,
Com a sanha cruel de uma panthera
Assassinou a victima innocente.»

«Perdoar? Impossivel! Quem não ha de
Sentir de horror o coração transido
Ao ver a negra, a estúpida maldade
Do torvo coração d'esse bandido? . . .»

«A sagrada Justiça, alva e serena,
Manda sejaes juizes inflexiveis! . . .
Em vista, pois, de provas tão terriveis,
Peço para o accusado a ultima pena.»

Faz-se um silencio subito e tristonho:
Parece um negro, nm pavoroso sonho
Cortando a entranha fria á noite immensa,
—E' o tribunal que volta com a sentença.

Depois brada uma voz lenta e sonora:
«A perpetuas galés foi condemnado.»
Sente-se então no ambiente socegado
. Um soluçar desfeito. . . E' o réu que chora.

Ergue a justiça a voz: «Feras togadas,
Sois mais crueis, mais barbaros que os réus;
Do arrepende as lagrimas sagradas
Commoveu-se Jesus, move-se Deus! . . .»

—O arrependido salva-se—. . . No emtanto
Matais o matador dando-lhe a vida
N'uma prisão eterna e ~~o~~ negrida! . . .
Mataes os corações, matando o pranto!»


Valentim Magalhães. (Pirahy.)

SALTO EQUESTRE

(CHARADA ENIGMA)

I

Aos distintos decifradores Theophilo Menezes e Augusto Pinho

flo-	gra-	nho	a-	dim	nho	que
lo-	do-	de	mil	te-	sou	jar-
ças,	res	Eu	to.	di-	ra	te-
ra.	gar	me		o	lo	que
re-	bel-	sin-	sem.	de	pois	pa-
bem	da	sas	to,	tin-	mas,	bel-
le.	ple-	des-	for-	Em	re-	cto,

Aspirantes purificaenses. (Purificação—Bahia)

A mãe. — O primeiro vagido da criança, a contemplar o sol estuante da misera existencia, encontra echo acalentador no regaço affectuoso da mulher—mãe, que, sollicita por sua inextinguível ternura, abre-nos de par em par a porta da felicidade, que, porventura possa o homem colher neste existir.

Encontramos ao alvorecer da vida esta expressão completa da Providencia á beira de nosso berço, significando-nos a apothose de todos os cuidados, deveres e blandicias ao lado deste aleitamento, que por si já exprime a synthese da grandeza physica: nella ha sempre a dedicação, o egoismo santo do penhor casto, que traduz a nobreza da mulher—a maternidade.

Quanto de coração exprime ella, quando infiltra no organismo debil de seu filhinho a seiva vivificadora, que traz-lhe a nutrição, o desenvolvimento e a força!

Quanto de dedicação diz a mãe, quando busca identificar a sua indole com a de seu filho por meio deste liquido, que é o seu sangue!

Canta ao emballar o filhinho para fazer-lhe ridente o seu viver, humanisando-lhe, tão cedo, aquelle coração infantil!

No seu empenho moral preenche com divinisação, mesmo, a mulher o seu papel de mãe, em que ella é a clemencia para o filho, correctivo necessario e ditoso á austeridade e autoridade paterna.

O pae vence ao filho ou pela força que esmaga, ou pela razão, que convence; a mãe tem a melhor das logicas, a dos affectos, expressão pela ternura de uma alma santa e pelas caricias de um amor primeiro, que ella sabe imprimir-nos, porque só a ella concedeu Deus esta sciencia.

O sentimento do dever; que tanto se julga pertencer aos esforços do pae, está no labor incessante da mãe, que edifica pelo exemplo e doutrina da consciencia pura: ella é a primeira mestra, a primeira guia do homem no scenario difficil dos luctos do viver.

Ella incute em nossa alma o sentimento da religião, alicerce solido de nosso progresso moral; é ella quem primeiro nos falla da Divindade; quem nos ensina tão ditosa concepção, acordando em nossa alma a gratidão para Deus e a supplica da graça, que felicita-nos.

Mãe! nome bemdito que primeiro proferimos ao encetar a linguagem, imponente expressão da magestade humana! encanto que nos lina cruciantes dores e hiantes feridas nas peripecias arduas de nosso existir! Anjo que ausulta no pulsar do nosso coração a expansão donosa de uma vida meiga!

Os conselhos, que em todas as epoelias do nosso peregrinar servem de balsamo consolador ás nossas incessantes afflicções e perennes martyrios, são os que dos labios de nossa boa e generosa mãe, ouvimos nos nossos verdes annos, que não se extinguem de nossa memoria, e nem se apagam de nossa alma.

A mãe é quem faz o character de seu filho, quem abre o espirito infantil ás visões da fé, e aos nobres esforços da virtude, tornando-o digno no seio da familia, que o acalenta, e digno no centro da sociedade, que o applaude.

Nunca pensamos em amor maior do que a abnegação materna; a ella devemos uma dulia de reconhecimento e gratidão.

Enquanto todas as modalidades do amor aguardam do seu esforço a recompensa, o materno é o unico que revive e duplica a sua dedicação no soffrimento e no martyrio, em que elle se acrysole e se expande.

Laços insolvaveis são os da ternura e do amor, que bem sabe inspirar a mysteriosa sciencia da mãe, cuja palavra desperta em nós a lembrança de tanta dedicação!

Se a mulher pode elevar-se a ter sob seus pés o immensu-

ravel, é sómente quando ella se reveste do papel divinizador de mãe, synthese de todas as affeições humanas e bondades supremas.

A escola licenciosa do seculo tem ensalado todas as vilanias e degradações; a todos os typos a novidade picante tem deprimido e desvirtuado, só a magestade da mãe tem sido reverenciada e acatada por todos.

A mãe, que tem a seu cargo a educação do filho, exerce maior papel do que dirige o governo, por isso que aquella prepara o cidadão para a patria, lhe inspirando a sua moral, o seu sentimento, que mais tarde agigantam-se da opinião publica, civicas virtudes: ahí está a mãe, a influenciadora mestra da sociedade moderna, da civilisação, emfim.

«A familia é a escola da civilisação» e esta escola tem como preceptora a mãe; esta, portanto, é quem decide dos destinos dos reis, dos povos, da humanidade, que d'ella tudo recebe como herança útil e civilisadora.

Modela-se a creança pela mãe; modela-se o homem pelo infante; modela-se, portanto, o homem por aquella e a sociedade por ella, demonstra-se assim a sua preponderancia nos destinos de um povo ou nação.

A mãe, cujo exemplo vale mais do que o preceito, dá a instrucção em acção pelas praticas constantes e honestas, que realisa ante seu filho para sua educação moral; ella é a melhor das mestras, e a que melhor sabe zelar.

E' a mãe a providencia viva do nosso existir, de nossa alegria, de nossa felicidade, que só se fecunda sob seus gratos e salutaes intuitos.

Quando um dia o infante de hontem, homem de hoje, tiver bebido na taça dos desgostos a grandes haustos as contrariedades arduas da vida, encontra, volvendo os olhos para o passado, os beneficos conselhos de sua mãe, qual consolação, que só ella sabe bem nos ensiuar e instruir.

O que fôr uma epocha, um povo, uma civilisação—deve ao prestígio homerico das mães, que são os alicerces consolidados das sociedades vigentes, que são o coração sensível da humanidade, que vive á custa da sua seiva physica bem como ás expensas de sua fecundidade moral.

Só a mãe, cultivando os sentimentos nobres e enchendo delles o coração de seu filho, forma a virtude domestica para o homem, e a virtude publica para o cidadão.

Mãe, hymno de amor, eu vos bem digo sempre, quer quando o riso transitorio perpassa sobre meus labios inditosos, quer quando a desventura me comprime a alma esmagada de desgostos e de ingratiões.

Mãe, sois vós, quem vivifica-me e me leva ao coração o sentimento do affecto e á alma a religião do Deus.

Bemdito sejas tu, Deus, porque nos deste uma mãe.

Joaquim Manuel de Sant'Anna (Cachoeira).

ELISA

I

Quando lembro-me della,
Grácil, mimosa, ethérea, peregrina,
Duvido ainda que a ferisse a morte:
Porque nunca figura tão divina,
 Apparição tão bella,
Rindo, assomara ao limiar da sorte.

Dir-se-ia, na verdade,
 Que o vulto feiticairo
Daquelle ser diaphano e fagueiro
Era o symbolo vivo e palpitante
Da propria idéa de immortalidade...
 A encarnação brilhante
Do mais limpido raio do infinito,
 Vasado por ventura
Num molde eterno de sonhado mytho,
Representando a imagem da ventura.

Dir-se-ia que a alma, nitida, acendrada
No primoroso involucro sensivel,
 Era-lhe perceptivel
 Na argilla immaculada,
Ressumbrando-lhe tepida, maviosa,
 Da candida frescura
E sylphidez da imagem vaporosa,
 Como da extreme alvura
 De finissimo jaspe
O sidéreo vislumbre inextinguivel
 De alampada sagrada.

Dir-se-ia, até—que perfumadas pennas
 O cherubim radioso,
Que o destino velava-lhe extremo,
Das proprias azas desfolhava, amenas,
Para tornar-lhe aos pés avelludada
 A encantadora senda
 Onde ia pelo mundo
Sempre querida, alegre e festejada,
Como a heroína de formosa lenda.

Dir-se-ia, finalmente,
Pelo tocante brilho da virtude
 Em que resplandecia;
Pela expressão da luz fascinadora,
 Que tão distinctamente

—Quando a effusão dos intimos effluvios
 Como que a revestia—
 Accentuava-lhe a feição celeste,
 Dando-lhe um não sei quê de redemptora,
 Dir-se-ia o inviolavel mensageiro,
 O nuncio prasenteiro,
 Que—almo archanjo da fé—tinha baixado,
 Em secreta missão da Providencia,
 Para atear nas almas doentias
 O lume desmaiado
 Das moribundas crenças,
 E ir estancando a fonte de agonias
 Que em lagrimas acrbas flue perenne,
 E mais e mais profunda,
 Neste misero valle da existencia...
 Para torná-lo um novo paraizo,
 Semcando-lhe, prospera, fecunda,
 Nuns halitos fragrantés,
 A scmente divina do sorriso,
 Que era-lhe o pollen de sagrada rosa
 Nos labios vicejantes
 De indizível doçura e de clemencia.

No entanto—que martyrio!
 Ao venturoso enleio,
 Ao magico delirio—
 Dessa cspcrança que lhe enchia o seio,
 Empolga-a de repente
 Sinistra garra da fatalidade,
 E ei-la por terra—pallida reliquia,
 Gelido espojo da mulher exhausta
 No sacrificio da maternidade!

Como um collar de perolas sonoras
 Desfiou-se-lhe a vida,
 —A mais ridente collecção de auroras
 Que tem deixado a terra embevecida.

II

Meu Deus esta existencia é uma ironia
 Com seductoras asas de chimera!
 Ai de Elisa, coitada!
 Lepida assim, tão conscia da alegria;
 Tão longe ainda do cruel açoite
 Dos frios desenganos;
 Quando mais rescndia a primavera
 Dos seus doirados annos;
 Ao fatidico sopro de uma noite,
 Cairá desfolhada,

E como rorejada
Do humido olhar de todas as estrellas,
Que foram-lhe constantes,
Allumiando as trevas da desgraça,
Assistindo-lhe as penas cruciantes,
E amortecendo o lume
Quando exhalou-se-lhe o ultimo perfume.

Nunca pesara tanto uma vigilia!
Nunca, nunca, aos revêzes deste mundo,
O coração magoara-se tão profundo
No estremecido seio da familia!

III

Tambem pela formosa
E lisongeira estrada da ventura
Se vae ter ao Calvario!
Elisa nunca soube outro caminho,
Nunca passou na rua da amargura,
Na via dolorosa. . .
E o freseo, o puro, o avelludado ninho,
Onde em não sei que petalas de rosa
As bênçãos lhe choviam,
E da ventura os mimos a zelavam,
Tornou-se-lhe esse equuleo extraordinario
Onde, aos enormes tratos que a feriam,
Tantas lagrimas nossas despenhavam
Que uma nodoa de sangue não restou-lhe
Na alvura do sudario!

Era-lhe a vida um unico sorriso
Perpassando na terra. . .
E inda nos deixa attonito o juizo,
Ainda nos atterra,
O epilogo fatal da sua historia,
—Funerea a scena de uma angustia infinda,
Que esmaga-nos ainda
Impressa na memoria!

Pode-se até dizer que neste mundo
Só havia chorado pelos outros,
Só conhecia flores. . .
E, quando a morte veio,
Descarregou-lhe golpe tão profundo,
Feriu-a tão irada,
Que, lacerando-lhe o materno seio,
Deixara-lhe a primicia dos amores.
Tambem dilacerada!

E assim—tombara em meio do destino!
E assim—em plenos raios dessa aurora
Sobreveio-lhe a noite mais escura,
E Elisa foi-se embora,
Como quem verga ao peso de um fadario!
E assim—pela macia
E lisongeira estrada da ventura
Se vae ter ao Calvario!
—Meu Deus, esta existencia é uma ironia!

IV

Nada valera á victima tão pura,
—Mimosa creatura,
Que alva nuvem de sonhos embulava
Em descuido tão doce!
—Brando genio de amor que esvoaçava,
Com as leves azas a fazer carinhos
E a despertar uns sons alviçareiros
Por onde quer que fosse,
Como propicia, milagrosa fada!—
Que miserrimo fim! que mão pesada
Coroou-lhe de espinhos
A fronte abençoada,
Que, já pelos instantes derradeiros,
Entre as sombras da morte já pendida,
Se nos mostrava aos olhos ineffavel,
Branca, serena, mystica, adoravel,
Celestemente unvida,
E como a reflectir no tom mais puro
Da aureola mais santa
Os primeiros albores da outra vida
Que lhe raiava em meio desse escuro!

Não sei se me ouves, anjo! mas Deus sabe
Que outro mortal não cabe
No vacuo precioso,
Que deixaste entre nós embalsamado
Da fragrança ideal do teu reinado,
Tão curto, e tão glorioso
De inimitaveis graças e de encantos!

Deus tambem sabe, irman desventurada,
Que nunca um mar de prantos
Fizera-se tão largo,
E triste, e fundo, e impetuoso, e amargo!...
Que nunca a perspectiva de um rochedo
Lançara tanta sombra
N'esse revoltó abysmo da saudade,
Onde enche-nos de medo

A tua campá, erguida
Para naufragio da felicidade,
Que vae-nos n'este instante
Sobre o dorso da vaga desabrida,
Como perdido lenho fluctuante
A arcar com a tempestade.

Elisa, ai d'essa morte!
Que deploravel, que inaudita sorte!
Quanta verdade, quanta, desmentida!
Mas ai tambem da vida que vivemos
Desde que te não vemos!...
Sim—que esbulhada vida!

Castro Rebello Junior. (Bahla—1878.)

O retrato de Dicanda—E' uma d'essas formosas deidades, ardente, como a andalusa; casta, como Susana, amorosa, como Esther; pura, como o incenso que, em espiraes subtis, eleva-se no templo da oração; sedutora, como Phriné—banhando-se nas aguas de Corintho, emfim, uma d'essas sylphides vaporosas; uma d'essas visões de Ossian; uma d'essas virgens de Murillo ou Raphael; um verdadeiro anjo de Moore; mais formosa do que todos as donzellas do mundo.

Se o grande Byron a conhecesse, sem duvida esqueceria todos os seus amores, dar lhe-ia tudo, como deu á sua gondoleira de Veneza.

Conta apenas desesete primaveras florescentes e esperançosas e em sua fronte morena, como a virgem d' Ticiano, vê-se brilhar uma triplice aureola de innocencia, candura belleza e amor.

Seus olhos azevichados, lindos astros radiantes de luz, parecem antes dois raros brilhantes, engastados n'uma preciosa perola; seus cabellos castanhos escuros, grilhões que perpetuamente trarão qualquer rapaz submisso ás suas plantas, aos seus divinos pés podem servir de madidas madeixas á pobre Madona; suas mãos macias, delicadas e setinosas, como as petalas da rosa, podem substituir as da graciosa estatua de Milon, sua boca é um verdadeiro botão de rosa, deixando transparecer por entre as suas delicadas caçoulas alvas perolas, mais raras do que as de Ophir; emfim sua estatura mediana sobresahe pela sua cintura delicada, como o pedunculo do jasmineiro, baluçado pelas auras perfumosas d'uma eterna primavera.

Professor Joaquim de Cerqueira e Silva.

MOTTE

*Em grosseiros corações
Não se planta o amor perfeito,
Porque esta flor mimosa
Não vegeta em todo o peito.*

Extr.

COLCHEA-INEDITA

De nobres, santas paixões Embora o desvello abunde, Não ha germen que fecunde <i>Em grosseiros corações;</i> — N'elle, máo grado ás sasões Ao amanho, á pericia, ao geito, Falhando todo o preceito Da horticultura esmerada— Morre a semente plantada, <i>Não se planta o amor perfeito.</i>	De Venus, talvez a rosa Floresça em corações taes; O amor perfeito, jamais, <i>Porque esta flor mimosa—</i> Quer hu'alma fervorosa Que é da virtude leito, Quer um affecto, que preito Renda constante á fé pura, Só ahi germina e dura,— <i>Não vegeta em todo o peito.—</i>
--	--

F. M. Barretto—1865.

Nomes estravagantes—Toda a sciencia, alem dos principios que a constituem, das leis que formula e das regras que estabelece, tem uma nomenclatura especial, collecção de termos que lhe são proprios, de um uso constante, sem o conhecimento de cujo sentido, é impossivel ter uma idéa clara do que se estuda.

Estes termos que em geral são formados de raizes gregas, tornam-se ás vezes uma difficuldade seria, com que lucha incessantemente quem enceta o estudo de certas sciencias.

Quem não estremece ao ver na botanica a alluvião de nomes estravagantes das classes, das familias e dos individuos, nomes cuja pronunciaçãõ de uma dureza e barbaria inconcebiveis faz o estudo deste tão bello ramo das sciencias naturaes tornar-se difficil e para alguns impossivel?

Para darinos uma prova, bem pouco significativa, citamos apenas as sete familias admittidas por Mettenius na classe dos fétos—As Hymenophyllaceas, as Gleicheniaceas, as Schizdraceas, as Osmondaceas, as Marattiaceas, as Cyatheaceas e as Polypodiaceas.

Na physica encontram-se ligados aos apparelhos os nomes de seus inventores, de todas as nacionalidades, o que acarreta uma confusão de todas as linguas que obriga a pronunciar-se successivamente o francez, o inglez, o italiano, o hollandez, o sueco, o russo e outras muitas. E' assim que temos as pilhas de Cruiks-

hank, de Wollaston, de Jung, de Oersted, de Sturgeon; os condensadores de Pfaff, de Sbanberg; a bobina de Ruhmkorff modificada por Poggenorff.

Na chimica organica esta nomenclatura toma um character mais serio, porque pelo incessante descobrimento de substancias resultantes da reunião de radicaes a bases já productos de combinações, surgem nomes capazes de assustar os leitores mais intrepidos. Temos por exp.:

Arthomonitrodiphenyldiacetylena, Diparatolyldidiazophenyurêa e Ethylenetramethyldiphenylphosphorium.

Sem duvida a vocalisação destas syllabas deveria constituir uma musica muito agradável aos ouvidos dos Berthelot, dos Pelouse, dos Dumas, dos Wurtz e outros creadores da utilissima sciencia que tantos beneficios presta diariamente á medicina, ás artes, á industria e ao commercio.

Glicerio Velloso. (Bahia—Julho de 1882).

LOGOGRIPO (V)

(POR LETRAS)

Ao Illm. Sr. Lopes Cardoso

Nesta flor muito vulgar—1-6-4-8-9-6.
E' que vejo a divindade—1-3-2-7-8.
Esculpido ao natural—9-1-4-3-9-1-10.
Tens um fructo na verdade—1-8-6-9-3-8-6.
Gentio seja ou pagão,—2-5-8-3-9-1-10.
Molestia que causa dor;—7-9-6-3.
Bem pura philosophia—2-5-8-9-1-6.
E' fructa, tem seu sabor—6-1-8-9-10-5-6.
Tambem a flor tem seu brilho—6-1-9-6-3-4.
Uma bebida, que tal?—7-4-5-10.
Vês uma argolla de ferro—3-9-3-6.
Inda um peso oriental—10-1-1-6.
Aqui tens com que pescar—5-6-3-1-8-6.
Lá na India vegetando—3-9-7-6.
Innocente animalsinho—6-3-8-4.
Os meus livros estragando—5-9-3-2 6.

Quantas vezes ante mim
Amargos prantos correram!
Quantas vezes, meu Deus, quantas,
Tristes orphãos não gereram?

Celecina C. de Mattos (Bahia—Plataforma).

Carta de um padre a um capitão-mór

—Ilm. Sr. Capitão-Mór das ordenanças da villa da Cachoeira governador no seu tanto.

Ad te, Domine, levavi oculos meos, Por cuja causa, magestoso Senhor, vejo-me na proterva necessidade de por na presença de V. S., para ver si a dor central que me opprime a machina digestiva, me promete presagio; e por isso é o ponto pernicioso e até virgula indispensavel, que relicite a V. S. em um quadro restrigente, a geneologia de meus antepassados, para V. S. ver a que alvo se dirigem as minhas setras. E' o caso: a defunta minha avó, sendo viva, e por ser muito viva, teve ou fizeram-lhe ter dous filhos de diferentes sexos; por que um foi varão macho, e o outro varoa femea, cresceram, poseram-se adultos: o macho casou-se e desse illicito ajuntamento nasci eu—Ressurexit Dominus de sepulchro: ficou a femea de V. S. creada, e minha tia, que antes não fora, porque damnando-se jamais houve cathecismo que lhe apropinquasse aquella cabeça de vento—Quia ventus est vita mea; e soltando as redeas dos seus convicios, foi finalmente a balisa do evangelho—Aveste oculos tuos, ne videante vanitatem; e. . . deu á luz um menino macho—qui vocatur Manoel Luiz.

Este é o progenitor do meu empenho; cresceu, poz-se adulto este rapaz, e distinguu-se tanto nos assassínios de sua vida primordial, que não obstante os epithetos da sua prophacia, mais agraciou-me o cumulo das minhas declamações: foi visto pelos impreteriveis ministros da justiça de V. S., e logo lhe cassaram a jurisdicção de virgular as suas acções; e quanto melhor seria, que elle nunca fosse construido para não ser complicado de taes Improperios?—Qui etiam consemptusessem, ne oculi mei viderent. Está finalmente realisado a tropa este meu primo, e aquem revoltarei se não a V. S.? A V. S. inculcarei do fundo de minha dor—de profundis clamavi ad te, Domine; eu imploro do fundo de minha dor a V. S. a libertinagem d'este meu primo, para que, como meu amigo, delle se compadeça—miseremini mei, miseremini mei, saltem vós, amici mei.

Aqui jaz neste Belem José Alves dos Reis com sua amazia, emprenhando, e parindo, de cujo latrocinio contam cinco filhos machos; todos elles são constructores de maldades, trazem esta republica de Belem vendida, não ha casa que não vituperem, não ha quintal que não corrompam, e até da Igreja—Domus mea, domus orationis—elles fazem espelunca, latronis. E porque não foram estes athletas circulados na ordem da prisão? Foi logo o raio suster aquelle innocente José, vendido por seus irmãos; um rapaz propinquo, modico, neutral, benemerito, beneplacito, sinistro, e bem reconduzido, que devera ser conservado no estado de celibato, para ser a pedra fundamental de seu paiz—Tu es Petrus, et super hanc petram edificabo ecclesiam meam.

Deus guarde a V. S. por muitos annos etc. S. C. 16 de Maio de 1759. De V. S., amigo e respeitador

Padre Gonçalo de Souza Coelho.

Agrario de Menezes—A' obsequiosidade do nosso presado amigo o Exm. Sr. Barão de S. Francisco, de quem solicitamos o valioso auxilio, por mais de uma vez prestado, para abrilhantar as paginas do nosso *Almanach*, devemos a bonita e inedita poesia que se segue, composição do sempre admirado poeta bahiano, o Sr. Dr. Agrario de Menezes.

AO MEU AMIGO E COLLEGA

O Dr. Antonio de Araujo Aragão Bulcão

NO DIA DO SEU CASAMENTO

Chi mi darà la voce e le parole,
Chi inspirerà il mio canto!

CESAROTTI

Devo cantar!—a alma aos seus affectos
Uma linguagem propria sempre assume:
Cada estrella no céu tem o seu brilho,
Na terra cada flor tem seu perfume.

Devo cantar!—a voz da natureza,
Quando leda se orvalha em doce pranto,
E', como o trino matinal das aves,
Involuntario canto.

Devo cantar!—o quadro em que se estampa
Sob as vistas de Deus a f'licidade,
Tenha depois um traço de poeta,
Leve tambem um visio de amizade.

N'este fervido amplexo que se deram
Intelligencia e amor, honra e virtude,
Sim, eu quero verter-lhes os enlevos
Em notas do alaude.

Eil-os—dous corações que se ajuntaram
Bebendo o mesmo ser nos mesmos ares;
Velas pandas ao sopro da ventura
Lá vão singrando bonançosos mares.

Na viagem que encetam na existencia
Oh! como vão seguindo o mesmo norte!
Ou bonança ou tormenta—ambos p'r'a vida,
E ambos para a morte!

Assim, ao pé das aras sacrosantas
Ouviu-lhes Deus o mesmo juramento:
Ahi não ha palavras mentirosas,
Não ha calcar no peito o sentimento.

Então a voz augusta do Ministro
Da terrena porção o vicio aferra;
A benção nupcial dos céos descida
 Brota flores na terra.

A candida coroa que engrinalda
Dessa virgem tão pura a fronte calma,
E' a coroa mystica dos anjos
Que dobra o mundo á realza d'alma.

Depois—por um futuro de esperanças
Um celestino olliar, um ineigo riso. . .
Mas --não dizem assim as paginas sagradas,
 Que seja o paraíso.

Ila paz alli!—no mundo eil-as gozando-a
Almas que pela fé se comprehendem.
Ama-se lá?—a vida é toda amores
Quando dois corações n'um só se prendem.

Nem outro é o archetypo sublime
Da verdadeira, infinda f'licidade:
O laço que os espíritos aperta
 Resiste á eternidade.

Sereis feliz, Senhora!—Co'a virtude,
Co'essa nobreza que de Deus descende,
Será brilhante o sol dos vossos dias,
Como o astro de luz que alem resplende.

Serás feliz, Bulcão!—O vate enxerga
Pelos extensos plainos do futuro,=
Em demanda do bem, que te desejo,
 Podes marchar seguro.

A. de Souza Menezes.

ENIGMA

I

Se molestiã sou ños olhos,
No prado me chamam flor;
Signal—estrella nos livros
E per'la de grão valor!

Aspirantes purificaenses (Purificação, Bahia).

A UMA CRIANÇA MORTA

Por sobre as tristes alfombras,
D'aquelles ermos calados,
Como um cortejo de sombras
Cheias de escuros peccados
Caminha o prestito... ao longe,
Na escarpa das penedias,
Ouvem-se os psalmos do vento,
Como a voz triste d'um monge
Sob as abobadas frias
D'algun sinistro convento.

Não ha flor que não succumba:
Sobre os crepes de uma tumba
Vae morta, inerte, gelada
Uma creança, uma flor...
Entremeados de rosas
Os loiros, finos cabellos,
Cingem-lhe em fartos novellos
As magras faces sem côr.

Leva as mãos postas em cruz,
Os olhos meio cerrados,
Como uns crystaes bafejados,
Immoveis, fixos, sem luz...

Ao olhar essa creança,
Já morta n'aquella idade,
Accode-nos á lembrança
Se acaso será verdade
Haver no azul dos espaços
Um Deus, um Deus que não erra,
Roubando os anjos á terra
Para cingil-os nos braços.

Vae cahindo a noute... o mar,
N'aquelle eterno lutar
Das entranhas palpitantes,
Arranca uns silvos profundos,

Tristes, febris gemebundos,
Soturnos, longos cortantes...

Ouve-se um sino a dobrar.

Pára o trabalho nas eirás;
Ao longe sóa cantando
Um fresco, sanguineo bando
De raparigas trigueiras.

Cantae, ó pombas, cantae.
Que o vosso canto é a vida,
O' almas castas e francas;
E' o adeus da despedida
Áquella pomba que vae
Pelos escuros da morte,
Sacudindo as azas brancas:
Cantae, ó pombas, cantae.

E' noite... passam os ventos
Entre a rama dos cyprestes,
E as alvas campas singelas;
Um mocho solta uns lamentos;
Palpitam os pyrilampos:
Tremem no ar as estrellas;
Vóa o perfume dos campos...

E aquella triste criança,
A murcha, a livida flôr,
Tenho-a ainda na lembrança,
Fria, desfeita, sem côr...

Disse-me alguém que o coveiro
Esse homem rude e grosseiro,
Tomado de estranha magoa
Ao vel-a morta e tão nova,
Quando a pôz dentro da cova
Tinha os olhos rasos d'agua!..

A. Macedo Papança.

Documento historico—Eis o documento pelo qual o Presidente da extincta Republica Rio-Grandense, general Bento Gonçalves da Silva nomeou o secretario da legação junto ao governo do Estado Oriental:

«Bento Gonçalves da Silva, General da Republica Rio-Grandense.

Faço saber aos que esta Minha Carta Patente virem, que tendo Eu nomeado ao coronel do Estado-Maior do Exercito José Mariano de Mattos, Meu Ministro Plenipotenciario, Encarregado dos Negocios d'esta Republica junto do governo do Estado Oriental, aonde tem de tratar e promover os interesses d'este Estado Rio-Grandense, na fórma declarada no Diploma e instrucções de que vae munido, e com os Plenos Poderes, Mandato Geral e Especial que necessario é para tal fim: e sendo-lhe necessario um Secretario para o coadjuvar na sua importante commissão: Hei por bem, conformando-me com a proposta que para esse fim me dirigio o dito Meu Ministro Plenipotenciario, encarregado dos Negocios d'esta Republica, Nomear seu Secretario de Enviatura ao Cidadão. . . Capitão de G. N. d'este Estado, por concorrerem em sua pessoa os requisitos necesarios para bem desempenhar esse Emprego; e n'esse character gozará de todas as honras, privilegios, liberdades e franquezas que llic pertencerem conforme o uso e costume das Nações cultas.

E para firmeza do que, Mandei passar a presente por Mim assignada e Sellada com o Sello das Armas da Republica e referendada pelo Ministro e Secretario d'Estado das Relações Exteriores abaixo assignado. Dada na Residencia Presidencial de Piratinin, aos dez de Dezembro de mil oitocentos e trinta e oito, terceiro da Independencia e da Republica.

(L. S.)

Bento Gonçalves da Silva.—José da Silva Brandão.—Carta patente por que V. Ex. Houve por bem Nomear ao Cidadão. . . Capitão de G. N. Secretario do Ministro Plenipotenciario Encarregado dos Negocios d'esta Republica junto ao Governo do Estado Oriental do Urúguay, como acima se declara.

Para V. Ex. ver.

Registrada a fs. 19 do livro competente. Secretaria d'Estado dos Negocios do Exterior em Piratinin, 10 de Dezembro de 1838. No impedimento do Official Maior. O Escripturario João Candido de Campos.

LOGOGRIPHO (VI)

Dedicado ao almanach do «Diario de Noticias»

Eu era muito tida por S. Pedro,
Mas um dia duvidou do meu poder;—1-2.
Se a usura me faz arreentar,
Não importa que por mim venham soffrer.—6-4-8-9.

Eu só fallo da flor lá no jardim,—3-7-5.
Porque ella me mata de alegria :
E' mulher, esta flor encantadora—3-7-8-9.
Que n'um beijo a estalar eu morreria.

CONCEITO

Se fosse permittido referir,
Em conceito o que tenho a declarar,
Longe bem longe eu seguiria
A palavra que foi dada; a procurar.

Mas enfim o conceito é bem facilimo;
Venham todos a elle se enlaçar.
E' um nome de mulher a quem refiro
Muito facil d'um ente decifrar.

Alferes *José Candido Rodrigues.*

Duas provincias presas por um fio—
Pouco depois de terminada a guerra franco-prussiana, era moda proclamar em Berlin, a toda a litoral, a decadencia da França, de Pariz particularmente.

Em um salão diplomatico, onde essa affirmativa se reproduzira pela millesima vez, a dona da casa, uma hungara que adora a França e que foi ahi educada, tomou de repente a palavra:

—Meus senhores, disse ella, creio que exageram e que as machinas Krupp não mataram a arte franceza. Depois voltando-se para um conselheiro, accrescentou:

—Queira confiar-me um objecto insignificante, um cabello, por exemplo. Envia-o-hei o um artista parisiense, e d'aqui a um mez se quizerem dar-me o prazer de jantarem commigo, comprometto-me a apresentar-lhes uma obra prima.

O conselheiro arrancou um cabello da barba, ao som das gargalhadas do auditorio, que perguntava o que é que se poderia fazer de um cabello.

No dia affixado compareceram todos em casa da hungara.

Ao *dessert*, a dona da casa abriu um estojo e apresentou-o aos seus convidados, simultaneamente humilhados e estupefactos.

Uma aguia preta, com as azas abertas, o pescoço pendente, os olhos incrustados de carbunculos, segurava no bico adunco um fio de oiro, no fundo do qual se via o cabello que contorneava o duplo escudo da Alsacia-Lorena, em mosaico com esta divisa:

«Ils ne les tiennent que par un cheveu!»

LOGOGRIPHO (VII)

(POR LETTRAS)

Amigos, no mar	Deixemos a caça;
A rede lancemos—4-8-6-7-2-3-5.	Amigos, joguemos;
De pressa que o peixe;	E' licito o jogo,
Pescal-o queremos—5-2-1-9.	Os dados lancemos.—5-4-3.
Deixemos o peixe;	Amigos, á danza!
Amigos, cacemos;	O jogo deixemos;
A ave apparece,	Lo som das orchestras,
Ligeiro atiremos-9-7-1-3-2-9-4-3-5	Alegres dansemos—2-6-7.

Nem rede, nem peixe, nem caça, nem jogo,
Nem danza vereis;
Porem vegetando, nos campos, nos valles
O todo achareis.

Viridiana M. de Mattos. (Bahia—Itapagipe.)

A caça e o jejum.—O professor real Nicoláo André, consagrou centenas e centenas de paginas á discussão deste curiosissimo assumpto: se se pode comer caça no tempo da quaresma, e refere-se nesse estudo ás disputas e altercações dos curas, monges e medicos do seu tempo, com as decisões dos bispos.

Termina o erudito e meticoloso escriptor por estas palavras a sua longa dissertação:

« Todo o animal, ou do mesmo elemento ou do mesmo gosto e sabor que o peixe, ou, emfim, tendo o mesmo sangue frio que tem estes animaes, póde ser comido no tempo de jejum.»

E declara que a lontra, o castor e a tartaruga devem ser collocados na mesma ordem e cathgoria, e considerados como peixes nas cosinhas dos mosteiros e conventos.

« A egreja, remata o escriptor, é uma sabia e prudente mãe, que estabelecendo o preceito do jejum, não quiz exigir a observancia, com um rigor que podesse degenerar em minucia reprehensivel.

« A sua intenção foi de enfraquecer o corpo, privando-o de allmentos que lhe podessem dar mais vigor.»

Estas discussões fazem rir, quando as lemos superficialmente; mas reflectindo em tudo, nada achamos no fundo dellas, senão o instincto do homem mais forte que a sua vontade, procurando por caminhos desviados alcançar a alimentação mixta de carne e de legumes, que é uma das necessidades da sua conformação.

BALLADA DO DESESPERADO

(TRAD. DE MURGER)

Quem bate á porta a taes horas?
Abre, sou eu.—Quem tu és?
Não se entra em minha casa
Tão tarde assim, bem o vês.

Abre—Teu nom.:?—*Ha geada.*
Abre—Teu nome?—*E's tardio!*
Qual é o teu nome?—*Ah! na cova*
Um morto não tem mais frio!

Eu caminhei todo o dia
Do Sul ao Septentrão—
Ao pé da tua lareira
Quero sentar-me—Inda não.

Diz teu nome—*Eu sou a gloria*
E aspiro a posteridade...
Passa phantasma irrisorio!
Oh! dae-me hospitalidade...

Eu sou o amor e a esperança,
As duas porções de Deos.
Segue a estrada; a minha amante
Ha muito me disse adeus.

Eu sou a arte e a poesia.
Proscrevem-me. *Abre.* Não.
Já não canto a minha amante,
Não sei que nome lhe dão.

Abre, que sou a riqueza,
Trago do ouro o fulgor,
Posso dar-te a tua amante!
Podes dar-me o seu amor?

Sou o poder: tenho a purpura,
Abre a porta. Anhele vão!
Podes trazer-me a existencia
D'aquelles que já não são?

Se tu não abres teos lares
Senão a quem diz seo nome—
Sou a morte, trago alivio
P'ra cada dor que consome.

Podes ver: trago na cinta
Ruidosas chaves fataes;
Abrigarei teo sepulchro
Do insulto dos animaes.

Entra, estrangeira funerea,
Perdoa á mendicidade,
Porque é no lar da miseria
Que tens hospitalidade.

Entra, cancei-me da vida
Que nada tem p'ra me dar...
Ha muito eu tinha desejos
(Não força) de me matar.

Entra no lar, bebe e come,
Dorme e quando despertares
Para pagar tua conta
Has de levar-me a teos lares.

Eu te esperava, eu te sigo...
Vamos, arrasta-me assim...
Mas deixa meo cão na terra
P'ra eu ter quem chore por mim.

Castro Alves.

Eis uma curiosa estatística militar.—
O exercito de toda a Europa compõe-se de 9,557:000 homens,
que, dispostos em linha, formariam uma extensão de 6,016 kilo-
metros. Para passar diante d'elles gastaria um comboyo ordina-
rio, com a marcha de 22 kilometros por hora, 44 dias e 9 horas
e meia!

LOGOGRIPHO (VIII)

(POR LETRAS)

A prima, segunda e quarta
Veleja, caro leitor;
A quarta mais a terceira
E' marisco, sim senhor.

Segunda, quinta e oitava
No reino de Bisnagar,
Procurando com affinco,
Com certesa has de achar.

Segunda, oitava e setima
E' com certesa animal;
Sexta e oitava é um peixe,
Pódes crer, pois é real.

Prima, terceira, setima e prima
E' do reino animal;
Porem a segunda e quinta
E' do reino vegetal.

A segunda com terceira,
Com mais setima e primeira,
Has de vel-a sobre as ondas,
Pois é lancha bem veleira.

A quinta e mais a segunda
Com oitava e derradeira,
Sendo assim tem bella cor,
Pódes crer, não é brincadeira.

Agora, caro leitor,
Para achares o conceito,
Ide ao fundo do mar
Procurai, porem com geito.

Marrecos Taperoenses. (Taperoá)

Modo de dar uma noticia—Um rico proprietario da Suabia enviou o seu filho a Paris para aprender o francez e os bons modos da sociedade. Algum tempo depois, um dos criados da casa veio buscar o joven, que lhe perguntou com anciedade o que havia occorrido na casa paterna.

—Pouca coisa, respondeu o criado passando a mão pela frente—pouca coisa; não vos lembraes d'aquelle formoso corvo com que vos presenteou um amigo? Pois morreu.

—Pobre animal! e como?

—Por haver comido demasiado as carnes dos cadaveres dos nossos bonitos cavallos que morreram um atraz do outro.

—Que dizes? morreram os quatro cavallos de meu pae? E de que accidente? . . .

—Porque os fizeram trabalhar muito em trazer agua no dia em que se incendiou a vossa casa.

—Que estaes dizendo? Nossa casa se incendiou? e como?

—Porque não tiveram cuidado com as tóchas na noite em que foram amortalhar o vosso pae.

—Desgraçado! tornas-te-te louco? meu pae morreu?

—Sim senhor; e de resto não occorreu nada de novo na aldeia, nem em vossa casa.

A LUIZ DALHUNTY

Autor do «Remember»

Da noite no silencio, enquanto a natureza
O repouso aos mortaes de subito assignala,
Eu só velando, escuto, em meio da tristeza,
As notas musicaes que o teu piano exhala.

Quando fazes vibrar a delirante escala,
De tuas mãos sòmente a magica destreza,
O anjo de harmonia o espirito te embala,
E tu sentes emfim, dos genios a grandeza.

Cinge-te a fronte já a cr'òa immarcessivel
Que aos filhos seus concede Euterpe, a cuja vista
A justiça preside e a fama é infallivel.

Eu só posso abraçar-te, ó magestoso artista!
Se deu-te ha muito nome a walsa «Irresistivel»
O «Remember» será tua maior conquista.

Ed. de Carvalho. (Junho de 1879.)

A historia do sorvete—Os gelados não são uma invenção moderna. Os hebreus, egypcios, persas e os indios consideraram o seu uso como uma necessidade sob o céu ardente. Comtudo, os gelados estavam, primitivamente, longe de ser tão perfeitos como depois que elles se obtiveram com o auxilio dos aparelhos que a sciencia poz á disposição do homem. Os gelados antigos consistiam apenas em liquidos, que se faziam gelar em vasos rodeados de neve ou de gelo, mas os gelados solidos, os sorvetes, os granitos, eram desconhecidos dos orientaes.

Foi somente no meiado do seculo XVII, que os limonadeiros italianos aperfeiçoaram a maneira de fazer gelados e introduziram os sorvetes nas mesas.

Em 1660, Procopio Cultelli estabeleceu-se em Paris, em frente da Comedia Franceza, rua *l'Ancienne Comedie*, então rua *des Fossés Saint Germain*, pondo á venda fructas geladas, cremes gelados, compotés de café, de chocolate, de baunilha e de canella. O uso espalhou-se em Paris e na provincia, e a corte e a aristocracia tambem o adoptaram, não passando ninguem sem sorvetes e sem gelados, no verão.

No tempo de Boileau, como se vé de uns versos no seu *Repas ridicule*, era uma vergonha não haver gelo em um jantar.

Eis o que o afamado Vatel inventou para servir de um modo singular os gelados á meza do vencedor de Rocroi.

Deu-se isto no dia em que Condé recebia Luiz XIV na sua magnifica residencia de Chantilly. A ceia, verdadeiro triumpho para Vatel, foi servida em 25 mezas. Quasi no fim do festim, servio-se a cada conviva em um elegante copo de prata dourada um ovo, um bello ovo, de varias côres.

O espanto foi geral. Cada um perguntava o que se havia de fazer de um ovo na occasião da sobremessa. Ora, esse ovo, não era senão um sorvete compacto como marmore. Todos acharam a lembrança excellente, e o principe de Condé felicitou o seu inventor muito affectuosamente, o que não impediu ao celebre cozinheiro de se atravessar com uma espada, desesperado por não chegar o peixe, que elle esperava para o jantar do dia seguinte.

O sorvete data pois, de 1660 em Pariz, isto é, ha 223 annos que este refrigerante, invento de um italiano, começou a ser conhecido n'aquella cidade.

ROSICLER

A verdade e as mentiras

(DE RAMON DE CAMPOAMOR)

A GERALDO DE-VECCHI

Quando por toda a esperança
O padre diz ao nascer
A' estremecida creança:
—E's pó e pó has-de ser,

Repetem n'um doce grito
A mãe e a ama também:
—Como elle será bonito!
—Bonito e homem de bem!

E logo após a Esperança
Faz o estribillo á canção:
—Será feliz a creança!
—Será rei! brada a Ambição.

E enquanto o tempo procura
O menino engrandecer,
A religião murmura:
—E's pó e pó has-de ser.

Cheias de fé e certeza,
Exclamam com porte audaz:
—Será um Creso! a Avareza;
A Vaidade: —Oh! muito mais!

E o seu nome se derrama
Da terra aos eternos céos...
—E' Homero! grita a Fama;
Volve a Rasão: —E' um deos!

Mas a voz, solenne e pura,
Ao nascer, como ao morrer,
Diz no ouvido á creatura:
—E's pó e pó has-de ser.

Luiz Guimarães.

**Officio do Director de uma Colonia
sobre os nascimentos e obitos da mesma.**

—Quanto a nascimentos saberá V. Exa. que apenas nasceu um só bizerro, e quanto a obitos, o que tenho a informar é que ninguém tem sido ainda condecorado na Colonia; e como está para haver festa, é preciso vir uma força de soldados para conter o povo.

Colonia de. . .

Ilm. e Exm. Sr. Presidente da Provincia de etc.

LOGOGRIPHO (IX)

**Offerecido ao Ilm. Sr. Julio L. Mou-
tinho de Souza**

Na India, acharás um rio
Cuja agoa foi considerada
Como se ella tivesse
Alguna cousa de sagrada—2-1-11-2-12-13
Quando este, era menino
Ensinou a sorte de advinhar
Sendo filho do Genio
Todos o queriam adorar—4-3-2-8-13.
Nome que os Athenienses
Deram a uma graça
E tambem appellido de Diana
Por ser deusa da caça—5-12-2-12-9-6-11-8.
Este habitante da Parrhasia
Foi convertido em animal
E passados dez annos
Recobrou a forma principal.—7-8-9-8-11-8-4-10.
Chegando á ultima velhice
Uma feiticeira o remoçou
Porque o marido desta
Muito, muito, lhe rogou—8-13-6-11.
Dos deuses, o filho da noite
De todos é o mais implacavel
Por isso que os homens
Acham-no pouco amavel—9-6-9-10.
Apollo a este musico
Pelos cães o fez espedaçar
Para punir o atrevimento
De na sua cithara tocar—11-8-3-11-4-5-8-13.
As Romanas a honraram
Instituindo uma festividade
Assim como a immortalisaram
Sem que fosse divindade—13-8-11-4-1.

Agora um conceito vou dar
Porem qual, não acho geito,
Com tudo procura bem
P'ra ver se alegras o peito.

Angelo de Araujo Negrão. (Taperoá.)

==No anno de 1882 realisaram-se em França 279,580 casa-
mentos, repartidos da seguinte forma:

Entre rapazes e meninas 236,604.

Entre rapazes e viúvas, 41,369,

Entre viúvos e meninas, 20,943.

Entre viúvos e viúvas, 40,663.

Classificando os esposos, encontra-se esta repartição:

Do lado dos homens: 247,974 rapazes; 34,606 viúvos.

Do lado das mulheres: 237,546 meninas; 22,032 viúvas.

Assim, casam-se mais meninas do que rapazes e mais viúvas
do que viúvos; é assim que se faz a comparação.

PUDICA

Era um mixto de candura
E p'rigos humanizados—
Feitos de essencia e ternura
Com beijos crystallisados.

Aquella rara feitura
Aos proprios lyrios, coitados,
Dava licções de ternura
A' moda... dos namorados!

A deidade tinha um filho...
—De quem é? Um peralvilho,
Diz-lhe em segredo ao ouvido.

E ella um tanto embaraçada:
—Se é certo que sou casada
Ha de ser de meu marido! !

Alfredo Ceylão. Minas—82

O leite não se corta deitando-se n'elle um pouco de
bi-tartaro de soda, um grão por cada litro de leite, cuja subs-
tancia não altera o gosto, pelo contrario facilita a sua digestão.

Este remedio mui simples é infallivel, e deve ser usado sobre
tudo no tempo de verão, em que se perde tantas quantidades
de leite.

A MINHA FLAUTA

Amavel companheira, que no espaço
Os risos e os soluços
Do coração derramas: sempre amar-te
Hei-de, ó grato Instrumento,
O' fonte de harmonias.

Não trina mais alegre o passarinho,
Quando a manhã saúda
E a natureza entorpecida acorda,
Que tu, quando, glorioso
Dos amores da esposa,
Entumecido o peito, encantos d'ella
A' briza, á terra, ao mar,
E ás estrellas do céu contigo narro.

Não mais sublime ruge
O mar agrilhoado
Entre negros cachopos' que quebrar
Insano tenta em vão,
Indomito leão que a jaula morde;
Que tu, quando da arte
Lucta com as asperezas

Nem, ó flauta, no bosque mais sentida
Geme a viuva rola,
Que eu gemo em ti de minha terna mãe
As saudosas lembranças
Que no céu d'alma vagam-me:
De minha doce mãe, que abandonei,
Qual se não me devêra
(Sagrada divida!) ao anoitecer.
Da lida da existencia,
D'ella, a melhor das mães.

Ingrato filho! . . . Ainda me recordo. . .
Que digo?—O rosto angelico
Cada dia mais mostra-se-me ao vivo
Qual n'hora da partida,
Todo em prantos banhado:
Inda sinto apertarem-me convulsos
Aquelles santos braços,
Procurando deter-me. . . Ai! . . . Cara amiga! . . .
As saudades cantemos
Que angustiam-me o peito.

M. Vilas.

A Verdade e a Prudencia—Passeava um fakir todo ancho por seus campos, quando ouviu retinir o solo sob seus passos.

—Oh! diz elle, este logar aqui está ouco. Quem sabe se é o escondrijo de algum thesouro!

E logo mandou cavar a terra n'aquelle ponto.

Mas, depois de muita fadiga, apenas conseguiu achar a bocca de um poço que alli jazia em secco desde muitos annos.

Perscrutava elle com olhar desanimado aquella escura cavidade, quando do mais profundo da cisterna se ergue vagarosamente uma pallida e formosa moça.

O fakir recúa espavorido, exclamando:

—O' tu que excedes em belleza as filhas de Bralima, diz-me quem és e como te achavas ali subterrada?

—Eu sou... a Verdade!

—Oh! exclamou o fakir, e deitou a correr com quanta força tinha nas pernas.

Vendo-se só a joven, encaminhou-se vagarosamente para a cidade.

Passaram por junto d'ella poetas, mercadores e sultanas. Vendo-a, disseram os poetas: «Como é pallida!» As sultanas: «Como é indiscreta!» Os mercadores: «Como é triste!» Mas ninguem pareceu dar-lhe apreço.

D'ahi a pouco passou um corteção, e convidou-a a subir para o seu palanquim.

Apenas sentou-se, viu ella a sultana favorita, que por conselho do medico passeava sobre um dromedario.

—Eis uma coisa singular, disse a Verdade, a sultana tem o nariz torto?

A esta exclamação o corteção estremeceu e julgou-se perdido. Havia uma lei que prohibia fallar, quer bem, quer mal do nariz da sultana.

E logo fez a Verdade apear-se dizendo consigo:—Que loucura a minha de me embarçar com esta falladeira... .

A triste abandonada continuou a caminhar até que chegou ás portas da cidade, perguntou a um transeunte em que logar poderia passar a noite.

O individuo interpellado sabendo que ella era a Verdade, apressou-se em conduzi-la para a sua casa, crendo ter achado uma fortuna.

Vivia esse sujeito de uma especulação que não é muito rara; redigia uma gazeta, onde todas as manhãs os homens de fortuna ou de posição liam o seu elogio.

Com esta industria obtinha elle dinheiro e grandes favores dos poderosos da terra; a idéa, porem, de hospedar aquella ingenua e franca peregrina ia-lhe custando a vida. N'essa noite emquanto o especulador redigia a sua folha, considerava-o a Verdade sem dizer palavra: mas logo que ella apagava tudo quanto o outro havia traçado, tomava da penna escrevia precisamente o contrario.

Imagine-se que surpresa e assombro não produziu na manhã seguinte o boletim do nosso folliculario!

O vizir mandou-o prender, e ordenou que o castigassem com elncoenta ehlbatadas. Só escapou com a vida por ter explicado como se dera o facto e por haver cedido a sua hospede ao vizir, o que fez de muito boa vontade, como é de crer, e bem satisfeito por se ver livre de semelhante *trambolho*.

O vizir fez conduzir a Verdade com todas as atenções para o seu palacio, esperando tirar partido d'ella contra seus inimigos; mas annunciando-se-lhe que n'aquelle mesmo dia o kalifa vinha visital-o, receioso de que este a visse, ordenou, *a bem do serviço publico*, que lhe dessem a morte.

Immediatamente quatro emires apoderaram-se da desditosa, collocam-n'a com summa polidez e delicadeza entre coxins de seda bordados e perfumados, e a asphyxiaram com sibias precauções. Isto feito carregaram o inanimado corpo e o deitaram em um recanto solitario dos jardins.

Julgam os grandes e poderosos que a Verdade morre, porque conseguem abafal-a por algum tempo; é um engano, o ar e a frescura do céu lhe restitue a vida, como aconteceu á nossa viajante, que completamente ressuscitada, aproveitou-se das trévas para escapar-se do jardim palaciano.

Continuou sua peregrinação e chegou a uma bibliotheca, onde havia cinco mil annos se accumulavam as producções do espirito dos sabios d'aquelle paiz. Como a noite estava frigidissima accendeu fogo, e para alimentar este, serviu-se de livros de todos os formatos; quando rompeu o dia só restava da grande livraria uma duzia de volumes que a Verdade embrulhou cuidadosamente e levou comsigo.

Bem depressa se achou a desgraçada fugitiva fóra dos muros da cidade, e perto de uma singela e acceiada casinha cercada de um jardim gradeado. E' moradia de uma fada chamada Prudencia. Entrou sem receio, disse quem era e pediu agazalho.

Esta franqueza me agrada, disse a fada, mas faz-me receiar muito por ti. Se fores conhecida, nada te poderá salvar. Vem comigo.

Desceram juntas por galerias subterraneas e chegaram a um vasto recinto, onde estavam convenientemente ordenadas e arrumadas pelles de animaes, cascas de arvores, involucros emfim de todos os seres. Logo á primeira vista se reconhecia alli o arsenal de um fabulista.

Mostrou-lhe a fada todos aquelles petrechos e apparatus, e disse-lhe:

—Pois que não te sabes esconder nem calar, é acertado que procures disfarçar-te. Posso fazer-te penetrar em todos os seres cujo envoltorio exterior estás vendo, e elles se animarão no mesmo instante. Fallarás sob estas differentes e novas fórmãs; d'este modo invectivarás o embuste e o vicio, sem o mener damno; tu perturbarás o somno a muita gente.

Eis a razão, leitores, porque tendo feito esse pacto com a Prudencia, ha quatro mil annos a Verdade não se mostra aos homens senão com a apparencia da fabula.

INDEPENDENCIA

A' mocidade academica

E' a hora das epopéas,
Das illiadas reaes!

CASTRO ALVES.

Como alvorada de crenças,
Como divino pharol,
Rompendo as sombras immensas
Da ignorancia fatal,
Asssim a luz do talento,
Da intelligencia—o brillante,
Surgio audaz, radiante,
Da idéa no firmamento!

Então o dia de glorias,
Iluminando o porvir,
Espanadava victorias
Na senda do progredir!
Tudo era luz! de crianças
Se erguiam agulas, heróes!
Almas formadas—d'esp'ranças!
Estrellas feitas—de sóes!

E estes vultos que logo,
Surgiam com tanto ardor,
Tinham idéas—de fogo!
Tinham vôos de condor!
Guerreiros, vates, artistas,
Tudo o passado traz
N'um poema—de conquistas!
No seu diluvio—de luz!

Se a espada rasgava peitos,
E o povo tremia exangue,
Se a penna traçava feitos
Com letras tintas em sangue;
A industria, o progresso, a arte,
Em suas glorias irmãs,
Lançavam por toda a parte
Da—Independencia—as manhãs!

Depois, de uma forma estranha,
Fez,—um poder sobre-humano
Do grão de areia—montanha!
Da gotta d'agua oceano!
E o novo mundo de glorias,
Iluminado por sóes,
No manto azul—de victorias
Entrelaçava os heróes!

E vós, que sois descendentes
Da heroica prosperidade,
E dos obreiros ardentes
Do templo da liberdade,
Cumpris um dever sagrado,
Vindo ao talento applaudir!
Moços!—quem honra o passado,
Louvores tem do porvir!

Alexandre Fernandes. (Bahia 7 de Setembro de 1883.)

A Hespanha tem actualmente 137 praças de touros, das quaes 107 são de propriedade particular, 14 de municipalidades, 5 de deputações provinciaes e 11 de outras corporações. Estão 40 em construcção e ha 50 praças publicas, que em circumstancias especiaes, como nas festividades populares, se podem transformar em circos tauromachicos. Durante o anno termo medio, ha n'aquelle paiz 210 corridas de touros e 335 de novilhos, sendo mortas 2.090 rezes.

Está visto: em touros e frades nenhuma nação passa a perna na patria de Cervantes.

LOGOGRIPHO (X)

(POR LETRAS)

Cincoenta combinações
Vos offereço leitor;
Tantas precisas não eram
Para o bom dccifrador.

Outras tantas dar podera
Mas p'ra que? tudo é de balde!
Todos vós naufragareis
Com bem pezar na vcrdade.
Senhores, a cousa é seria,
Entrarei já na materia.

Este animal roedor—9-19-7-18-19
Esta planta destruindo—9-8-16-16-10-14-4-7-4.
O galão para debrum—3-19-13-7-21-16.
Na veste sobresaindo—3-19-6-15-12-19-17-4.
Vejo agora frade leigo—5-19-12-5-19-7-7-4.
Meio conego talvez—19-12-12-17-12-15-4.
Falla a respeito do sol—9-10-16-13-4.
Que no navio vereis—3-19-7-14-19-12-4.
 Dama bella e talentosa,—16-19-15-12
 Gostaes de arruda cheirosa?—9-19-7-5-19-16-21,
Ja compréi um coco molle—16-19-2-9-19.
Por semelhante valor—16-19-7-17-5.
Ainda com tal moeda—6-19-7-20-19-4.
Um copo d'este licor—5-21-7-19.
 Vejo agora um capitão,—5-13-7.
 Governando a embarcação—6-19-7-19-4.
Dizem ser pedra de toque,—9-8-7-19-3-16-17-19.
Outros dizem ser medida—9-12-11.
Negras aves apparecem,—3-19-16-3-19-19-7-8-12.
E fructinha conhecida—3-19-5-14-4-13.
Eis um doutor de bem longe—5-4-16-9-19.
Querendo tocar trombeta,—6-19-7-19-6-19-2-20-19.
Pois tem caspa na cabeça—3-19-7-10-6-19.
E moeda na gaveta.—19-14-19-12-12-17.
Bem podes comer o peixe—3-19-7-6-19.
Com molho bem saboroso,—3-19-7-13-16.
Ou, se quizeres, tens ostras,—3-9-15-6-4.
Que é marisco apetitoso.—16-19-6-19.
 Olha a vibora damnosa—19-12-6-17-18-21.
 Pois é cobra venenosa!—16-15-3-7-19-2-3-4
Offereço-te estes mimos,—5-19-2-3-9-19-12.
Panno de grossa fazenda.—5-10-14-15.
Não é bonito no jogo—18-4-11-19-12.

Se andar sempre em contenda.—20-19-7-10-12.
 Aqui tens um advinho,—19-7-17-4-16-4.
 Inda um outro bem famoso—14-19-3-17-12.
 Entre os Gallos—divindade,—14-10-16-21-11-4.
 Mais um monstro fabuloso.—3-21-14.
 Mas que escuto, meu amor!—3-9-19-3-9-7-19.
 Famoso advinhador.—3-19-16-3-19-12.
 Divindade entre os Egipcios,—3 28-6-9.
 Uma ave aqui vereis,—3-10-19-2.
 E' peixe pouco vulgar—6-8-7-3-19.
 Inda um peixe aqui tereis.—14-19-7-14-4.
 E' fonte, segundo a historia,—3-19-14-19-16-16-13-2-19.
 E tambem uma medida;—3-8-5
 E' jogo, podes jogar;—6-19-12-12-19-18-8-12.
 Moeda pouco conhecida.—14-1-3-19.
 Combatido com fereza—7-4-3-9-8-18-4.
 Tambem tem sua dureza —18-1-19-12-6-7-4.

Em tal sorte, meu leitor,
 Trabalharás, mas em vão;
 Ficarás meu logogripho
 Sem achar decifração.

Arlinda A. de Moraes (Bahia—Plataforma).

Edital de um Juiz de Paz—Meu pôvo!

Todo o mundo lá de casa anda contente, que faz gosto olhar para os meninos! De hoje demanhã cheguei da côrte do Rio de Janeiro de chegada de cambra, onde com toda a nobreza di character prestei o juramento consagrado defilicidade perperpctua a vara do cargo de Juiz de Paz. . . E então fiquem sabendo que faço saber a quem quizer e a todos e acadaum em particular ou em publico, que para mim é o mesmo; porque quem não deve não teme; que faço afixar esta minha carta pat nte de edital, na porta de Manoé Zé, para conhecimento dos respetivos suppli-cantes.

Como não sou nem um recebedor de gallinha e depato e de *edicetra*, nem deporco macho ou femea ou qualquer *genro* que fôr e que lá se avenhão com os padrinhos! Ha de tudo andar fino e direito, que este anno não estou para graças de nem uma maneira consecutiva e qualquer.

Requerimento que quem á mim vler ou a minha pessoa, ou a minha presença ou por via da Senhora, que é fiaoria com os afilhados, faço saber:

Paragro 1.º: Não admitto borrão, nem lambeduras, nem raspaduras, e nem por isso tão pouco admitto riscaduras ou outra qualquer cousa semelhante, que inda que velhaçada, è uma patifaria. Pelo que desde ja vou previuindo meu cunhado José Min-dinho; que este anno estou nuí rijo como um caibro; tomem lá

sentido que senão tomarem, me digão com todos os diabos, porque vocês me fizerão justiça de paz? Não foi para eu lhes arrumar no cangote com minha vara de jurisprudencia desta nossa reverenda freguezia.

Artigo 2.º As minhas audiencias não de ser de conciliação dos partidos, com todo orespeito nos domingos e dias santos de guarda, logo depois do almoço.

Artigo 3.º Todos devem andar limpos, e os requerimentos me serão dados em plena sessão.

F. . . Tabellião Escrivão dos negocios da Freguezia o escreva, e mande grudar na porta de Manoé Zé. E eu etc. etc.

O REGATO

A' beira de um regato, pensativa,
Banhava-se uma joven tristemente,
Um passaro que pairava pelo espaço
N'um gorgeio lhe disse, ternamente:

—Ah! não turves, ó joven, o regato
—Branco espelho onde o céu se vem mirar.
A joven para o passaro voltando-se,
Assim lhe diz, em pranto, a soluçar:

—Lindo passaro, sabes que o regato,
—Margeado de jasmins e de boninas,
—Transformaria em breve as turvas aguas
—Em aguas alvacentes, crystalinas..

—E porque, no vergel, ao meu amante,
—Quando elle me abraçava, não disseste:
—Ah! não turves a alma da donzella,
—Ah! deixa que reflecta o azul celeste!

Francisco Picanço.

ENIGMA

II

(Imitação do da pagina 175 do Almanach Luzo-Brazileiro de 1884)

Parece incrível, como entre uma variação e um membro possa haver uma taboa.

Onde está o governo?

SONETO

Tem só por cousa sabida o poeta
Moer a phrase em versos delambidos:
Da vida outros culdados são perdidos,
E com elles cançar-sc é ser peseta;

Pôr no poder ou na riqueza a meta
E' de espiritos baixos, pervertidos;
No labutar do mundo entes mettidos
Não trazem fronte illuminada, erecta;

São artes vãs tornar o ferro ductil;
Cada um leva á feira o seu carreto;
Fazer um almanach é cousa futil.

Seja assim. O que eu penso aqui o metto:
Não conheço trabalho mais inutil
Que martellar as rimas d'um soneto.

Dr. Luiz de Castro.

Documento curioso—No dia em que pela primeira vez se celebraram na cidade de Belém, capital do Pará, exequias solenns por alma de d. Pedro I, o fundador do imperio, espalhou-se na igreja um papel impresso contendo o seguinte:

«Dedicatória às Exequias que pela primeira vez se celebram hoje, 24 de setembro de 1843 em todo o Brazil, ás respectivas Cinzas de S. M. o sr. D. Pedro I, Fundador do Imperio, que descera ao jazigo dos mortos aos 25 de setembro de 1834, offerecida ao seu Augusto Filho Sua M. I. e C. o sr. D. Pedro II e á Nação pelo Bahiano abaixo assignado.

A gratidão é virtude
N'alma de quem a tem

Brazil saudoso! America entristecida!
He com aquellas palavras do Profeta Jeremias
Lamentando em pranto a orfandade de Jerusalem
Com as quacs desafio hoje a tua Dor
A' vista do Mausoléo tão funebre!
«Cahio a Coroa da nossa cabeça ai de nós.»
Onde as cinzas do Heroe! do Pai da Patria!
Onde jazem? no Brazil não: porem aonde?
«No Porto o coração, em Lisboa os restos
«E apenas no Brazil sem Benefícios»
E pudesteis consentir, oh Grande Deus!

Que o mais negro borrão na Historia nossa
 Manxasse a pagina onde a Gratidão
 Illesa e prematura estar devia?
 Pudesteis consentir que d'este Imperio
 Seu sabio fundador, Pedro I
 Se ausentasse de nós, porque só turba
 Insensata quizera exercitar
 Funções que não exercera o povo inteiro?
 Não devias consentir que desta America
 O Monarcha Bemfeitor se despedisse
 Pois Jurara viver, morrer comnosco.
 Mas que tumulto me vem refrigerar!
 Que spectaculo tocante é o que vejo!
 He Pedro Filho do Heroe, que unido ao Povo
 Prostrados com reverencia ante o Sepulchro
 Sua morte pranteiam, ao Céu enviam
 O Sufragio devido ao seu Augusto
 Acolhei, Deus Eterno, la no Empirio
 Ao Grande Liberal Pedro I
 Pois amor tributei-lhe verdadeiro
 E vós Naçoens do Mundo vede attentas
 Que o Brazil despertando d'apathia
 Do seu libertador venera as cinzas,
 E que Pedro II e o Brazil todo
 Ao romper a Aurora deste dia,
 Infausto anniversario de seu fim
 De lucto se revestem, debulham em pranto

Manuel do Nascimento Rodrigues Barretto.

Pará 1843 na Typ. de F. J. Nunes na casa de sua residencia na Estrada da Olaria.

CHARADAS NOVÍSSIMAS

XV

1—1—E' n'alma e na materia que está a causa da vida.

XVI

1—!—Sou um circulo elevado,

XVII

2—2—Este homem tem um parente na Turquia.

XVIII

2—2—Sopra e corre como certo.

XIX

2—2—Na Asia o mestre é invencivel.

XX

4—3—E' flor mas é flor de Portugal.

Claudio José Gonçalves. (Japarutuba).

DICIONARIO DE LAROUSSETTE

(Traducção de C. d'E.)

- Aboficionismo.—Realejo da moda.
Aborto.—Embargos a obra nova.
Amor.—Uma iguaria indigesta.
Antonio (Ennes).—Parodia de Cezar Cautu.
Adéga.—Logar onde muitas vezes em vez de subir o vinho á cabeça, é, pelo contrario, a cabeça que desce ao vinho.
Anonymo.—Praça d'armas da Covardia.
Bebedelra.—Abnegação do corpo pelo *espírito*
Cadeia.—Exposição permanente de feras
Corpus-Juris.—Decididamente foi Justiniano o inventor dos narcoticos.
Casamento.—Especie de carta registrada.
Contrabando.—Capote da probidade.
Critica.—Se se tivessem lembrado della, não existiria o pe-lourinho.
Dentista.—Sujeito que arranca os dentes dos outros para dar que comer aos seus (lá delle . . .)
Darwin.—Espelho de suas doutrinas.
Diplomata.—Direito internacional de casaca e luva de pellica.
Eleição.—A musica dos partidos.
Errata.—A confirmação do erro.
Elogio (mutuo).—Guarda avançada das mediocridades.
Estupidez.—Lei natural que ninguém quer sancionar.
Filho.—Publica-fórma de um contrato nupcial.
Hospital.—Não são só os bois que têm matadouro.
Humanidade.—Invenção do positivismo para se divertir com a gente.
Imposto.—Trabalha o governo e quem súa é o povo.
Ora, esta !
Justiça.—A *venda* nos olhos não dará idéa de commercio?
Jornal.—Comboio do pensamento que quasi sempre descar-rilha na linha das opiniões.
La Fontaine.—Moralidade em verso.
Macaco.—Cópia de um original mais aperfeiçoado; às vezes é o contrario.
Medicina.—A vida pela morte.
Mentira.—Depois disto já se inventaram os manifestos politi-cos.
Mar.—Botica homœopathica.
Monte (Socorro).—*Refugium peccatorum*.
Nariz de (cera).—Enxerto na memoria.
Necessidades.—Cada um sabe onde lhe aperta o sapato.
Oratoria.—Arte de fazer dormir.
Pasquim.—Uma creança mal educada que afflige a sociedade.
Policia.—A's vezes é uma especie de fogo sant'elmo, que só apparece depois das tempestades.

- Papel. Matéria prima do Brazil.
 Parasita.=Zero á esquerda de um algarismo.
 Pobreza.=Única clausula testamentaria dos homens de bem.
 Politica.=Armazem central de conveniencias, na corte, com succursaes nas provincias.
 Philantropia.=Região muito explorada.
 Programma (politico).=Machina de apazigar moscas.
 Patriotismo.=Nota falsa em circulação.
 Pontapés.=Impostos addicionaes.
 Propaganda.=parto laborioso.
 Rhetorica.=A arte de ser pedante.
 Sacrificio.=Especie de purgante; ás vezes quem o toma por gosto faz muitas caretas.
 Seminarista=Um criado que espera ordens.
 Solteira.=Correspondencia franca de porte.
 Solteirona.=Carta em refugo.
 Susceptibilidade.=Cavallo espantadiço em noite de luar.
 Theouro.=As danaides dos tempos modernos.
 Tolice.=Ante-camara da velhacaria.
 Vida.=Guizado que nós temperamos e a morte come.
 Wagner.=Um estrondo harmonioso.
 Zola.=A variola nas letras.

C H A R A D A

XXI

(EM LOZANGO)

**Offerecida ao Exm. Sr. José Verano de
 Carvalho Lima,
 auctor do Enigma á pagina
 64 do Almanach
 Litterario Charadistico de 1883**

A primeira figurada
 Lá nos céos podes achar;
 A segunda é um tecido
 D'um bichinho mui vulgar.
 No campo floresce a tercia
 Sempre a bem da humanidade,
 Ante a quarta extasiado
 Vejo a excelsa Divindade;
 A quinta podes achar
 No mar, na terra, no ar.

Claudio José Gonçalves. (Japarutuba).

Nunca é demais a prudencia.—Entre os fastos lendarios de um general que passava por ser muito prudente e acutelado, e tanto que os inimigos só o haviam visto por um *oculo*, conta-se nos quartéis esta anedota:

Dictava elle uma ordem para um parque do artilharia.

—Escreva, Sr. secretario:

«O commandante do parque porá á disposição do brigadeiro H...»

—Está fumando, Sr. secretario?...

—Sim, senhor.

—Deite fóra o cigarro primeiro.

«Do brigadeiro H... 46 quintaes de *polvora*.»

E depois accrescentou: nunca é demais a «prudencia.»

AS DUAS AMIGAS

Do poemeto — A noite das virgens

(INEDITO)

Margarida é morena e tem dezoito annos.
No mais profundo azul dos céos americanos,
Sob os céos do Brazil,
Nunca o sol derrainou suas douradas setas
N'um corpo de mulher de formas mais correctas,
Em corpo tão gentil!

E' esbelta e vaidosa, ardente e apaixonada;
Falla pouco de amor e é muito reservada
Quándo falla de si;
Comtudo a sua voz domina, attrahe, captiva,
Seu sorriso seduz;—mas ella é muito altiva
E rara vez se ri.

E' meiga quando ama e terna quando affaga;
Seu odio é fulminante e seu desprezo esmaga!
Não sabe se humilhar.
E' senhora de si. Ninguem resiste á chamma
Magnetica, fatal, terrivel, que derrama
O seu profundo olhar!

Ella é orphan de mãe. Seu pae velho e cansado,
Rico, millionario illustre e venerado,
Venturoso e feliz;
Ao ver crescer, viçar tão deslumbrante rosa
Se orgulha em ter por filha a moça mais formosa
Das moças do paiz.

Todo o mundo conhece a bella Margarida.
Muita gente daria até a propria vida
Para obter-lhe um beijo!
Mas ella é o sol sem mancha.—O marmór puro e denso!
Nãe se infiltra em seu corpo o fumo vil do incenso
Que esbrazea o desejo.

E diz que nunca amara um homem por mais bello,
Mais affavel que fosse! E' um coração de gelo,
Ella que é tão bonita!
Que todo o seu amor, cuidados e ternuras
Se aninham, se concentram em duas creaturas:
Em seu pae e Chiquita.

Chiquita é a estrella d'alva, a estrella peregrina!
Uma cabeça loura, olympica, divina!
Um sonho cor de rosa.
Grandes olhos azues! labios rosados, humidos!
Garganta esculptural, seios erguidos, tumidos,
Chiquita é mui formosa!

A volupia no olhar; no rosto a aurora esparsa!
O sorriso na bocca, ingenua como a garça,
Alva, loura e gentil;
Chiquita é o colibri; Chiquita é a borboleta,
E' o transumpto fiel de um sonho de poeta
E' a manliã de abril!

Quando ella, desprendendo a loura cabelleira
Deixa-a cahir, rolar em catadupa—inteira
Sobre os hombros a flux;
Parece que, rasgando o seio ás noites bellas
Se desata no céu um turbilhão de estrellas,
Diffundindo-se em luz!

Pereira de Lyra.

O grande La Fontainé—Diz-se que o celebre La Fontaine, era um dos homens mais distrahidos que se tem conhecido, e se a seguinte anecdotia, referida por um escriptor seu contemporaneo, é exacta, nos dá ella o exemplo da distracção mais singular que possa imaginar-se. La Fontaine, assistiu ás exequias de um grande amigo seu, e passado algum tempo foi á casa do defuncto para fazer-lhe uma visita: perguntou por elle, como era costume, e ficou muito admirado, quando ouviu dizer que era fallecido; mas depois de uma breve suspensão entrou em si, e batendo uma palmada na testa, disse:

E' verdade, agora me recordo que assisti ao seu enterro.

CHARADA

XXII

(APERTO AOS MESTRES)

Ao amigo D. S. Marques.

La vem a pobre menina
Com seu antigo toucado;—2.
La vem pallida de susto;—3.
Não te rias, desgraçado ! ! .

CONCEITO

Pode rir, diz ella, altiva,
Se n'isto seu gosto faz,
Ridicula ou vaidosa,
Eu ando como me apraz.

E. Velloso.—Setembro.—3—1883.

A FILHA DO PALHAÇO

A Carlos de Moraes

O circo regorgitava de povo.

Por sobre a cabeça dos espectadores moviam-se innumeradas bandeirinhas de papel, n'uma agradável confusão de côres, similhando uma revoadada de doidas borboletas.

Lá fóra o vento soprava ás vezes forte e fazia o mastro ranger, como uma fêra enjaulada.

O panno do circo, conio um estomago enorme, em grandes agonias, arfava. Entumecia-se como uma vela de barco e parecia depois querer descer até a cabeça dos espectadores das primeiras filas da archibancada.

As senhoras abanavam-se com os leques, produzindo o tom secco e apressado de quem vira as paginas de um livro, na febre impaciente de descobrir um capitulo desejado.

A garotagem assoviava e expellia, como projectis, contra a orchestra toda a especie de graçolas, acompanhadas da risada parva e alcoolica dos espectadores reles, que applaudiam o *Burro sabio* e riam da pilheria a mais insulsa de um palhaço qualquer.

As creanças bocejavam e perguntavam ás mães sobre certos aparelhos, que viam armados na arena e proximo ao mastro.

—E, um trapezio; é uma corda pela qual sobem os dous meninos, etc.

A impaciencia começava a crescer como uma onda.

Os olhares crusavam-se, dentro d'aquella campana de magico, como uma porção de moscas no ambiente de um *mosqueiro*.

—8 12! gritavam de um lado.

—Sopre o trombone, seu Chico! gritava-se do outro lado.

Os espectadores mais pacatos estendiam o pescoço e apoiavam o queixo sobre as costas das mãos, superpostas, descansadas sobre as bengalas.

As meninas olhavam por um rasgão do panno a lua que projectava por elle uns olhares dôces e curiosos.

De repente, ouviu se o som de um chocalho, como o de um burro de tropa, a acordar o silencio das mattas pelas estradas do nosso sertão.

Um—*missa! ponham fóra esta campã que é de vacca de leite!* e outros ditos *espirituosos* romperam da bocca do *Zé po-vinho*, com uma satisfação enorme!

—Já era tempo! murmurou um velho, sorvendo homérica pitada.

Era beneficio do pathaço. Um *clown* magnifico, que fazia rir ás pedras, que trabalhava com o *burro sabio*, que o obedecia com a mansidão de um menino idiota.

Dado o signal de começar a grande funcção, annunciada em grandes cartazes e avulsos de todas as cores, apresentou-se ao publico todo o corpo artistico do circo.

Palmas e aclamações.

Entram d'ahi ha pouco quatro hercules, brilhantes de lente-foulas em vestes de azul claro, como um pedaço de mar esbatido de sol ao meio dia.

As suas forças mostravam-se exuberantes na saliência dos musculos do braço e das pernas, como na estatua de Atila, curvado ao peso do mundo.

Peltos amplos e salientes; rostos alegres e convictos de victoria e de applausos.

Atraz d'elles, coxeando e envolto em roupas amplas, semeiadas de borboletas azues, diabos vermelhos, e caveiras pretas, calçado de borzeguins ponteagudos como um sapato chinês, mãos espatmadas, um rosto de imbecil pintado de branco e cheio de pintas negras, circulando largas strias vermelhas, toucado de uma cabelleira tricolor, meio escondida no infallivel *funil* de feltro, vinha o *clown*, o beneficiado, rindo-se na pintura dos labios rizados.

Palmas e gritos rebentaram de todos os lados.

Começam os trabalhos da *barra fixa*. O palhaço investe para ella com a coragem de um grande artista.

Estrega as mãos no pó da arena e...

Espera-se um salto duplo; uma novidade; uma grande manifestação acrobatica.

El-o que por ahi vae. A carreira é pequena, mas vertiginosa. Estaca ao pé do apparelho, como um suicida á beira do precipicio

e... atira o chapéo para o outro lado, n'uma pequena trajectoria entre as risadas do publico.

Repetem-se scenas identicas e no final do trabalho todos os artistas são applaudidos e o beneficiado recebe um ramo.

Entra depois em scena uma creancinha loira; coradinha como uma maçã; linda como um anjo.

—E' a filha do palhaço.

—Trabalha muito bem!

—Tem apenas 8 annos de idade. Admira como um pae sujeita uma creança tão interessante a trabalhos tão brutaes!...

—Ora! V. se admira! Afinal, ella acostuma-se a considerar-se tão bem n'esses trabalhos, como se estivesse na escola a fazer um *crochet*.

—Não eu que consentisse minha filha a fazer semelhantes cousas, diz uma velha indroutando os oculos de areo dourado.

Annunciado o trabalho, entra em seguida um cavallo em pello, apenas com uma cliha apertadissima, na qual via-se uma argolla.

Começa o volteio equestre. O publico applaude a coragem da menina saltando arcos e fitas.

—Palhaço! diz o Director; pergunta a menina Carmen se necessita de alguma cousa mais.

—De um pouco de musica apressada, palhaço; responde a pequena artista ao *clown*.

Não havia n'esta occasião pae nem filha. Eram artistas que fallavam-se.

A banda executa um galope desenfreiado. O cavallo volteia n'uma corrida quasi doida e entre palmas, gritos, *basta! basta!*, acclamações, up! up! do Director, a menina faz proezas no cavallo.

Quando la deixando-se cahir com o pé seguro á argolla e deixar-se ficar pendurada do cavallo, succede o contrario: a creança cahe, bate com o rosto no forro do picadeiço e recebe uma pancada com a pata do cavallo.

O povo levantou-se pasmo, silencioso, como se a apparição do horror se fizesse a elle.

O palhaço correu para socorrer a filha. Suspendeu-a nos braços; beijou-a; chamou-a pelo nome mais delicado de que é capaz um pae!

Nada!

Levou-a em braços para dentro. Pareceu que por sobre os pontos negros circuiando as strias vermelhas do rosto do *clown*, duas lagrimas brilhantes como vidro correram quentes e doírosas!

As moças pallidas de terror e de pena conchegaram-se, na mudez que a dor de outrem causa aos bons coraçãoes.

Ouvio-se o choro abafado de uma criança.

O espectáculo interrompeu-se. O silencio imperava!

—Seu Chico, sobre no trombone! gritou um peraita e quasi ninguem riu!

D'ahi a pouco recommçaram os trabalhos.

Apparece o palhaço. Todos queriam ler no seu rosto, nos seus movimentos o perigo que a creança corria.

Mas, as vestes de um *clown* não occultam somente um corpo esbelto ou defeituoso. Chegam ás vezes a occultar a dor mais funda do coração de um homem!

O espectáculo correu um tanto frio. Apenas no final o palhaço recebeu uma roda de palmas e diversos bouquets, mostrando ao publico haver perdido um dedo... que estava escondido com outro no dedo da luva!

No final do espectáculo fui ver a criança.

Tinha ido já para a casa.

A curiosidade e a compaixão levaram-me até lá e meus olhos viram uma criança pallida, a passeiar a vista, como entrevendo a morte.

O pae mostrou-me o peito da filha: uma mancha arroxeadada e grande maculava a alvura de uma pelle delicada, como uma nuven negra toldando a lua!

O palhaço estava triste.

Havia desaparecido o bôbo para dar logar ao Pae!

Lellis Piedade. (Bahia—10 de Outubro de 1883).

ENIGMA

III

Quadrupede aqui terás
Da Africa original;
E mais um fructo verás
Mudando certa vogal.

Claudio José Gonçalves, (Japaratuba).

Algumas definições—Absintho—Talento dos que o não possuem e morte para o talento dos que o possuem.

Parteiro—Operador da mãe.

Banho—Remedio preventivo para as pessoas limpas: curativo para as pessoas sujas.

Bistouri—Balsamo de aço.

Bondade—Doce mania, que a experiencia cura.

Calvicie—A corôa do trabalho, a corôação do deboche.

Miols (dar um tiro nós)—Modo de provar que se não possuem.

Chocolate—Pasta alimenticia em que entra tudo, até mesmo o cacão.

LOGOGRIPHO (XI)

Ao Illm. Sr. Paulo Gomes da Costa Junior

Chegou em muito má hora=5-9-5-10-5-1-11-6-6-11-6.

O moffno que aqui está,=11-6-4-9-5-6-5.

Veio triste, veio afflicto,=10-2-6-4-5.

Como um simplorio, até cá=10-11-10-5-4-8.

Com trabalho, com esforço,=10-11-9-4-8.

Um bolo de arroz comia,=11-3-11.

Como presente de noiva=5-6-6-11-6.

Esta massa elle trazia,=7-5-4-2-11.

CONCEITO

A planta que aqui se vê
Não é aqui encontrada
Para curar escorbuto
E' geralmente empregada.

J. F. Sousa.

Habitantes da bocca—Sobretudo, antes de tudo e depois de tudo, a defender-nos dos grandes e pequenos males que ameaçam os dentes e com elles a saude e a belleza, vos recommendo *aceio*, *aceio* e ainda depois *aceio*.

Na bocca está a humidade e o calor, o oxigenio do ar e a saliva, muco e restos de todas as especies de alimentos e bebidas; vede quantas circumstancias favoraveis ahi se condensam! Não é, pois, para admirar que Schrott tivesse podido, ha alguns annos publicar um livro só para os habitantes da bocca e dos dentes (*Die Bewohner des Mundes und der Zähne*); e vós ahi achareis uma diligente historia das algas e vibrões, dos bacterios e por fim dos infusorios celheados, que podem viver e gerar na vossa bocca, se a não tiverdes limpa.

Para dar-vos por uma vez só uma liçõesinha de hygiene e galanteio, bastará a analyse do tartaro dos dentes.

Eil-a aqui:

Sobre cem partes do tartaro tendes:

Residuos d'infusorios .	60 partes
Parasitas vegetaes .	10
Muco boccál.	15 >
Cellulas epiteliaes e residuos de alimentos	10 >
Sões soluveis n'agua	5 >

E dizer que se dão beijões a algumas boccas tartareas, nas quaes se acham todo este pandemonio, todo este serralho, todo este triplice museu animal e mineral! Fóra!

AS POMBAS...

Vae-se a primeira pomba despertada ...
Vae-se outra mais.. mais outra ... emfim dezenas
De pombas vão-se do pombo, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada ...

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, dos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruffando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada ..

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescência as azas soltam,
Fogem... mas aos pomboes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais ...

Raymundo Corrêa.

Idade dos animais:—O urso, o lobo o cão raras vezes, passam além dos vinte annos; a raposa vive apenas de 14 a 16 annos. O leão vive muito mais, alguns vão até 70 annos. A vida média do gato é de 14 annos; a do coelho é de 7 para 9 annos.

O elephante pôde viver até 400 annos. Alexandre o Grande depois de vencer Porus, rei da India, tomou-lhe um elephante que se assignalára defendendo seu dono. Deu-lhe o nome de Ajax, consagrou-o ao sol, fel-o livre, depois de pôr-lhe no pescoço a seguinte inscripção: Alexandre, filho de Jupiter consagra Ajax ao deus Sol. » D'ahi a 354 annos foi pegado vivo esse mesmo elephante.

Tem-se visto porcos chegarem aos 30 annos; mas o rhinocheronte chega só a 20 annos.

Já se viu um cavallo viver 62 annos; em geral, porém, o cavallo só vive de 20 a 25 annos.

O camello chega por vezes a 100 annos. Os veados tambem vivem muito, em quanto o carneiro não vae além de 10 annos, e a vacca além de 15.

Na opinião de Cuvier, a baleia pôde viver uns mil annos, e o delphin uns 100. Uma aguia morreu em Vienna, Austria, na idade respeitavel de 100 annos.

O cysne, o poetico cysne, pode viver tres séculos ! Um inglez, Mr. Mallerton, ainda possui o esqueleto de um cysne que chegára á idade de 290 annos.

TU, SÒ TU, PURO AMOR.

Não me canso de ver-te. Em te não vendo
Em derredor de mim eu nada vejo;
Como eu te quero e como te desejo,
Só a ti desejando e a ti querendo.

Sómente tu me entendes, e eu te entendo,
Quando me fallas tímida de pejo:
Quando em teus olhos fulgidos revejo
A tu'alma em que vivo me revendo.

Só tu sabes me amar, nume querido. . .
E ninguem n'este mundo saberia
Amar-me mais que amar-me tens sabido,

Mas também, meu amor, minha alegria,
Quando tudo p'ra mim fosse perdido,
Não te perdendo, nada perderia

Campos Porto.

O primeiro telegrapho electrico—A primeira idéa de transmitir mensagens por meio da electricidade deve-se a um correspondente anónimo do *Scotts Magazine*, segundo se depreende de uma carta datada de Bensfrew no 4.º de fevereiro de 1755, assignada por um tal C. M. e intitulada: *Transmissão rapida do pensamento*.

Apoz prolongadas e fastidiosas investigações, descobrio sir David Brewster, que sob aquellas iniciaes se occultava o nome de Carlos Morrison, de Greenoch, que estudara cirurgia, e cuja sciencia era tão vasta, que o fazia passar por feiticeiro naquella cidade, para ir estabelecer residencia na Virginia, onde falleceu. Morrison deu conta minuciosa das suas experiencias a sir Hans Shoane, presidente da *Royal Society*, com a recomendação de publical-as sob as iniciaes acima indicadas.

Consistia o seu methodo em esticar horizontalmente um numero de fios equal ao das letras do alphabeto; estes fios eram parallellos e distanciados uma polegada uns dos outros. De vinte em vinte jardas descansavam em supports de vidro, e em cada extremidade excediam seis polegadas o ultimo supporte, sendo sufficientemente fortes e elasticos para reassumirem a posição primitiva depois de terem sido postos em contacto com canos de espingarda electrificados, e collocados verticalmente uma polegada abaixo delles.

De encontro ao ultimo supporte pendia de cada fio uma bola situada 1/8 ou 1/6 de polegada, acima de uma folha de papel,

ou de qualquer substancia, bastante leve para ser atrahida pela bala electrizada, mas não comtudo demasiadamente, de modo que podesse adquirir de novo a posição primitiva; no dito papel figuravam as letras do alphabeto. Para sustentar uma conversação, baixava-se a extremidade livre do fio correspondente á letra precisa contra o cano de espingarda electrizado collocado por baixo, e no mesmo instante a folha de papel era atrahida pela bala electrizada no ponto em que se achava a letra correspondente.

Por ultimo havia ainda terceiro projecto, que consistia em conservar os fios constantemente carregados, e ser o signal dado pela descarga.

As experiencias de Morrison não se estendiam a mais de quarenta jardas; mas tinha elle a convicção de poder estender muito mais o raio de acção, isolando cuidadosamente os fios.

LOGOGRIPO (XII)

(POR LETRAS)

- L**á vejo a linda donzella—4-5-7-8.
Onde esse homem da historia—1-8-9-2-6.
Guerreiro colhe na gloria—4-6-9-11-8.
O que perde na procella,—3-11-9.
Ganhar a moeda, ella,—4-8-9-5-6.
Rejeitando a mancha impura,—7-6-1-11-8.
Immensa de formosura,—3-11-9-8.
Visar hedionda e fêra—1-5-9-8.
Homem esse a quem dissera,—4-8-10-6.
O que ha de mais agrura.—8-3-9-11.
- V**ella que é da India—4-5-9.
- P**arte de Napoles havida,—8-4-9-5.
V' qual a vontade humana—4-6-9.
Tome á minha a sua vida;—7-6-9-8.
Linda planta americana,—3-8-9-11-8.
Offertei a ella á qu'rida.—1-10-8-7-8.
- G**rata ao sabor, tão gostosa—4-11-3-8.
O seu todo é rijo e forte,—9-11-4-8.
Mas se ella é sonora—4-6-9-1-8.
Mes capaz de dar a morte—1-8-9-4-6.
Sendo, entretanto, mimosa.—3-8-9-8.
- D**oce harmonia desfere—4-8-7-8-9-2-11.
Vlto tratar nos confere;—1-6-7-8.

Candida prova de amor,—4-8-9-5-3-10-8.
O peito dessa donzella—3-11-9-5-7-8.
Sentio por esse escriptor,—7-8-7-5
—al, que uma pedra mui bella,—3-6-9-8-4-5-7-8.
➤ deu esse fundador—7-11-9.

Mil desculpas, mil perdões,
Eximio logogriphista.
Pede quem, não charadista,
Falla aqui sem pretensões:

Esse pequeno argumento
Que vos deixo offerecido,
E' um preito, que é rendido,
Ao vosso grande talento;

Inda perdão, se não fica,
Qualquer coisa p'ra conceito
Se não acaba-se a graça
Perde todo o seu effeito.

E. Velloso. (Bahia).

N'um tribunal—O juiz dirige-se com severidade a uma testemunha.

—Lembro-lhe que as suas declarações actuaes divergem completamente das que lhe ouvi, quando foi interrogado pela primeira vez.

A testemunha, assestando o monoculo e fitando o magistrado:

—De certo que sim. Queria talvez que eu lhe contasse duas vezes a mesma historia. . . para me chamar amolador?

O SERTÃO

Do poemeto — A noite das virgens

(INEDITO)

E' no mez de Dezembro—o mez de riso e festas;
De noites divinaes e roridas manhãs!—
Vestem roupagem nova as tardes e as florestas,
Perfuma o ar do campo a flôr dos manacans!

Soprando no deserto as turgidas bafagens,
Bebem suave odor nas ramas perfumadas,
Alastram o vasto chão das solidões selvagens
Das flôres do páo-d'arco as petalas douradas!

Nos altos pedestaes das altas cachoeiras,
Donde salta o riacho em branca espuma envolto,
Na moita dos bambús, no tronco das palmeiras
A cigarra desprende o canto agudo e soito.

Ha um ruívor sem fim! . . . Confundem-se no espaço
O latido dos cães e a voz do caçador!
As nuvens vão correndo em fraternal abraço,
As aves vão cantando uma canção de amor!

Que céu, que ar tão puro! . . . Oh! minha soledade!
Meu céu de puro azul é meu sertão querido,
Ao lembrar-me de ti o pranto da saudade
Orvalha o coração do triste foragido.

Ai mundo onde goses tão candidas delicias!
Meus sonhos, meu amor, ai meu eterno encanto,
Precito do prazer sem risos, sem caricias,
Não vejo um seio amigo onde derrame o pranto.

. . . . Que céu! que ar tão puro! A joven Margarida,
Talvez scismando á noite em horas de fastio,
Sonhou essa mudez esplendida da vida,
As aves, a floresta, a cachoeira, o rio!

E sentio rebentar-lhe esse desejo vago,
Que em nascendo uma vez brota raiz, vigora!
E convida seu pae. . . Seu pae que é todo affago,
Não sabe resistir á filha a quem adora.

. . . . Convida a ir gosar pela floresta virgem
O perfume subtil que se respira além. . .
E partem. . . Tendo n'alma dos sonhos a vertigem,
Margarida é feliz:—Chiquita vae tambem.

Pereira de Lyra.

Limão.—Se alguns não comessent os limões, como se fossem maçãs ou pecegos, o limão deveria-se achar entre as bebidas e com mais razão do que o leite, porque este é verdadeiramente um alimento liquido, e o limão entretanto se usa quasi unicamente sob fórma de limonada. O succo ácido que nos dá o limão acha-se entre os mais sympáthicos, e fechado como está n'uma casca todo o aroma e belleza; é bem digno da arvore divina que floresce onde sorri seimpre o sol. Não podem comer impunemente os limões senão aquelles que tem dentes dotados de duro esmalte e que não fiquem com elles embotados por influencia de algum succo ácido ou de vinagre. Em todos os outros o succo do limão ataca os dentes e os estraga.

LOGOGRIPO (XIII)

(POR LETRAS)

Ao amigo E. De-Vechi

E' lá na longinqua Australia
Que me haveis de procurar;—3-4-6-7
Ou então ide ao Japão
Que lá estou a figurar—3-4-9.

Vá comvosco esse piloto,
De navios captão,—7-4-9-4-5
E trazei-me dessa planta—8-9-1-2-5
De turca composição—4-2-6-4

Sem mais aqueHa, meu charo,
Faça prospera viagem—
Breve chegue ao seu destino,
Ao sópro de leve aragem.

CONGEITO

Correndo me vêem
Passar em Cantão;
Mataram? depressa!
Mas... julgo que não.

E. Velloso. 19 de Outubro de 1883.

Fígado.—E' ottimo alimento, mas não deve ser muito cosido, porque uma excessiva coecção o torna duro e menos digerivel. O fígado de vitela é o melhor, e excellente, se fór assado no espeto, com toucinho e adubos. Affim de que o fígado se conserve firme no espeto, convem aquecer fortemente o ferro antes de trespassar a victima

O fígado gordo é uma doença artificial produzida nos patos com a immobilidade e uma alimentação forçada. Este piedosissimo fructo da bondade humana e que não tem jamais feito murmurar os inimigos das viviseccções nos laboratorios de phrenologia, serve para se preparar os pasteis de Straburgo. Comendo já o Conde de Courchamps, autor das *Memoires de Mme. de Gréqui*, desde o principio d'este secuto tinha apresentado na Camara dos Pares um requerimentó dos patos de Straburgo.

CHARADAS NOVISSIMAS

XXIII

1—2—1—A condemnada da nação allmenta este verbo.

XXIV

1—1—Este alimento incommoda com vehemencia.

XXV

1—1—1—Este substantivo francez na musica sendo appellido é uma mulher.

XXVI

1—1—1—Olha que esta nota é prima desta mulher.

XXVII

3—2—O amedrontado corre neste circuito.

XXVIII

1—2—Aqui por este caminho passou um animal

XXIX

2—1—Ha um adjectivo que na lagôa faz uma bruxa.

XXX

1—1—Agora comi este Imperio.

XXXI

2—1—Come-se, come-se e come-se.

XXXII

2—2—Observou este homem neste instrumento.

XXXIII

1—2—Do mato corre este homem.

XXXIV

3—1—Reina por um nada esta mulher.

XXXV

3—2—Este quadrupede, este passaro e este quadrupede—

A. R.

Dez mil réis de dote.—Querendo uma rapariga de aldeia tomar estado, deu parte a sua ama, a qual desejando em certo modo manifestar-lhe o quanto estava satisfeita pelo seus bons serviços, lhe deu dez mil réis de dote. A senhora porem quiz ver o noivo, e apresentando-lhe a rapariga um ente que mais se assemelhava a macaco do que a um individuo da especie humana, não poude deixar de exclamar!

—Santo Deus! que bicho tão feio escolheste tu, pobre rapariga, digna de melhor sorte!

—Minha senhora, respondeu a aldeã, então que queria vossa senhoria que eu achasse por dez mil réis?

Ó PALHAÇO

Elle tinha no circo a obrigação abjecta
De percorrer na turba a gamma da risada,
Embora muita vez alguma dôr secreta
Lhe gelasse no labio a insulsa gargalhada.

Da gymnastica audaz nos lances arriscados
Os companheiros sempre á multidão fremente,
Arrancavam á noite applausos prolongados,
Emquanto elle dansava, a rir . . cynicamente.

Uma noite, uma dôr profunda, incontrastavel,
Ferio-o: a velha mãe subira á patria ignota . .
Era dia de festa; e o bobo, o miseravel,
Entrou na arena a rir . . . com gestos de idiota.

E logo a arquibancada um longo brado erguera,
Exigindo da chula o quebro voluptuoso . . .
O jogral começou: dir-se-hia que o mordera
Da tarantula o dente immundo e venenoso.

Dançava loucamente. A gargalhada alvar,
Que lhe pousava sobre o labio contrahido,
Trocava-se, cortando a limpidez do ar,
N'um supremo soluço augusto e indefnido.

Parou emfim . . . olhou em torno a si . . . A mão
Levou-a manso e manso ao coração parado,
E deixou-se cahir exanime no chão,
Ainda movendo os pés e o labio enregelado.

Houve palmas até . . . mas como não se erguia
Os companheiros seus ficaram de maneira,
Que correram sobre elle: a fronte estava fria,
E orvalhava-lhe a face a lagrima primeira:

Dias da Rocha.

Em wagon.—Um sujeito acha-se em frente d'uma
mulher deliciosa que tem a seu lado uma criança que enche de
caricias.

De repente, o sujeito, tirando o chapéo, com a maior delica-
deza, exclama:

—Perdão, minha senhora, mas os beijos incommodam-me!

LOGOGRIPHO (XIV)

(AOS MESTRES)

Uma herva pouco vulgar—1-2-3-4-5.
Na terra ha de se achar—6-7-8-9.
O conceito seja bom ou ruim
Pode um lago se encontrar.

A. Raposo. (Bahia—1.º de Agosto de 1883).

A mulher brasileira.—Na dedicação que grande parte das nossas gentis patricias mostram actualmente pelas letras, vemos jubilosos que se vae dissipando o denso nevoeiro que se antepõe ao seu espirito, só carecedor de instrucção, e á proporção que o vemos desvanecer-se, parece-nos ver surgir nos formosos horisontes da civilisação moderna, um futuro rico de luz e de glorias para as filhas d'este formoso paiz.

Ha bem poucos annos, a mulher brasileira assimilava-se ao passaro, que tendo todas as aptidões para estender livremente o vôo pela immensidade, vê-se tolhido d'esse sagrado direito e d'esse grande prazer, desde que lhe inutilizam as azas e o obrigam a esvoaçar apenas no limitadissimo espaço de uma gaiola, onde o misero só conta com o indispensavel para alimentar uma vida enfadonha para si, mas aprasivel para o seu possuidor, que se delicia com a belleza da sua plumagem e a suavidade do seu canto.

A apreciação unica que então d'ella se fazia, era a mesma que se faz de uma flor sem perfumes, que nos encanta a vista em quanto fresca e viçosa, mas que atiramos ao nada do esquecimento, apenas ella murcha e enlanguece, perdido o aroma, o viço e até a côr.

Hoje, porem, que a emulação a impelle para o grandioso e para o bello da vida social; que, levada por poderoso incentivo, busca pela sciencia e pelas letras desenvolver os dotes do espirito, unicos que lhe darão o verdadeiro merito, pondo em relevo aquelle valor varonil e real que nenhuma ambição ou cobiça pode conter, e nenhum capricho destruir; hoje, dizemos, cheias do mais cordial entusiasmo—a mulher brasileira vae desassombadamente compilando aquelle formosissimo livro onde as gerações futuras beberão desde o berço os mais solidos principios de moralidade e de virtude congenitas com o seu organismo, e n'ellas infiltrados por uma educação bem esmerada.

A mulher.—a mulher mãe principalmente—representa na sociedade um papel altamente sublime.

A sua missão não se limita a amamentar e cuidar unicamente da parte material do seu filho, tem deveres muito mais sagrados

a cumprir: tem de imprimir no espirito debil, inexperiente e disposto a amoldar-se a todas as impressões da primeira educação, a base fundamental do seu character, desenvolvendo-o sempre para o util e para o bem, por meio de aturados cuidados e carinhos, já empregando sabios e prudentes conselhos, edificantes exemplos de moralidade e de virtudes, já dando ensino pratico e conviucente dos phenomenos naturaes que o cercam e aos quaes a natural ignorancia dá o cunho de sobrenaturaes, tornando por consequente a creança timorata e supersticiosa.

Como queriam que a mulher, que á excepção dos trabalhos domesticos, que tudo estranhiava, tudo ignorava, pudesse combater e destruir as idéas phantasticas e pavorosas que assaltam a fraca imaginação de seu filho, ella que, desconhecendo as verdadeiras causas, tinha o espirito constantemente povoado das mesmas illusões?

Como poderia ella emancipar a alma innocente dos prejuizos que a infancia inexperiente aceita, e que só o zelo, paciencia e amor maternos podem abafar em tempo, se lhe fechavam a educação intellectual, fazendo d'esse modo que ella tomasse por galanteio os prejuizos que com a idade vão tomando vulto, e que constituem por fim um character reprehensivel?

E' pois absolutamente indispensavel que a mulher seja instruida, para poder desempenhar cabalmente a sublime e santa missão que lhe coube n'este mundo.

Collocada em outra esphera mais lucida, onde possa discriminar o verdadeiro do falso, para bem representar o seu papel de educadora; onde possa conhecer os vicios com seus horrores, para em tempo desviar seu filho da senda da perdição; onde finalmente, unindo ás suas graças naturaes o inestimavel contingente de um espirito bem cultivado, possa tornar-se independentemente util e necessaria á sua familia e ao seu paiz; collocada n'esta esphera, a mulher representará condignamente o seu papel na sociedade.

Qual tem sido até hoje, infelizmente, a educação da mulher brasileira?

Na classe abastada como na mais elevada, os paes presentemente capricham em dar ás suas filhas uma educação mais ou menos illustrada; a classe media encontra nos collegios, onde o luxo e a vaidade se ostentam de preferencia ás necessidades do espirito, uma educação ficticia e pouca conveniente ao alto destino da mulher, mas que enfim é sempre educação; mas a classe destituida dos bens da fortuna, que instrucção recebe? Não tem tambem essas infelizes mulheres de lutar com as necessidades da vida, com as seduções da perversidade?

Entre estas infortunadas filhas da plebe, onde o vicio e o crime se debatem continuamente; acostumadas talvez desde os seus primeiros dias á torpe contemplação de nauseabundo quadro da devassidão, sempre diante dos olhos; entre essas tristes que passam despercebidas por todas as phases da vida da mulher, sem conhecerem nem a innocencia das creanças, nem o pudor das virgens, nem a castidade das que presam o seu sexo; entre

essas, digo, que educação apparece que não seja conforme com a que receberam tantas desdítosas (talvez suas mães!) que por ahí vivem no infame e repulsivo lodo, para onde as arrastaram por seu turno?

Quantas desgraçadas impellidas pela miseria, pela fome, pela ignorancia, sacrificam as proprias filhas a troco das vis migalhas que o cynismo lhes atira com desprezo ao objecto e ignominioso antro em que vivem?!

E para essas innocentes victimas de um naufragio certo no proceloso mar da prostituição, nenhuma taboa de salvação lhes foi lançada ainda!

Em prol d'essa porção do sexo *escravo* apenas o nosso governo faculta em aulas publicas alguns rudimentos das primeiras letras e nos externatos o aperfeiçoamento d'esta materia ás que se destinam á cadeira do ensino primario, recurso que infelizmente não pode chegar a todas

Siga o governo brasileiro o grandioso exemplo das nações mais cultas; crie escolas de instrucção secundaria, onde o espirito da mulher se illucide e enriqueça de conhecimentos uteis; crie lyceos, onde a classe das desprotegidas da fortuna possa cultivar livremente as bellas artes, e verá desenvolver com prompta rapidez, a industria no nosso paiz; verá banida a ignorancia e a ociosidade, abatida a prostituição, que é o mais fatal naufragio da mocidade e dos costumes; verá finalmente a mulher operaria, a mulher artista, a mulher escriptora, independentes, dando-se a occupações honrosas e contribuindo para o bem estar da familia, para o engrandecimento da patria, para a gloria da nação.

Uma Cachoeirana. (Outubro de 1883.)

CHARADAS NOVISSIMAS

XXXVI

1—2—O alegre arbusto é homem.

XXXVII

1—2—Parai, Deus, este vegetal.

XXXVIII

2—2—O Deus, a quem dei á luz, é fructo.

XXXIX

1—2—O defunto tem na sepultura este defeito.

XL

2—2—Sustenta o contente uma ave.

XLI

2—1—O vento do remo é uma nação.

XLII

2—2—1—Encomoda a doença da garganta este purgativo.

XLIII

2—2—Em Roma este vegetal é marisco.

XLIV

2—2—O gondoleiro vò a um canto.

XLV

1—3—E' ruim páu este instrumento.

XLVI

1—2—A pedra refresca um vadio.

XLVII

1—2—O vento de boi é um sal.

Professor— *Joaquim de Cerqueira e Silva.* (Bahia.)

Formula de um podim amoroso.—Dez duzias de beljinhos estalados, cinco ditas de abraços apertados, dois suspiros e uma garrafa de olhadelas feiticeiras. Junte-se estes ingredientes em consistencia de cubú, ponha-se na cassarola do coração e leve-se ao fogo do amor; logo que esteja cosido tire-se e derrame-se por cima a seguinte calda: um litro d'agua benta, e uma libra de estola; volte-se ao forno (egreja) e quando chegar ao ponto do Padre, Filho e Espirito Santo, tire-se, agasalhe-se á noite em cortinado para que não apanhe ar.

Recommenda-se este podim como especialidade no genero, porem cumpre não fazer uso immoderado por ser indigesto, não sendo todo o estomago que o digere.

LOGOGRIPHO (XV)

**Offerecido á Exma. Sra. D. Euthalia
Freire**

« Eu me lembro! eu me lembro! Era pequeno—18-20-7.
E brincava na praia; o mar bramta—9-8-4-13
E, erguendo o dorso altivo, sacrdia—3-11-17-2.
« A branca escuma para o ceu sereno.

- « Eu disse á minha mãe n'esse momento:
 « Que dura orchestra! Que furor insano!—16-5-4-19
 « Que póde haver maior do que o oceano,—15-14.
 « Ou que seja mais forte do que o vento?—15-14-20-2-6.

- « Minha mãe, a sorrir, olhou p'r'os céus
 « E respondeu: Um ser que nós não vemos—14-8-1-15.
 « E' maior do que o mar que nós tememos—6-3-12-15.
 « Mais forte que o tufão! Meu filho, é DEUS!—18-16-15-10.

CONCEITO

E na guerra lutando com ardor
 Merceceu esse nome—SALVADOR.

Uma bahiana.

« Era costume antigamente em S. Paulo os sinos darem signaes quando alguma mulher estava com dores de parto e em perigo de vida, afim de que os fieis orassem por ella.

Uma vez certa igreja tocava a parto, e um velho empregado publico, tirou gravemente os oculos, largou a caneta ao lado e pôz-se a rezar.

—O que é isso, perguntou-lhe um outro, tem então medo de morrer de parto?

—Ah! meu amigo! respondeu o velho, neste mundo ninguem póde dizer: *desta agua não beberei!* »

Entre os numerosos opusculos publicados por occasião da revolução liberal de 1820 no Porto, destacamos o seguinte

SONETO

Honrado Porto, o esplendor da gloria,
 Que te laurêa, que te adorna a frente,
 Claro e puro como o sol luzente,
 Ha de eterno existir na Lusa Historia.

Fulgura sobre as azas da victoria
 De teus feitos a serie florescente
 E em laminas de ouro refulgente
 Guarda teu nome impavida memoria.

Eu me confundo, eu me maravilho,
 Em jubilos d'amor, quando contemplo
 Que portuense sou, que sou teu filho.

Tu és da hercoidade Atlas e Templo;
 E a justa causa que hoje faz teu brilho,
 Ao mundo todo servirá d'exemplo.

X... joven ainda, vadio sempre, tem questões com seu paé;
Um amigo commum intervem, aconselha ao mancebo que abandone a vida ociosa que passa, e que aceite um logar de 200\$ por mez no escriptorio d'um banco.

— Duzentos mil réis! responde o joven, pois não foste! Mais do que isso faço eu por mez pedindo emprestado, e não tenho que trabalhar!

RICA ! ?

E's linda... linda e mimosa
E a tua face morena
Tem uns longes côr de rosa
Que me fascinam... E' pena
Seres assim tão vaidosa.

Desse olhar a chamma pura
Tem scintillas de uma estrella..
Mas eu temo a côr escura
Que elles tem, gentil donzella,
—Sem um raio... de ternura.

Teu candido rosto é bello,
E' bello mesmo a valer,
Mas... oiha, eu não posso velo
Pois n'elles não sabes ter
Um certo arzinho singelo...

Falta-lhe um *qué* de meiguice,
P'ra ficares mais formosa...
Por que tanta soberbice ?
Tens medo de ser bondosa
Por seres rica?—é tolice!

Sendo orgulhosa a belleza
A's vezes não tem valia;
Desculpa a minha franqueza,
—Se tu não tens sympathia
De que te vale a riqueza ?

—Sou rica ! —é a phrase contida
No teu livro de ambição...
Que prosaismo de vida !
Pudesses do coração,
Dizer antes:—sou querida !...

Uma vez te ouvi dizer
Que no mundo nunca amaste;
— A que louco padecer
Teu coração condemnaste ? !...
—Como o triste ha de soffrer !...

Desse teu seio a vaidade
Se apossou com todo o ardor,
E não cede...(oh! crueldade)...
Um cantinho ao deus do amor !
—Na aurora da mocidade !...

Não, não te julgues feliz...
E's rica, formosa, nobre,
Dos pobres talvez te riz...
—Mas—sem amor—és bem pobre,
E além de pobre—infeliz !,...

M. Jorge Rodrigues

Figo.—Perdoamos de muito boa vontade a Dioscorides, que accusava os figos frescos de causarem mal ao estomago e produzir doenças cutaneas, e estamos inclinados a dar razão a

Pierinis, que sob a fé de uma antiga moeda, queria provar que o nectar e a ambrozia não eram outra cousa senão figos.

Na Noroega é popular a tradição de que os normandos desceram ao sul da Europa em procura do figo, cuja bondade tinham ouvido decantar. São muito compridos os versos macarrônicos nos quaes Castor Durante decantou todas as virtudes do figo, por isso não os citamos aqui.

E' certo que o figo é um dos fructos mais salubres, comtanto que o não comam em demasia, como dizia também Durante:

..... *poterit nihil inde nocere;*
Dum ne sint nimiae, immodico que fruaris in usu.

Nos meninos convem vêr que não comam as cascas e que com o succo d'ellas não estraguem os labiosinhos roseos e delcados.

LOGOGRIPHO (XVI)

Aosr. G. V. (membro dos Gansos Pretos)

Senhor, ganso se eu quizesse
Tanta philaucia acabar
Vos daria um logogripho
Difficil, de se matar.

Como porém tenho medo
D'alguma causa fatal,
« Não quero enredos intrigas,—9-1-5-1-2-4-1.
Para evitar grande mal—17-7-14-15-3-13-10-4-8-2-6.

Irei beber o licor—3-1-16-7-10-5,
D'esta planta extrahido—11-4-1-9-2-17.
Ou botarei as pedrinhas—5-14-12-14-8,
N'este vaso conhecido --3-1-9-14-15.

Para mais facilitar O logogripho presente, Vou fazer uma pergunta Que aproveita a muita gente:	Quando Christo veio ao mundo Como homem doutrinou; Mas Elle, subindo ao céu, Fórma humana conservou?
---	---

Se souberdes responder
Grande jubilo terei,
E por tamanha alegria
Um presente vos farei.

J. F. Souza.

Bibliothecas.—Se, remontando ao passado, procuramos saber quem primeiramente teve a idéa de colleccionar livros ou manuscritos, formando uma *Bibliotheca*, ou mesmo indagamos saber qual a primeira *Bibliotheca*—nada podemos obter ao certo.

O que mais facilmente poderemos encontrar é terem sido os hebreos os primeiros que possuiram *Bibliothecas*, nas quaes acharam-se os livros de Moisés e os dos prophetas e as taboas da lei.

A primeira *Bibliotheca* que a historia menciona, foi fundada em Thebas por Osimandias, um dos primeiros reis do Egypto, doze seculos antes da era christã.

No frontespicio d'esta *Bibliotheca* lia-se a seguinte inscripção, mandada pôr pelo mesmo rei: «THESSOURO DOS REMEDIOS DA ALMA.»

No templo de Vulcano, em Memphis, havia tambem uma *Bibliotheca*; porem a mais celebre e mais rica foi a creada por Ptolomeo, em Alexandria. Ptolomeo Soter principiou-a com 5,400 volumes ou rolos de manuscritos,—augmentada depois, ella chegou a possuir o grandioso numero de 700.000 volumes; sendo incendiada sob o dominio de Cezar no Egypto.—Formada de novo, ainda foi incendiada por ordem do kalifa Omar, no anno de 650.

Dizem mesmo alguns auctores que, existindo uma importante *Bibliotheca* em Serapeuns, foi ella destruida pelos serracenos, e, por ordem de Omar, os livros que a compunham serviram para esquentar os banhos de Alexandria durante 6 mezes.

Esta tradição, porem, embora muito espalhada, é contestada pela maioria dos antigos historiadores.

Cita-se ainda a de Pergamo, fundada pelos reis Attale II e Eumenes II.—Esta *Bibliotheca* continha mais de 200,000 volumes e rivalisava com a da Alexandria.

Foi para a fabricaçãõ de seos livros que inventou-se o pergaminho.

Na Grecia havia a de Athenas, fundada por Pesistrates, a de Thebas, a de Rhodes e a de Corintho.

Em Roma foi Aniseies Publion quem fundou a 1.^a *Bibliotheca* publica sobre o monte Aventino; Augusto a 2.^a no Palatino, em frente do templo de Apollo; Octaviano, foi assim denominada a 3.^a e fundada pelo mesmo Augusto; era situada no portico de Octavio; a 4.^a foi a do Templo da Paz, creada por Vespaziano; Trajano instituiu a 5.^a com o nome de Ulpiana (nome de sua raça); Simonidas, preceptor do Imperador Gordion, instituiu a 6.^a a qual continha 80.000 volumes.

Paulo Emilio, Silla e Lucullo reuniram tambem todos os livros que poderam encontrar, formando assim uma importante collecção.

No anno de 336, Constantino doou Constantinopla com uma, que tinha 120.000 volumes.

Na França, a primeira foi creada no seculo 13, sob o reinado de Luiz IX.

Hoje não ha paiz que não tenha as suas *Bibliothecas*, havendo mesmo alguns que tem um numero consideravel. Impossivel e

mesmo fastidioso seria enumeral-as; mas pela ligelra lectura que fizemos, uma cousa bastante nos admirou, e foi o seguinte: As Bibliothecas que maior numero de volumes conteem não ultrapassam o numero de 400,000, enquanto que na antiguidade, não existindo ainda a imprensa nem o estímulo e o progresso de nossos dias, houve uma, a de Alexandria, que, como acima vimos, possuia 700,000 manuscriptos! Ainda mais: algumas cidades que antigamente possuíam uma importante *Bibliotheca*, hoje veem-se privadas d'esta tão util instituição.

Em contraposição porém a estas está a França, a Allemanha, a Suissa, a Inglaterra e emfim a mór parte dos paizes civilisados.

Lapin Junior. (Novembro --1883).

ESPERANZA

(Satyra academica)

Eu te saúdo, ó terra do Cruzeiro,
Manancial eterno de utopias,
Pois que vejo, por entre as serranias,
Abrir-te o grande sol o reposteiro.

Em breve has de dizer ao mundo inteiro
Que as tuas lancinantes agonias
Transformaram-se em novas gelosias
Com pasmo para o despota altaneiro.

Oh sim! que os teus filhos—novos magos—
Os que bebem a sciencia a largos tragos
Em caprichosas amplioras ridentes,

Para erguerem-te acima das espheras
Desfraldam arrebóes e primaveras
As becas sacudindo aos *sabios* lentes.

Alfredo Ceylão. (Bahia—1881)

Um homem mal casado, andava sempre de preto e até de fumo no chapéo.

Um amigo estranhando-lhe o continuo lucto lhe perguntou a rasão.

E' porque não quero, respondeu elle, que quando me falleça a mulher pensem que tive algum sentimento por isso.

CHARADA SYNCOPADA

XLVIII

**Offerecida ao illm. sr. José Soares da
Silva, de Palmeiras**

A's vezes evita
Qualquer invasão;
Mostrar-nos bem póde
Uma elevação.=1.^a e 3.^a.

Das aves sonóras
Em seu gorgoar
Seus lindos trinados
Nos faz lembrar.=1.^a e 3.^a.

Agora nos mostra
A deusa querida,
Por entre as scáras
Andando mettida.=1.^a e 3.^a.

E tem tres valores,
E' bem estimada,
Até nos cavallos,
Que tal a charada?.=1.^a e 3.^a

Aqui eu remato,
Estou torturado,
Os callos me doem,
Maldito calçado.=1.^a e 3.^a.

Vou dar-vos a chave
Não ha outro geito;
Vá ao velho mundo.
Está satisfeito ?

A. A. Orleans.

ORIGEM E DESCRIÇÃO DOS POMBOS CORREIOS

I

Todos os creadores que se tem occupado em procurar a origem de certas variedades de quadrupedes ou de passaros domesticaveis, a tem sempre encontrado cercada de trevas; e é bem raro que tenham elles podido chegar a um resultado satisfatorio.

A origem do pombo correio belga não é antiga; quando muito, remonta a uns cincoenta annos; não sendo, entretanto, facil conhecer os elementos que podem concorrer para a sua creação.

Será conveniente expor primeiro os caracteres d'esta raça interessante, e investigar depois se é possivel entrar ella em qualquer das variedades admittidas pelos creadores

II

O pombo correio belga é de tamanho meão, regulando entre a andorinha e o pombo torcaz; as suas fórmãs são curtas e robustas; o seu peito bem descoberto; a sua plumagem é densa

e bem fornida; a cabeça, vista de lado, é regularmente convexa; a curva d'esta convexidade se estende até a base do bico, de sorte que não existe cava alguma entre a fronte e as carunculas nazaes, como ao contrario se vê d'uma maneira muito pronunciada em todos os pombos correios inglezes; a testa é larga entre os olhos que são salientes, bem descobertos e circudados de uma pequena membrana núa; o bico é curto, um pouco mais largo que longo; sua mandibula superior é voltada e convexa, e a inferior é inteiramente occulta pela superior; as carnosidades nazaes são gealmente salientes e dispostas transversalmente em vez de serem obliquas, como na maior parte das outras raças.

Encontram-se algumas vezes estes typos tão caracterisados que sua cabeça assemelha-se de uma maneira bem notavel á do *Pischo* (passaro dentirostro):

O pescoço é em geral curto, bem formado; quando descansam serram fortemente as azas contra o corpo e occultam as espaduas sob as pennas do peito; a extremidade das pennas das azas alcança até as tres quartas partes da cauda e algumas vezes mais; a cauda é bem fechada e as pennas se unem completamente umas ás outras; as patas são núas, curtas e pouco desenvolvidas; a côr é muito variavel—a branca, a preta e a cabocla são pouco communs, e a que mais predomina é a azul (cinzenta) e a cinzenta malhada de preto, com as malhas mais ou menos numerosas.

IIj

Sem fallarmos dos pombos de viveiros, que eram procurados antigamente na França por alguns creadores, existem ainda quatro raças bem distinctas—os pombos fujões (fuyards)—os pombos de Anvers, o gravata-francez, e o pombo de nariz chato (canus).

Os pombos fujões, chamados tambem *cherstulets* na lingua wallona, derivado da palavra chestai-castello, são presentemente rarissimos.

Encontram-se elles nos antigos castellos da Belgica, nas grandes herdades onde vivem muito domesticados, dando-sc-lhes apenas alguma nutrição nos grandes frios do inverno, ou quando os campos ficam cobertos de neve.

De todas as raças de pombos é esta a que se approxima mais do typo selvagem, isto é do pombo torcaz. Seu talhe é inferior ao dos correios belgas: tem a cabeça alongada e comprimida lateralmente; seu bico, delgado e direito, é encoberto na baze por duas membranas brancas muito pouco desenvolvidas, menores ainda que as dos torcazes; seus olhos são de cor escura, totalmente destituidos de membrana branca, pequenos e não salientes; suas patas são curtas, e o habito que tem estes pombos de se conservarem abaixados os faz parecer mais curtos ainda.

São extremamente bravios: seus movimentos são bruscos:—seu vôo muito rapido, e só um longo captiveiro os poderá domesticar.

Acontece ás vezes que algum destes pombos se introduz nos

bandos dos pombos correios e segue com elles para o pombal; mas desde que se trata de o apanhar, esbraveja por tal modo que vae de encontro ás paredes, chegando ao ponto de espedaçar a cabeça.

O pombo de *Anvers* é uma elegante variedade dos pombos voadores; seu corpo é um pouco mais robusto que o dos correios actuaes e notavelmente mais alongado; seu bico é delgado e muito direito; seu nariz é um pouco mais desenvolvido que o do pombo fujão; e seu característico mais sensível está na côr dos olhos, que são muito claros, e levemente circudados de uma côr amarelada.

Pousa sempre em pontos elevados e a força do seu vôo é admiravel. Outra variedade desta mesma raça é a do pombo voador, de pesçoço vermelho, originario da villa de Liège e que parece ter sido antigamente muito procurado sob a denominação de *Hirondelles*, pombos andorinhas, não por se parecerem com ellas mas pela rapidez de seu vôo, que os eleva a uma altura extraordinaria.

Os pombos gravatas francezes, já muito conhecidos entre nós, são sobre tudo caracterisados pelas pennas retorcidas que tem no papo, partindo da mandibula inferior do bico e estendendo-se mais ou menos até o papo; sua cabeça é notavel pela forma arredondada que tem, terminando por um bico extremamente curto; seus olhos são grandes escuros, e salientes.

Quanto aos pombos de nariz chato (*camus*), pouco se poderá dizer por não serem hoje conhecidos entre nós, parecendo até que esta raça está inteiramente perdida.

Segundo a opinião de antigos creadores, tinham estes pombos um vôo muito rapido, fórmãs alongadas, pequena cabeça arredondada, bico largo na sua baze, coberto de carnosidades muito desenvolvidas, o que lhes dava com razão o nome pelo qual eram conhecidos; seus olhos eram circudados de uma larga membrana branca, e a cor do iris muito viva e de um amarello avermelhado.

IV

Combinando-se os característicos destas diferentes raças de pombos, chegamos a crer que o pombo verdadeiramente correio resulta do cruzamento do gravata francez com o pombo *camus* (de nariz chato); entretanto a fórmula de seu bico curto e arqueado faz suppor tambem que o pombo fujão (*fuyard*) e o pombo de Anvers tem contribuido tambem para formar esta producção.

Por outro lado, a saliência do papo, a fórmula da cabeça e do bico provam, com toda a evidencia, que do pombo gravata francez vem a origem principal dos correios belgas.

Esta, porém, não é a origem unica, porquanto, comparado com o gravata francez, o correio belga é de constituição mais robusta; seu vôo muito mais rapido e forte; as carunculas nasas

mais desenvolvidas, os olhos mais vivos e brilhantes, quasi sempre circuldos de uma membrana branca bem distincta, chegando-se á seguinte conclusão: que o pombo correio belga descende do gravata francez crusado com essa variedade de raça já perdida, designada pelo nome de pombos *camus*.

Este typo especial do pombo correio, tão admiravel por sua intelligencia, tão bem constituido para vour, está prestes a desaparecer deante da invasão de uma raça bastarda mais abundante e facil de ser adquirida.

As fórmas typicas que se tem podido observar pelas pinturas dos pombos ha uns cincoenta annos passados já são bem raras presentemente, e em um lote de trinta ou mais pombos, tomados ao acaso só se poderá encontrar um ou outro que conserve ainda todos os predicados de pura raça, que a maior parte dos creadores não conhece.

V

DESCRIPÇÃO DO POMBO CORREIO INGLEZ

O pombo correio inglez é de grande tamanho, robusto e alto sobre as patas; sua plumagem é cerrada, posto que frouda: suas azas são longas: os cannos das penhas muito duros, mas as barbas um pouco estreitas, de sorte que fazem seu vôo fraco e estrondoso.

A cabeça é pequena e afilada; as carunculas nazaes muito desenvolvidas; e seus olhos, vivos e circuldos de uma larga membrana nua.

Do cruzamento da raça ingleza com a franceza tem-se uma producção que carece herdar do pombo inglez—o vigor e suas fórmas, e do francez—o instincto e sua densa plumagem.

Temos, entretanto, noticia das decepções porque vão passando os inventores desse cruzamento. Se de um lado lucram a belleza do todo de seus pombos; de outro, chegam a desanimar á vista dos productos estupidos que tem colhido, os quaes não dão resultado satisfactorio nos concursos a que são subbmettidos; ao passo que a antiga raça dos correios belgas em nada tem perdido sua intelligencia, sua tenacidade, sua belleza, emfim.

E' mister, pois, confessar que taes cruzamentos só podem ser adoptados sob certas condições e segundo todos os principios racionaes.

L (Bahia—Agosto de 1883.)

Depois de ter lido... Berthia está absorvida na leitura de um romance. Chega sua mãe.

—E' muito feio o que a menina está fazendo. Já lhe disse que lhe prohibia a leitura de semelhante livro.

—Oh! mamã, tenho voltado todas as folhas em que ha maldade..

LOGOGRIPO (XVII)

Aos insignes charadistas S. S. de Faria e J. A. de Mattos.

Vae procura-a á Turquia—3-5-1-1-2.
Se queres o teu quinhão,—3-2-4-5.
Atravessa aquelle rio—4-5-3.
Ou um destes. Vacs ou não?—5-3-1.

Nessa aldeia da Suissa,—2-3-4.
Ou da Turquia cidade,—5-3-4-2.
Vê-se austral constellação—5-3-2.
Que fica á extremidade.

Esse navio tam,bem—1-5-3-3-2-1-5.
Nos fere, (com um signal),—1-5-3-3-2-1-5.
N'esta alta serra brazileia—1-2-3-5-1-5.
Onde vejo este animal. 1-5-3-2-1-2-3-5.

CONCEITO

Não os offendo, senhores
Na susceptibilidade
Dando conceito a quem mata,
Com toda a facilidade:

Logogripos e charadas;
Não tenho, não faço tal;
Eu conheço bem, que são,
Caçadores sem equal.

E. Velloso. Bahia.

A instrucção no exercito inglez.—Dados estatísticos publicados recentemente indicam o gráo de instrucção dos inferiores e soldados inglezes em 1882.

Sobre um effectivo de 180,000 homens, não comprehendidos os corpos coloniaes, ha sómente 6,556 soldados, ou 3.^o não sabendo lêr e escrever. Em 1864, o numero dos analphabetos, para um mesmo effectivo, excedia a 22,000.

Os homens instruidos, no numero de 173,400, decompõe-se assim:

Possuindo instrucção superior ..	17,200
Premunidos d'um dos quatro certificados de instrucção primaria	109,100
Outros	47,100

No concernente á segunda categoria dos homens premunidos de um dos certificados de instrucção primaria, convem accrescentar que o curso das escolas regimentaes dá logar a exames trimestraes, em seguida aos quaes os alumnos obtem um certificado de 1.ª 2.ª 3.ª e 4.ª classe. O curso é obrigatorio para todos os soldados não premunidos do certificado de 4.ª classe.

Os aspirantes ao certificado de 1.ª classe devem conhecer a fundo grammatica, orthographia, arithmetica, e redgir bem um officio. São interrogados sobre a historia de Inglaterra, geographia geral, algebra, trigonometria, mecanica, agrimensura, geometria, fortificação, levantamento de plantas, desenho, chimica, uma lingua viva, européa ou oriental

O exame de 4.ª classe versa sómente sobre leitura, escripta e elementos de arithmetica.

Os conhecimentos intermediarios são muito exigidos para os certificados de 2.ª e 3.ª classes.

Os 47,000 homens da terceira categoria são alumnos das escolas regimentaes não ainda munidos do certificado de 4.ª classe.

Que differença entre estes e os nossos soldados!

UMA PAGINA DA BIBLIA

Ao collega e amigo Antonio Francisco de Oliveira

I

Pranteava agonisante a humanidade
A perda das celestes regalias
Pelo crime de Adão,
E a Judeia embriagada nas orgias
Nem crenças, nem porvir, nem liberdade,
Não tinha mais, ai, não! . . .

Da Synagoga a authoridade, o sceptro
Tombára ante o imperio da cohorte
Da Roma ambiciosa,
E surgia a escravidão, fatal espectro,
E no seo se infiltrava o gelo, a morte
De Jerúsalem vaidosa.

Ai, quem fosse procurar antigos brios
N'aquella desgraçada, que rojava
Com a fronte nos abysmos,
Arrojos de nobreza não achava
Somente os horrorosos desvarios
Da alma cataclysmos ! . . .

Outr'ora fôra grande a raça, o povo,
Que lutas sustentára pelas crenças
Com os torpes Philisteus;
Mas do tronco dos avós brotou renovo
Sem viços, já mirrados de descrenças,
Sem fé no grande Deus ! . .

Do propheta lastimoso as prophecias
Que ao mundo um Salvador vaticinavam
Nos tempos do porvir,
As sombras do pagão as ennublavam
E nas campas suspirando Geremias
Mostrava o seu carpir.

E rebelde á gratidão, a populaça
Não mais se recordava do deserto,
Da rocha do Orebe,
D'onde a agua rebentou pr'a triste raça
A sede saciar; o povo incerto
Vagando entre a sebe,

Dos prodigios por seu Deus realizados
Quando o jugo dos Egypcios tão ferrenho
Gemendo supportava,
Quando as costas se vergavam sobre o lenho
Dos labores sem cessar angustiados
De sina fera e brava.

Meu Deus! Senhor meu Deus! Quanta crueza
Se aninha dos mortaes nos corações
E quanta rebeldia!
No entanto abdicaste a realeza
P'ra remir e dispensar consolações
Ao povo que gemia! . . .

Sois grande, meu Senhor, no terno effluvio
De um amor tão infinito, sem limites,
Sois grande, meu Senhor!
Se o mundo castigastes com o diluvio
O mundo vós remistes com os palpites
De puro e ardente amor,

II

E na praça os menestreis preludiavam
Cantares de lascivia inebriantes
Quando o Christo appareceu;
E as turbas a rugir tripudiavam
Nas rudes bacchianaes embriagantes!
Que horror, Senhor meu Deus!

Nos formosos horisontes da Judéa,
Nos confins da tetrarchia da Itureia,
Reinava a negridão;
E Jesus mui compassivo se mostrava.
Libertar a humanidade projectava
Da voraz devassidão.

No cranco tinha um plano vasto, ousado,
Oppôr ao sensualismo os esplendores,
Os preceitos da moral.
Do pégo em que jazia aprofundado
O mundo redimir dos amargores
De impia saturnal.

No tempo em que do Cesar o estandarte
Altivo a tremular por toda a parte
O orbe transtornava,
Mandar que o povo ao Cesar desprezasse
Que a lei religiosa s'ampliasse
Quem isto ousava? ! . . .

Mas Deus arcou com a furia dos precitos
E almas conquistou, e o mal, o crime;
Tombou fraccionado;
A sanha dos doutores vis, malditos,
Excita o povoléo contra o sublime
Jesus, Verbo humanado.

E Elle sempre nobre, sempre ingente
Esparge a caridade, amor a flux
Nos tristes miseraveis;
Os olhos abre ao cégo, e o doente
Encontra a satvação no seu Jesus
E gosos ineffaveis.

Amante das creanças, as eleva,
Resgata a Magdalena do peccado.
Com o preço do amor;
Espanca com seu verbo o erro, a treva,
Ostenta o seu poder transfigurado
Nos visos do Thabor ! . . .

Mas cega e endurecida a Sinagoga
Decreta inevitavel a sentença
Da morte sobre a cruz;
Sentença que o Pilatos não revoga
Pilatos, sobre quem o sol da crença
Não brilha e nem reluz ! . . .

III

Do sol o rosto encobre-se em véo escuro e denso,
Negreja nas esferas pasmosa escuridão,
E o Justo no madeiro cumprindo a pena infanda
Liberta o homem escravo dos erros da razão,

A tarde era medonha, as aves espantadas
Em vez de cantos breves lamentos desferiam,
A terra deslocava-se na base sacudida,
Das campas os espectros, phantasticos se erguiam!...

Da nóa a hora languida corria nos espaços,
O vento enraivecido bramia impetuoso,
No solo do Calvario a plebe esbravejando
Sarcasmos atirava ao martyr piedoso...

Então Jesus, sereno, seus olhos levantando
Ao Pae com voz de martyr se expressa doloroso:
«Porque desamparaste, meu Deus, Senhor meu Deus,
Ao vosso filho amado, tão terno e affectuoso?!...»

Depois a face inclina no peito suarento
E solta um ai dorido de magua e afflicção...
Foi tudo consummado! Morreu o santo Martyr!
Desponta nas montanhas o sol da Redempção!

Rasgou-se em duas partes do templo o véo, e o sol
Cobrio o rosto fulgido de tetrico palor;
A terra amedrontada ensaia um terremoto,
As pedras espedaçam-se com magno estridor!...

As lousas desconjuntam-se e surgem redivivos
Os corpos dos Prophetas da raça dos Judeos,
E ao pé da Cruz exclama o chefe da centuria:
«Eu creio em ti, oh Christo, que és filho do meu Deus!»

Judeia, oh terra ingrata, cuspistes a deshonra
Nas glorias que alcançára por vós a grande Esther,
Pedindo ao rei esposo perdão pr'os condemnados
Com prantos de esposa, ternuras de mulher!...

Surgi da lousa placida, oh Debora prophetisa,
Mulher tão grandiosa do Velho Testamento,
E vinde ver nas folhas dos vossos vaticinios
As manchas indeleveis de atroz desvairamento.

Anathema sobre o povo que ás tradições antigas
Dos santos aos oráculos foi vil e refractario ! . .
Anathema á Judela, que crua e insolente
A morte deu ao Christo no cimo do Calvario.

Serás o Ashaverus, perpetuo viandante,
Transpondo as serranias, os mares, a amplidão,
Ouvindo sempre o grito da alma que vasqueja
Nos eitos dos remorsos, nas ancias d'afflicção,

Os cedros seculares do Libano Sagrado
A elle a sua sombra, seus ramos negarão;
As selvas as palmeiras, os oásis do deserto,
No seu itinerario abrigos não darão!

E sempre amargurado ouvindo a voz de um anjo
Que alem nos horisontes caminha, diz, caminha,
A plebe qual um nomade pizando chão d'abrolhos
As dores soffrerá da sorte que amesquinha.

Até que o mesmo Christo suspenda caridoso
Castigo intenso e justo de horrida traição,
E dê ao renegado as graças d'amnistia
E torne-o participe da pura Redempção! . .

Pedro de Souza Ramos. (Seminario Grande da Bahia).

Um vicio de linguagem—Um dono de armazem chama um pintor e manda fazer uma taboleta com o seguinte distico:

«A fama desta casa não anda, vóa.»

O pintor, que não sabia orthographia, e por um vicio patrico, escreveu assim no annuncio:

«A fama desta casa não anda *boa*.»

QUADRAS POPULARES

Estava no meu cantinho,
Não bolla com ninguem;
Vieste bolir comigo
E' porque me queres bem.

Amar e saber amar
São pontinhos delicados,
Os que amam não tem conta
Os que sabem são contados.

Se as estrellinhas brilhassem
Todas juntas de uma vez,
Não dariam uma idéa
Desses teus olhos crueis.

As estrellas no céu correm
Eu tambem quero cofrer;
Esta vida de solteiro
E' comer para não morrer.

CHARADAS NOVISSIMAS

XLIX

2—2—Este instrumento tem cuidado na perna.

L

2—2—Cheira quando contente esta mulher.

LI

1—2—O ente pentêa este reptil.

LII

2—1—Nos tanques a base é uma herva.

LIII

1—2—Aqui este fructo é um capim.

LIV

1—1—2—Este adverbio na Italia de terra é valentão.

LV

2—2—Este appellido quando alegre é uma herva.

LVI

1—2—Suſtenta a formosa uma mulher.

LVII

2—1—A terra illumina esta flôr.

LVIII

2—2—Procura um adverbio esta lista.

LIX

2—1—Na egreja da garganta é instrumento.

LX

2—2—A selva dos bois é planta.

Joaquim de Cerqueira e Silva. (Bahia.)

Antiguidades historicas.—De um curioso escripto do abalisado escriptor portuguez, Sr. Vilhena Barbosa, sobre antiguidades historicas, extrahimos o seguinte ácerca do casamento de D. João V:

Quando esteve em Lisboa o archiduque de Austria, Carlos, pretendente ao throno de Hespanha com o nome de Carlos III

entabularam-se particularmente negociações para o casamento do príncipe D. João, filho de el-rei D. Pedro II com a archiduqueza Maria Anna de Austria, filha do Imperador Leopoldo I e irmão do imperador José I, então reinante, e do archiduque Carlos.

A proposta foi bem aceita na côrte de Vienna, mas o fallecimento de el-rei d. Pedro II obstou a que se desse seguimento a esta negociação. Porém decorridos poucos mezes depois da aclamação de el-rei d. João V, tratou este soberano de levar a effeito aquella projectada alliança.

Encarregado o conde de Villar Maior, Fernão Telles da Silva, de ir á corte de Vienna pedir officialmente a mão da archiduqueza, e conduzi-la a Lisboa, embarcou no dia 24 do setembro de 1707, e no dia seguinte levantou ferro a náó, e sahiu do Tejo.

Em abono do que referimos ácerca da prodigalidade e animo ostentoso de D. João V, descreveremos em abreviado quadro a magnificencia d'esta embaixada.

A comitiva do embaixador compunha-se de noventa e duas pessoas: secretario, porteiro da camara, guarda-roupa, thesoureiro, confessor, medico, varios gentishomens, pagens, reposteiros, e grande numero de criados para diferentes serviços.

Seguiu viagem a nau para Inglaterra, desembarcando o embaixador em Portsmouth, e dirigindo-se para Londres, aonde chegou a 12 de novembro. Em 5 de dezembro deixou a capital da Inglaterra, e proseguio na sua viagem em direcção a Rotterdam, em um hiate, comboyado por duas fragatas de guerra inglezas.

Esteve o embaixador na cidade de Haya, occupado em preparativos para a solemnidade da sua entrada publica em Vienna de Austria, até 18 de janeiro de 1708. Pondo-se n'esse dia a caminho de Vienna, com jornadas que a etiqueta fazia excessivamente demoradas, chegou á capital do imperio da Allemanha aos 21 do seguinte mez de fevereiro.

Mediaram perto de quatro mezes entre a chegada do conde de Villar Maior e a solemnidade da sua entrada publica e solemne em Vienna. Gastou o embaixador parte d'esse tempo em novos preparativos para maior luzimento d'aquella funcção. Passou a outra parte á espera dos coches e cavallos, que havia de receber da Hollanda.

Durante este longo periodo de expectativa, o soberano concedeu ao embaixador, por graça muito especial, contra as practicas estabelecidas, audiencia privada, e apresentação ás diferentes pessoas da familia imperial.

Finalmente, achando-se tudo prompto, foi designado o dia 7 de junho do referido anno de 1708 para a realisacão d'aquella apparatusa cerimonia. Na vespera d'este dia passou o conde de Villar Maior com toda a sua comitiva e trens, á pequena aldeia de Inzerstorff, a uma legua de distancia de Vienna, da qual era costume sahirem os embaixadores para entrarem solemnemente na cidade.

Organisado o prestito na devida ordem pôz-se em marcha para a cidade. Ao avisinhar-se d'esta sahiu-lhe ao encontro o conde de Waldestein, marechal da côrte, com dois coches do

Imperador, e quarenta e dois tirados a seis cavallos, mandados pelas principais pessoas da corte, com os seus gentishomens.

Depois do cortejo passar pela frente do palacio imperial, dirigiu-se para o palacio da embaixada portugueza, onde se recolheu o conde de Villar Maior com toda a sua comitiva.

Feitos os cumprimentos do estylo, incorporado este novo prestito no do embaixador, e tendo este passado para o coche imperial, ao lado do conde de Waldestein, seguiu para a cidade este numeroso e brilhante cortejo pela maneira seguinte:

Rompia a marcha um furriel do imperador; seguiam-se-lhe os coches dos cavalleiros da chave dourada; depois os dos ministros, conselheiros de Estado e outros personagens, em numero de quarenta e dous; e depois o primeiro dos dois coches Imperiaes, conduzindo o secretario da embaixada, com dois criados seus á portinhola, com librés azues agaloadas de ouro. Caminhavam em seguida trinta lacaios do embaixador, fazendo alas ao coche imperial, em que era conduzido o conde de Villar Maior, Indo ás portinholas quatro lacaios do imperador com librés de gala. Atraz d'este coche iam doze pagens do embaixador, todos montados em soberbos cavallos, ajaezados com sellas e chaireis de velludo verde agaloados de prata, e com as crinas entrançadas com fitas verdes. Os pagens trajavam uniformemente de finissimo panno cõr de purpura, coberto de galões de prata, vestes de brocado de prata semeado de flores, e com plumas escaletas nos chapéos. Era quasi igual a esta a libré dos lacaios, com a differença de se alternarem n'esta com os galões de prata outros de seda verde.

Na frente dos pagens cavalgava o estribeiro do embaixador, ricamente vestido, acompanhado de quatro palafreiros. Seguiam-se aos pagens seis magnificos cavallos da pessoa do embaixador, levando as sellas cobertas com tellzes recamados de ouro, nos quaes sobresahiam os braços de armas da notabilissima casa de Villar Maior. Eram levados á mão estes cavallos por seis palafreiros, com vistosas librés, aos quaes se seguiam muitos sottas-cavallariços, com bonitas librés.

Após ia o primeiro coche do embaixador, que era riquissimo, tanto pelas pinturas e obra de talha dourada, que o guarneclam exteriormente como pelos damascos bordados a ouro, que o vestiam no interior. Era tirado por seis cavallos com cocâres de plumas, e ajaezados com admiraveis arreios de velludo carmezim, guarnecidos de galões de ouro. Seguiam-se os coches do embaixador de Veneza e do Bispo de Vienna, e fechavam o prestito seis coches do conde de Villar Maior, conduzindo dezesseis gentishomens da sua casa, vestidos esplendidamente, e o thesoureiro, acompanhado por dous criados seus, com librés verdes agaloadas de prata.

Não se tinha visto até então na cidade de Vienna de Austria tão apparatusa entrada de um embaixador. E tal fama a tinha precedido, pela multiplicidade e grandeza dos aprestos, que toda a familia imperial, pondo de parte as praxes e leis da etiqueta, assistiu das janellas do paço á passagem d'este brilhantissimo prestito.

No dia seguinte deu o imperador José I audiencia publica e solenne ao embaixador de el-rei de Portugal, sendo o conde de Villar Maior conduzido ao paço com o mesmo luzido acompanhamento:

No dia 24 de junho voltou o conde embaixador ao paço com o mesmo sumptuoso prestíto, porém d'esta vez ainda com maior esplendor, porque todos os fardamentos e librés da sua comitiva eram novos, feitos tambem expressamente para esta cerimonia, mas muito mais ricos e vistosos. N'esse dia foi o embaixador pedir officialmente ao imperador José I a mão de sua irmã, a-archiduezza Maria Anna de Austria para el-rei D. João V.

Para que ficasse bem commemorada em Vieuna de Austria a opulencia e generosidade do soberano de Portugal, o conde embaixador distribuiu magnificas presentes de joias e peças de baixella de prata a grande numero de pessoas da côrte allemã,

Ao cardeal de Saxonia Zelts, que celebrou os esponsaes, sendo procurador de el-rei D. João V, o imperador José I offereceu um dos seus melhores coches com os seis formosos cavallos que o tiravam.

LOGOGRIPHO (XVIII)

(POR LETRAS)

A Ignacio J. Pestana da Camara

Compadre, você já viu
Este bicho tão feroz?—1-2-5-8
Ainda não! E pr'a que?
Ai! Deus o afaste de nós—7-5-6-7-3.
Se você visse, compadre.
Como elle é impetuoso!...—4-3-1-7-6-8.
De mais a mais desdentado—5-1-2-5,
E além d'isto gotoso—4-2-6-3.

Mas... fuja, compadre, fuja
La vem o bicho maldito!
Valha-me a Virgem da Penha!
Valha-me S. Benedicto.

Tabaréo da Madre de Deus.

Salden, publicista inglez, dizia que um homem probo e illustrado pode fazer muitas cousas boas e uteis, que um homem ignorante, com quanto honrado não pode fazer. O primeiro sabe como ha-de e lhe convem obrar; em quanto o segundo ignora o que deve fazer, duvida e nada faz. E' bem semelhante á creança que não se atreve a andar ás escuras, emquanto o adulto caminha na escuridão sem receio, porque sabe que não existe perigo.

A AMELIA DE MENEZES

Pelo sentido passamento de seu innocente filhinho

Não chores! não pode a terra
Dar pousada a peregrinos!
Os anjos não são terrenos;
São ethereos, são divinos!

M. C.

Não se pranteia o anjinho
Que foi direito p'rá os céos!
A' terra triste e mesquinha
Não pertence o que é de Deus!
Feliz de quem d'esta vida
Nem uma lagrima sentida
Sobre o passado legou!
Que ao despertar da existencia
Tão puro como em essencia
De novo ao Eden voltou!

Não se pranteia o anjinho
Que como a rosa viveu;
Seus dias foram perfumes
Que o céu em risos colheu!
Não viu na terra mesquinha
Como a virtude deflnha;
Nem como o vicio augmentou;
Nem sentiu agra saudade
Que nos fica da amizade
Do anjo que nós deixou.

Não se pranteia o anjinho
Que entre nós não quiz ficar!
Aqui—a vida é tão negra
No céu é astro a brilhar!
Lá—a pureza é roupagem,
Lá—não ha falsa miragem,
Lá—se respira o amor,
Lá—não ha lagrima e pranto,
Lá—a vida é doce encanto
Trescalando como a flor.

Não se pranteia o anjinho
Que alegre foi para os ceos!
«Que os anjos não são terrenos»
São mesmo filhos de Deus.
Feliz de quem d'esta vida
Nem uma lagrima sentida
Sobre o passado legou;
Que dita feliz e pura
Da angelica creatura
Que a terra a não maculou!

Não se pranteia o anjinho
Nem mesmo se diz: morreu!
Não morre quem deixa o nada
Pelos thesouros do céu!
Lá—são puras as delicias,
Lá—são ternas as caricias
Que Maria aos filhos dá;
Os seus filhinhos risonhos
Não teem mentidos sonhos
Têm o amor de Jehovah!

Não se pranteia o anjinho
Nem mesmo se diz: morreu!
A aurora terrena é triste;
Aurora alegre é do céu!
Feliz de quem d'esta vida
Nem uma lagrima sentida
Sobre o passado legou,
Que teve a vida da rosa
Orvalhada e vaporosa
Que nem na terra tocou.

Não se pranteia o anjinho
Nem mesmo se diz: morreu!
Pois o mundo é pequenino
P'ra conter o que é de Deus!

Feliz! de quem—d'esta vida—
Nem ua lagrima sentida
Sobre o passado legou!
Que teve a vida d'um riso,
Que voou ao Paraíso,
Que a terra o não maculou.

Tobias Junior.

A mulher.—Filha ou mãe, amiga ou amante, irmã ou esposa, nós nunea lhe disputamos nem o primeiro affecto em nosso coração, nem o primeiro dominio em nossa alma.

Nunca ouvireis em nossas conversações essas contendas sobre a superioridade de um sexo ou a inferioridade de outro, que em tantas circumstaneias tem agitado a litteratura moderna.

As qualidades exclusivas do homem são necessarias para o trabalho e para a luta; mas as qualidades da mulhier são necessarias para a poesia e para o amor.

Entre nós que eremos as virgens, sem mancha, de Murillo, calçadas pela lua e cingidas pelas estrellas, com as plantas sobre a terra e a fronte no ether, o sexo formoso vê reconhecidas por todas as qualidades de inspiração, de virtude, de affecto, de caridade, muito superiores sem duvida ás necessarias, mas rudes qualidades do homem.

Entre nós é um dogma a idéa do amor; como em todos os nossos poetas, a idéa calderoniana, de que se o homem é um mundo abreviado, a mulher é o céu d'esse mundo.

A mulher reservará sempre para si a primeira e a mais fundamental educação do genero humano, a educação do sentimento; porque a mulher recebeu na sociedade o sacerdocio mais divino e mais sublime da natureza, o sacerdocio da mãe.

De mim direi que, quando me contemplo, quando examino, e sobretudo, quando contemplo e examino com os olhos da consciencia os meus defeitos; quanto em mim se inclina para a terra e seus abysmos, quanto dentro de mim aborreço e combate, quanto é sombra e luta; e egoismo e soberba e orgulho, a mim o devo exclusivamente; em quanto que tudo aquillo que pôde haver em mim de bom, as cordas mais delicadas do coração, os affectos mais bellos da minha vida, a compaixão affectuosa, a caridade ardente, o olvido e o perdão das injurias, o amor do bom e da honra dos meus semelhantes, o culto das idéas, tudo quanto pôde elevar-me, engrandecer-me, converter-me, de um ser tão fraco e debil em um d'esses raros seres privilegiados, cuja passagem deixa uma esteira luminosa e inextinguivel na historia—tudo eu devo a minha mãe.

Para onde quer que volvaes os olhos, onde quer que penetreis com o pensamento, no oriente e no ocaso das civilizações, no berço e no sepulchro dos povos, nos páramos do idéal e nas tristezas da realidade, fluctuando como uma estrella sobre os cam-

pos de batalha, e apparecendo como uma luz divina sobre os céos da arte, a mulher dá sempre á vida o seu mel mais saboroso, á poesia o seu matiz mais delicado, ao coração toda a magia do seu encanto, á dor o seu balsamo mais reparador e ao entusiasmo o seu fogo.

Vêde-as: Eva, no crepusculo matutino da vida, no berço do genero humano; a Sacerdotisa, chamada estrella dos mares, no cume do Sinai com o cantico da liberdade de Israel nos labios perfumados pelo incenso dos desertos; Helena sobre o sepulchro de Troya: ou Ephygenia sobre o berço da Grecia; Egeria inspirando aos saterdotes que fundam Roma a idéa do direito; Lucreccia aos patricios que fundam a republica a idéa da liberdade; Virginia aos plebeus que fundam a democracia a idéa da igualdade; ao pé da cruz, onde se revela o novo Deus, Magdalena representando a humanidade regenerada pelo arrependimento; e ao pé do sepulchro, onde se dissolvem os antigos deuses, Hypatia repetindo os queixumes da alma da natureza, que se evapora nos ares; entre as sombras da idade média, os olhos de Beatriz, que levam o céu da esperança ao inferno do feudalismo; entre os horrores da guerra universal e implacavel o amor eterno de Heleisa.

Na renascença; junto de Petrarcha, Laura; junto de Raphael, a Fornarina; junto do grande solitario, parecido no seu isolamento ao deus dos semitas, junto de Miguel Angelo, austero como os prophetas, o amor platónico e ideal de Victoria Colona; e em nossos dias, desde a pobre Margarida, do Fausto, que passa da innocencia ao peccado pelo amor, e do peccado ao céu pela oração, até a pobre senhora que passa dos sonhos da revolução aos horrores da guilhotina, todas representam o ideal que tortura, o amor que desasocega e eleva a perpetuidade de suas dôres, a fôrma eterna de nossas artes, o côro immortal de nossas idéas, côro divino daquellas que, com os pés rasgados pelos espinhos colhidos nos caminhos escabrosos da vida e com as fronte perdidas nos esplendores do céu, recolhem as lagrimas do genero humano, e lhe enviaem, em troca, o fogo da fé e da luz, da inspiração e da esperança.

Emilio Castellar.

CHARADAS

Offerecida a d. Magdalena Costa.

LXI

2--2--O esophago e a ave formam uma pedra.

LXII

3--Este homem corre em Roma.

Pequenã,

FACTOS

- 1.º O governo dirige os povos.
- 2.º O papa os benze a ambos.
- 3.º O soldado serve aos tres.
- 4.º O proprietario paga as despesas dos quatro.
- 5.º O advogado despe os cinco.
- 6.º O medico mata os seis.
- 7.º O cirurgião esfolia os sete.
- 8.º Os pobres frades que não tem campanhia vivem á custa dos oito.
- 9.º Os padres cantam para os nove.
- 10.º A morte surpreende os dez.
- 11.º O coveiro enterra os onze.
- 12.º Finalmente a terra recebe e cobre os doze *in secula seculorum*, Amem.

CHARADA

(EM TRIOLETS)

Offerecida ao club dos Gansos Pretos

LXIII

Meus illustrados clubistas;
A charada em triolets,
Dificultosa nao é:
Meus illustrados clubistas.
Por serdes uns bons artistas,
E habeis p'ra decifrar,
Idel-a já derrubar,
Meus illustrados clubistas.

Quem nos diz é o Faria
Que prima parte é cidade,
Não sei se será verdade,
Quem nos diz é o Faria.
Eu, por certo, não diria
S'elle não desse a certesa,
Porem, se for incertesa,
Quem nos diz é o Faria.—3.

A defunta minha avó,
A quem eu tanto amava,
Era assim que se chamava
A defunta minha avó.
Porem hoje jaz no pó,
Do mundo já esquecida,
Era por todos querida
A defunta minha avó.—3.

Meus illustres charadistas,
Aqui vos dou o conceito,
Talvez não seja perfeito
Meus illustres charadistas.
Mas, não vão jogar as cristas
Ou cahir no lamaçal,
Procurem um vegetal,
Meus illustres charadistas.

A. A. Orleans.

Ordenados que paga os Estados-Unidos — O presidente dos Estados-Unidos tem de ordenado. 25.000 pesos por anno; o vice-presidente e os secretarios do estado, 8.000 pesos; os senadores, 4.000; os membros da camara, dos representantes, 3.500; o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, 6.500; os membros desse tribunal, 5.000; os enviados extraordinarios em Inglaterra, França, Italia e Alemanha, 17,500 pesos; os ministros em Austria, Brazil, China, Mexico, Russia e Hespanha, 12.000; o do Chile, 10.000; os outros ministros residentes no estrangeiro, 7.500; um almirante ganha 7.500; um contra-almirante, 6.000; um capitão de marinha, 4.500; um tenente de marinha, 3.000.

COMBOYO EXPRESSO

Dizes, chorando, que morreu a chianima
Do meu antigo amor...
Talvez que seja assim, mas não te esqueça
Que vamos a vapor.

Recordas-me que foste o meu enlevo...
Não me esqueceu tambem;
Mas olha meu amor, não me demores
Que vai partir o trem.

Cem vezes te jurei ser teu escravo,
E juro agora mil;
Mas tenho que partir e não se espera
N'um ferro carril.

Que fomos mui felizes e ditosos
Repetes... e em que tom!..
Mas não me deixa ouvir toda a conversa
A bulha do wagon.

Que o teu amor por mim foi o primeiro,
Juras... e tens razão;
Mas olha que de gente vem chegando...
Não vês?... todos se vão.

Onde amanhã serei por estas horas
Queres saber? Não é?...
Cem leguas d'aqui. Mas limpa os olhos...
Que não irei a pé.

Dizes que tens saudades... Acredito;
Mas tem poder em ti..

Bem vês que vae partir o trem expresso,
Hei de ficar aqui?

Não me accuses, cruel, de que inconstante
Me seja o coração;
Mas tu bem sabes, filha, que em viagem
Se muda... de estação!

Eu quizera jurar-te amor eterno...
Mas o não jurei, ..
Porque em fim ninguem póde affiançar-me
Se descarrilarei.

E' grande o teu penar... dil-o o teu rosto
E as lagrimas na voz:
Mas preciso vêr mundo, e a ter de vel-o
Seja num trem veloz.

De que presta o chorar? Limpa esses olhos
Que são formosos, são:
Mas não podem deter nos seus progressos
A civilização.

Finalmente aplotou!... O meu desejo
E' que sejas feliz.
Se não houver um choque no caminho
Sou teu... mas em Pariz.

Adeus ind'outra vez!... Lembra-te querida
Do que diz o rifão...
Lá sibila o vapor!... Longe da vista,
Longe do coração.

L. A. Palmeirim.

Uma anedota de Alexandre Dumas,
pae—São interminaveis as que se attribuem em França a este
eminente romancista.

Estavam alguns caçadores conversando deante d'elle sobre
assumptos de caça. Cada um elevava ás nuvens as qualidades do
seu respectivo cão.

Alexandre Dumas ouviu em silencio. Quando chegou a vez,
contou o seguinte:

—Tambem o meu cão, disse elle, tem uma intelligencia su-
perior. Um dia estava eu almoçando com um amigo no jardim, e
o cão, olhando para mim attento, esperava que eu lhe desse
alguma cousa de comer, como costumava. Vendo que me tinha

esquecido, e que não fazia caso d'elle, o animal deitou a correr para o fundo do jardim e voltou trazendo-me um ramo de myosotis.

Como sabem, esta flor significa:—não te esqueças de mim,

LOGOGRIPHO (XIX)

Da primeira caro leitor,
Creio, não deves gostar,
Segunda e tertia é um fructo
Um fructo muito vulgar.
O meu todo é um quadrupede.
D'onde, não ousou afirmar.

Adelaide Margarida da Silva. (Taperoá).

Alcander e Septimius—Muito tempo depois da queda do Imperio Romano, Athenas continuou a ser o theatro das letras, civilisação e sabedoria. O Ostrogoth Theodorico restabeleceu as escholae que a barbarie deixara em decadencia, e continuou a fornecer aos homens de letras pensões de que os governadores avaros haviam feito monopolio.

Naquelle tempo, pouco mais ou menos, viviam na mesma cidade Alcander e Septimius, ambos collegas de estudo: aquelle veio a ser o mais subtil philosopho do Lyceo e este o mais eloquente orador da Academia. Não tardou que a reciproca admiração desse principio à amisade. Quasi eguaes em bens de fortuna, eram elles filhos das duas mais celebres cidades do mundo; Alcander de Athenas e Septimius de Roma. Viviam assim em harmonia, quando Alcander que havia passado o primeiro periodo de sua mocidade na indolencia da philosophia, pensou finalmente em frequentar o mundo, principiando por amar a Hypatia, moça de rara belleza. Já estava marcado o dia para as nupcias, preenchidas as ceremonias usuaes e só faltava levar-a ao aposento do noivado.

Alcander exultou considerando a sua felicidade, porem a repugnancia que tinha de sentir qualquer prazer sem que o seu amigo o sentisse também, levou-o a apresentar Hypatia ao seu collega, julgando-se igualmente feliz na amisade e no amor. Foi, porem, fatal esta entrevista para a tranquillidade de ambos, porque Septimius logo que viu Hypatia, ficou possuido de uma paixão involuntaria e por mais que fizesse todos os esforços para conter desejos imprudentes e injustos, foram tamanhas as emoções de seu espirito, que, em breve causaram-lhe uma febre, julgada pelos medicos incuravel. Durante esta molestia Alcander tratou d'elle com todo o carinho e trouxe a sua noiva para ajudal-o a prestar com amabilidade os serviços que requer a amisade; deste modo os

medicos foram assas perspicases para descobrir que a causa da doença era o amor. Alcander informado da descoberta obteve a muito custo a confissão do amante impertinente e moribundo.

Seria superfluo descrever o conflicto que se deu entre o amor e amizade no coração de Alcander; basta somente dizer que os athenienses, n'aquella epocha, tinham chegado a tamanho escrupulo em moral que todas as virtudes eram levadas a excessso.

Esquecido da sua propria felicidade, Alcander fez com que Hypatia se excedesse em encantos para agradar ao joven romano.

Por conveniencia os dois collegas eram casados clandestinamente.

A mudança inesperada de fortuna contribuiu para mudar o organismo de Septimius, que perfeitamente restabelecido partio para Roma com o seu leal companheiro. N'aquella cidade, pondo em actividade as suas faculdades intellectuaes tão elevadas, Septimius em poucos annos attingio as mais altas dignidades do Estado, sendo nomeado juiz ou pretor.

Neste interim Alcander desgostoso de estar separado de seu amigo e de sua noiva, foi o alvo de uma perseguição movida por aquelles que, por causa das relações que tinha com Hypatia, o haviam aconselhado a attentar contra a honra della por meio de dinheiro. Encarregado de provar a sua innocencia, nem mesmo a sua eloquencia para defender-se foi capaz de resistir á influencia do partido forte. Foi lançado na prisão e condemnado a pagar uma enorme multa: não podendo porem arranjar a quantia tão exorbitante para o praso marcado, confiscaram os seus bens, até a sua propria roupa. Depois, exposto como escravo em hasta publica foi arrematado pelo maior lance.

Um negociante de Tracia comprou Alcander com alguns outros companheiros de infortunio, e o levou para aquella região erma e esteril. Um barbaro senhor o encarregou de apascentar rebanhos, e só com os productos da caça Alcander entretinha a sua precaria subsistencia.

Todas as manhãs quando accordava estava faminto, caçado, e exposto sem abrigo ás variações do clima, que mais agravavam o seu estado de miseria.

Depois de alguns annos desta vida de vagabundo, apresentou-se-lhe uma occasião opportuna de fugir; aproveitando-se della com ardor, viajava de noite e de dia refugiava-se nas cavernas, até que afinal foi para Roma. No dia de sua chegada, Septimius dava sentença no Forum e para lá dirigiu-se o nosso vagabundo, esperando a cada instante ver-se reconhecido publicamente pelo seu primeiro amigo. Esteve no Forum todo o dia confundido com a turba, encarando o juiz e pensando ser observado; estava porem tão mudado por causa das miserias prolongadas que não foi reconhecido; á noite, quando subia a tribuna do pretor foi brutalmente empurrado pelos guardas.

A attenção do pobre geralmente voga de um a outro objecto desagradavel. Já alta noite foi obrigado a procurar um logar para se deitar e não sabia que resolução tomasse. Todo afadigado e em andrajos como estava, ninguem o accollheria, por causa de

tamanha: miseria se dormisse na rua seria expor-se a ser encho-tado e a correr viva.

Afinal vio-se obrigado a refugiar-se em uma das catacum-bas, fóra da cidade, retiro costumado do crime, da indigen-cia e do desespero. Naquelle morada de horror pousou a ca-beça sobre uma urna derrubada, esquecido de suas misérias durante o intervallo porque passou pelo somno.

Em cima das pedras achou mais socego que o criminoso deitado em colchões de pennas.

Quando Alcander dormia, cerca de meia noite, dois ladrões vieram fazer o mesmo neste retiro que lhes pertencia; travan-do-se uma rixa na occasião de dividirem os objectos roubados, resultou um delles apunhalar o outro no coração, deixando-o morto na entrada do subterraneo, e neste estado foi encontrado na manhã seguinte.

Houve grande alarma quando inqueriam do facto; o sub-terraneo foi examinado encontrando-se Alcander, que immediata-mente foi preso e accusado de ladião e de assassinio.

Havia contra elle circumstancias aggravantes, confirmando a suspelta o seu estado de miseria. Estava ha tanto tempo fami-liarizado com a desgraça que não se importou com a vida; de-testava o mundo onde só havia encontrado ingratição, mentira e crueldades; por isso resolveu não se defender. Foi arras-tado, amarrado com cordas perante o tribunal de Ceptimius.

Como as provas eram positivas não se apresentando nada a seu favor o juiz ia condemnar-o á morte mais cruel e igno-miniosa, quando a attenção do foro foi distrahida por uma outra occurrencia.

O ladrão realmente criminoso foi preso vendendo o que ha-via roubado e confessou o seu crime.— Assim foi reconhecida a innocencia de Alcander, todos admirados da sua coragem obsti-nada. Admirou-se ainda mais a turba quando vio o juiz preci-pitar-se do tribunal para abraçar Alcander, estreitando em seu peito com lagrimas de perdão e de alegria o seu primeiro bem-feitor.

E' escusado contar a consequencia desta scena.

Alcander reconhecido por seus compatriotas teve as pri-meiras honras em Roma. Gosou todas as felicidades e deixou para ser gravado em seu tumulo o seguinte epitaphio: «A Pro-videncia póde nos valer em qualquer estado por mais despe-rado que seja, por isso não devemos perder a esperança.»

LXIV

1--1—1—Desce, pára e aperta o homem.

LXV

2—1—Estoura o pronome no navio.

LXVI

4—1—A herva pára e navega.

LXVII

1—2—Panno quicto é divertimento.

LXVIII

2—2—Esta abertura feita de fios é signal militar.

Arlindo P. Pinto.

Ao pé da letra--Um jesuita passando de carroagem por junto de um minimo (frade da ordem de S. Francisco de Paula) lhe gritou :

Minimi, minime, semper minimus eris.

Minimo, minimo, tú serás sempre minimo.

O frade foi prompto na replica, e dando-lhe uma lição de humildade, respondeu:

Jesuita, jesuita, *non ibat jesu ita.*

Jesuita, jesuita, Jesus não andava assim.

A SAGRAÇÃO DA MULHER

(VICTOR HUGO)

Fragmento

Eva mostrava ao céu sua nudez sagrada ;
Loura, admirava a irmã, a aurora côr de rosa,
O' carne da mulher ! argila ideal, formosa !
Santa penetração do espirito sublime
Que o Omnipotente sêr ao barro tôsko imprime,
Materia onde a alma brilha atravez do sudario,
Lama que indica a mão do grande estatuário !

Lodo augusto que attrahe o beijo e o coração,
Tão santo que se ignora, é tal do amor a acção.
Por cingir este lodo a alma tanto anceia,
Se esta sensualidade acaso é uma idéa,
E se se póde, quando a paixão está acceza,
Sem crer que a Deus se abraça, abraçar a belleza.

Eva deixava errar seus olhos scintillantes.

E sob as collossaes palmeiras verdejantes,
Por sobre a fronte d'Eva e em torno dir-se-hia
Que o cravo meditava, o lótó reflectia,
Se lembrava o myosote; as rosas tendc-a perto,
Procuravam-lhe os pés com o labio meio aberto.
Do roseo lyrio vinha um halito fraterno,
Como se fosse ao lyrio igual este anjo terno,
Como se, cada flôr tendo uma alma qualquer,
Desabrochasse a mais esplendida em mulher !

Té este dia, pois, Adão era o escolhido
Que no sagrado céo primeiro tinha lido,
Era o esposo tranquillo e forte a quem a treva,
E os astros e a alvorada, a cuja luz viu Eva,
E as flôres do barranco e do bosque o animal
Veneravam como um irmão mais velho e ideal,
Como a fronte onde a luz mais velha fulgurava.
E quando um pela mão do outro divagava
Pela clara amplidão do Eden singular,
A natureza, sob o seu multiplo olhar,
Abrigava atravez da planta, do rochedo,
Da onda, amando o par, feliz desde tão cedo,
E o homem sêr completo e augusto respeitando,
Eva que olhava, Adão que estava contemplando.

N'esse dia porém, os olhos que o infinito
Abre aos milhares sob o azul do céo bemdito,
Fixavam-se na terna esposa e não no esposo,
Como se n'esse dia alegre e religioso,
Entre os dias bemdito, e puro entre as auroras,
Às aves, chilreando entre as folhas sonoras,
À nuvem, ao regato, aos enxames variados,
Ao seixo, ao animal, a seres tão sagrados,
Muitissimos dos quaes nos tempos já se somem,
Se mostrasse a mulher mais augusta que o homem !

Porque era esta eleição e este enternecimento
Enorme do profundo e santo firmamento ?
Porque estava inclinado o infinito sobre um ser ?
A aurora porque dava uma festa á mulher ?
Porque era esta harmonia ? Estas palpitações,
Porque tinham mais goso e mais irradiações ?
Porque era esta embriaguez de ver a luz do dia ?
Porque era o antro feliz quando á aurora se abria ?
Porque tinha mais luz e aroma o universo ?
O bello par ingenuo em sonho estava immerso.

E a ternura entretanto, inexprimivel, suave,
Do astro, do lago azul, do val, do musgo, da ave,
Estremecia mais em torno d'Eva, a qual
Saudava embriagada a luz universal;
O mysterioso olhar da natureza em festa,
Da arvore e da onda e da virgem floresta,
Mais pensativo então, fitava de hora em hora,
Esta mulher, de face augusta e encantadora;
Longo raio d'amor lhe vinha do infinito,
Das aves a gorgear, da flôr, do azul bemdito,
Das rochas colossaes, das vibrações do mar.

Pallida, Eva sentio o ventre a palpar.

Jayme Victor.

Pato.—Ave domestica, muito trapalhona quando caminha, muito indigesta quando se a come, mas que dá ao pobre, no dia de Natal a mais succulenta delicia gastronomica, e ao rico os deliciosos pasteis de Straburgo, que são feitos com o fígado dos patos artificialmente engordados.

O pato, vocabulo, que hoje serve para rir dos tolos, das mulheres muito gordas e poucos graciosas, e dos cerebros que tem mais gordura do que sal, teve n'outros tempos honras divinas.

O pato foi sagrado em Roma, depois que um pato acordou Manlio e os guardas do Capitolio; foi sagrado pelo rei de Licia, Rhadamauto, que adorando os patos ordenou que nos seus Estados não se jurasse mais pelos Deuses, porém pelos patos.

Parece que nos tempos de Julio Cesar, se jurava sobre os patos tambem na Inglaterra. Tambem o medico Julio Cesar Scaligero alçou um hymno de louvor ao pato, admirando-o pelas suas virtudes phisicas e moraes.

«O pato, disse elle, é o mais bello emblema da prudencia; abaixa a cabeça para passar sob uma ponte, por mais alto que seja o arco; é pudico e racional ao ponto de purgar-se por si quando esté doente, sem consultar o medico. Os patos são tão prudentes que, quando passam pelo Mon e Tauro, que é povoado de aguias, tem o cuidado de tomar cada um no bico uma pedra para d'esta sorte ficarem obrigados ao silencio e não poderem por consequencia ser descobertos pelo grasnar.»

Ha quem não creia em todas estas bellas cousas, que dos patos nos conta Julio Cesar Scaligero; mas deve-se dar credito ao chimico Mimery, o qual conheceu um pato que fazia girar um espeto, em o qual se assava um Perú (oh! crueldade fraternal!) Aquelle pato intelligente tinha a extremidade do espeto no bico, e estendendo e encolhendo o pescoço, fazia devidamente o seu dever.

LOGOGRIPO (XX)

Ao distincto logogriphista, auctor do logogripho da pagina 175 do Almanach Luso-Brazileiro de 1882

Oh! como eu sinto te deixar sósinho
soffrer os golpes d'esses mestres meus
mas se é destino, que fazer eu posso?...
Vae logogripho. . vae morrer... adeus,

Ah! se tu fosses como a flôr que nasce—10-6-16-8-4-7
nas virgens mattas do meu paiz natal—14-4-6-16-13
talvez que o vento te levasse á Asia—14-17-6-7-1-15-10
p'ra dar-te o cunho de um valor real;—11-3-10-5-5-10
Mas sendo planta, como és, supponho—1-2-16-1-10-3-4-7
que só da China foi que veio tal nome—11-10-12-11-10-12-13-10
porem embora o amargor que tens—6-3-4-7-11-13
dás tal petisco que qualquer o come.—9-17-11-10-5-6-7
Leitor agora que já tens a chave
do logogripho qu'eu aqui te dou
vou dar-te mais um brasileiro peixe—11-13-8-9-10
que n'este rio minha avô pescou—14-10-6-16

Conceito? eu dava-o se aprendiz não fosse
que outro motivo não teria a dar-te;
mas allegando mesquinhez de luzes,
não posso, mestre, dar lições n'est'Arte.

Militão Cesar de Oliveira (Taperoá—Bahia)

Um rabula ás voltas com S. Pedro:—

Falleceu um certo advogado, e assim que se viu bem morto, tratou de ir bater á porta do céu.

Veio S. Pedro abrir-lhe, e perguntou-lhe:

—Quem és?

—Sou um advogado.

—És advogado! Advogado não entra cá nenhum, sem ir primeiro ao purgatorio.

E S. Pedro ia já fechando a porta quando o pretendente lhe disse:

—Ao menos posso fazer um requerimento a Nosso Senhor?

—Pode fazer quantos requerimentos quizer, mas olhe que é tempo perdido. Se quer vá-o fazendo, que eu volto já.

E fechou a porta.

O advogado puxou de uma folha de papel sellado, do tinteiro, da caneta e pôz-se a pensar.

—Pois eu que fui rabula toda a minha vida para serviço dos meus clientes, não o hei de ser também agora para o meu serviço! dizia elle.

Depois de pensar um grande bocado começou a escrever: escreveu e dobrou cuidadosamente o requerimento já prompto e assignado.

Nisto voltou S. Pedro.

—Então? dê cá o requerimento.

O requerente entregou-lho, o santo leu-o e quando chegou ao fim, disse-lhe:

—E' tempo perdido, eu bem lh'o digo, mas como você pede só para metter no céu a ponta do nariz, talvez, talvez. . .

D'ahi a pouco voltou com modo satisfeito e disse-lhe:

—Está servido. Nosso Senhor fez-lhe a vontade, mas tenho a avisal-o de que irá para o purgatorio sem nariz, porque tudo que entra no céu não torna mais a sahir.

O advogado sorrio maliciosamente, como quem já sabia, e S. Pedro abriu p porta.

Mas o rabula, em vez de entrar como entraria toda a gente, virou as costas á porta e entrou a recuar, de fórma que quando chegou a entrar a ponta do nariz, já tinha entrado o corpo todo.

E eis ahi está como o advogado chegou a entrar no céu sem passar no purgatorio, com grande admiração de S. Pedro, que não suppunha haver advogados com tanta finura.

NO CEMITERIO

Quanto pranto, meu Deos! Quanta tristeza,
Que insondavel mysterio d'anciedade,
Quanta esperança desfeita n'um momento,
Quanto goivo enlaçado de saudade!
Quanto pranto, meu Deos! Quanta tristeza,
Que insondavel mysterio d'anciedade.

Quanto rosado sonho de futuro,
Quanta illusão alli no pó descança!
Quanto anhelos de gloria e quanta crença
Dorme em seio de vate e de criança;
Quanto rosado sonho de futuro,
Quanta illusão alli no pó descança!

E' sempre a dór que falla, é sempre o sonho
No barathro da morte, a sepultura;

E nós volvendo pavidos a historia
Que acorda em nossa alma a desventura,
E' sempre a dôr que falla, é sempre o sonho
No barathro da morte, a sepulchura.

Aqui, vê-se uma flôr que des'brochava
Aos bafejos subtis do amor materno.
Alli, meiga criança que innocente
Só vivia a sonhar co'o lar paterno;
Aqui, vê-se uma flôr que des'brochava
Aos beijos subtis do amor materno.

Mais além, terna esposa que saudosa
No coração levou dôr penetrante,
Depois, um seio virgem, um poeta,
Sonhador de um futuro deslumbrante,
Mais além, terna esposa que saudosa
No coração levou dôr penetrante.

E de tantas imagens adoradas,
De tantos seres caros p'ra nossa alma,
Geladas restam cinzas n'um sepulchro !
Restam prantos de dôr que não se acalma !
Ai, de tantas imagens adoradas !
De tantos seres caros p'ra nossa alma.

Oremos, pois, ao pranto e aos suspiros
Misturem-se os queixumes do arvoredado,
Traduzindo as saudades de nossa alma,
Revelando da dôr fundo segredo.
Oremos, pois, ao pranto e aos suspiros
Misturem-se os queixumes do arvoredado.

Julieta de Mello Monteiro.

Excavações preciosas—Depois das excavações consideraveis emprehendidas em Roma nestes ultimos tempos, Mr. Lancioni chegou a verificar que uma parte notavel das diversas construcções, que o papa Felix IV reunio em 526 para fazer a basilica de S. Cosme e S. Damião, não é outra senão um resto do *templum sacrae urbis* edificado por Vespasiano e reconstruido por Setimo Severo.

Este ultimo imperador tinha feito gravar sobre o revestimento de marmore de uma das paredes desse templo o famoso plano de Roma antiga, cujos fragmentos importantes tem sido encontrados depois do seculo XVI em diferentes occasiões, e entre outras nas ultimas excavações.

Estes fragmentos estão reunidos no museu do Capitolio.

CANTO DA CEGA

(TRADUÇÃO)

Sou a cega, desditosa, Que o mundo percorro em vão: Tenho fome, brado anciosa, Lacrimosa — á compaixão !	Não tenho o pão que alimenta, Nem roupa de me vestir, Sobre a minha face lenta A tormenta—vae cahir!
Era ainda pequenina Quando minha mãe morreu; Fiquei só ! que fatal sina Tão menina — o céu me deu!	Sinto o ar que me arripia; No meu corpo a chuva calie, E' de fome esta agonia Negra e fria—um pão me dae !
Ninguem os meus passos guia, E ninguem, m'estende a mão, E' cruel a fidalguia, Que podia — dar-me o pão.	Rebrame a procella e cresce, Ai! onde me acolherei? Escutae a minha precc: Se anoitece—morrerei!
Um rico em tecto dourado A vergonha me offertou, O meu seio abençoado Tal peccado — abominou.	Acolhei a malfadada Sem ter pão e sem amor, Dae abrigo á desgraçada Desterrada — pela dôr.

Sou cega, desditosa,
Que o mundo percorre em vão :
Tenho fome, brado anciosa,
Lacrimosa—á compaixão!

E. Zaluar.

O torto rindo-se do alejado—Um torto encontrando pela manhã um corcunda lhe disse:

—Que é isso amigo, já tão cedo carregado?

—Tu é que pensas que é cedo, lhe respondeu o outro, porque não te entra a claridade senão por uma janella.

CHARADAS NOVISSIMAS

LXIX

2—2=O sobrenome é um deus e una deusa.

LXX

2—1—Este canto prende nos bosques.

LXXI

2—1=A ave é signal seguro nas pedras.

LXXII

2—1—A planta aqui é peixe.

LXXIII

2—2=O indio está livre voando.

Militão Cesar de Oliveira (Taperoá=Bahia).

Boa resposta—Uma bonita mulher hespanhola recebeu em um dos dias de mais rigoroso inverno d'este anno a seguinte carta:

«Formosissima visinha.—Não tenho em casa nem chaminé nem brazeiro. Se a visinha não quer que eu morra gelado, appareça um bocadinho á janella. Está um frio diabolico, e não recebo em casa outro calor que não seja o do seu olhar.»

A resposta da visinha não se fez esperar:

«Illm. senhor.—Lí a sua carta a meu marido, e este compadecido da sua situação, irá brevemente a sua casa para lhe aquecer as costelas.»

AS MULHERES E O SEGREDO

FABULA DE LA FONTAINE

Não é lá no pensar muito atilado
Quem a mulher confia o seu segredo...
Mas n'este ponto tambem tenho medo
Muitas vezes do sexo que é barbado.

Para experimentar sua mulher,
Estando certa noite ao lado d'ella,
Um marido exclamou:—Ai, Michaela,
Que dôres tão crueis! que atroz soffrer!

Não sei, triste de mim, como me aguento!...
Mas que é isto, mulher? Oh! caso novo!...
Mesmo agora acabei de pôr um ovo!
—Um ovo!—Aqui o tens; inda está quente!

Não contes este caso; tem cuidado,
Quando não de gallinha põem-me a alcunha.
A mulher, que o engano não suppunha,
Jurou fechar a bocca a cadeado.

Mas apenas se ergueu de manhãsinha
Esta pouco assisada Michaelia,
Desejosa de dar á taramella,
Foi o caso contar a uma visinha,

—Sabe, comadre, o que hoje succeden? . .
—Então que foi? que foi?—O meu Torcato
Pôz um ovo que enchia bem um prato! . . .
Mas não conte a ninguém, ouviu?—Quem? eu!

Do peso do segredo alliviada
A mulher do do ovo entrou em casa;
Mas a visinha já se vê em braza
Por dar esta noticia desusada,

Deixa o almoço ao lume, sae mui prompta
E a outra conta a historia de bom gosto;
Mas ao ovo que o homem tinha posto
Acrescenta mais um por sua conta.

Foi-se espalhando o caso em prosa reles,
E cada um o seu ovo accrescentava;
De sorte que á noitinha se affirmava
Que o homem tinha posto um cabaz d'elles.

Semiramis—Sob a fórma de uma pomba prestavam os Assyrios venerando culto á memoria d'esta illustre rainha, que floresceu no seculo XIX A. C. e que em seu governo lhes prestou relevantissimos serviços engrandecendo notavelmente o paiz e assignalando por modo brilhante a epocha do seu reinado.

Companheira inseparavel do seu marido Nino, em quantas expedições e conquistas este empreendeu,—Semiramis, depois de viuva, empunhou com firmeza as redeas governativas; e, dirigindo os negocios do estado com a mais acertada discripção, conseguiu alargar os dominios do seu vasto imperio, desde a Ethyopia até ás Indias.

Junte-se a isto o apurado gosto de que deu provas nas sumptuosas edificações a que procedeu, e para que mandou convidar de longas terras os mais celebres artistas seus coevos; taes foram, por exemplo, em Babylonia aquelles suberbissimos jardins, que a Historia Antiga enumera entre as *Sete maravilhas do mundo*.

TEUS OLHOS

(E * * *)

Os teus olhos lindos, lindos,
São estrelas lá nos céos...

L. B.

Menina, os olhos formosos
Que tens no rosto divino
São dois thesoiros, que um hymno
Me inspiram com sons queixosos!
E quasi que desatino
Quando em mim cravas—vaídosos,
Menina, os olhos formosos
Que tens no rosto divino!...

F. Coelho (Bahia).

Banho fresco—No verão o banho fresco é um contra-veneno da acção enervada do calor; e despertando o apetite, tornando mais facil a digestão e avivando a acção muscular, nos torna mais trabalhadores, mais contentes e mais sãos.

Tomae um banho tepido e saponado no principio do verão, e depois abandonae por toda a estação calorosa as bacias de madeira, de zinco, de cobre, de cimento ou de marmore. Correi á onda do mar, do rio, do lago; em tudo melhor do que n'um estabelecimento de banhos salgados, onde, sob pretexto de procurar frescura, achae a molleza e o ar infecto; a tibieza que conduz ao vicio e ao oculo.

Se sois nadadores, nadae; e se tendes vergonha por não saberdes nadar, saltae, galhofae e agitae-vos muito n'agua.

As pancadas das ondas marinhas e o estremecimento da corrente de um rio são excitantes da pelle e tornam-se utilissimos aos sadios; podem, porem, fatigar os fracos e convalescentes.

UMA PALAVRA DE AMOR

Por não ser facil lhe escrever, anciava
Confessar Olegario verbalmente
A' bella que o fascina, o amor ardente
Que de algum tempo o peito lhe abrazava.

Uma noite em que soube estar ausente
Quem sobre a dita bella vigiava,
Do sobrado, no qual ella morava,
Foi Olegario collocar-se em frente.

Tardas horas assoma na janella
Um vulto, e, ao vê-o, elle exclamou:—E' ella!
Eia! o momento não parece mau!

—Amo-te! (diz-lhe) e por te amar padeço!
—De amor uma palavra, ah! eu te peço!
Responde o vulto da janella—Miau!

A. Lopes Cardoso (Rio de Janeiro).

As profissões em Pariz — Na população pariziense, os operarios ou patrões dos dois sexos são em numero de 2.263.480 e ha 74.666 pessoas sem profissão.

O commercio, a finança, a commissão, alimentam 551.678 individuos.

No terceiro grupo figura a serie de pessoas vivendo exclusivamente dos seus rendimentos em numero de 240.910, dos quaes 210.860 proprietarios de casas e juristas e 20.050 pensionistas do estado.

As profissões liberaes reunem 186 731 individuos, entre os quaes:

66.720 nos empregos publicos;

42.646 nas artes;

21.821 no ensino livre;

18.304 na medicina e seus annexos;

16.899 nos annexos da justiça, advogados, escrivães, etc.;

14.184 na sciencia, na litteratura e no jornalismo;

5.938 nas comunidades religiosas;

Os transportes pelos caminhos de ferro, por terra, rios e canaes teem um pessoal de 56.905 individuos.

A força publica (exercito, gendarmeria, policia) fórma um total de 34.047 individuos comprehendidos nesse numero os empregados e suas familias.

CHARADA

LXXIV

Com um nó n'uma ponta, é para todos

De grande utilidade—1

E na ponta do pé, dá prejuizos

A toda a humanidade—1

Tambem proporciona ás vezes gozos
Lá na frente do gado—!
E tira a mó do demo e antes d'isto
E' homem do sagrado.—!

Meu nome não é este, mas affirmo
Que alguém se chama assim;
Eu vi, mas não sei onde, certo velho
Ter este nome, emfim.

F. Coelho (Bahia).

O Petit Journal--Foi o *Petit Journal* creado em 1863, e em 23 de julho de 1866 constituido em sociedade commanditaria com 10.000 partes de interesse.

Depois de ter passado por differentes phases, atravessado os annos nefastos de 1870-71, pago rapidamente um passivo de perto de 4 milhões, deixado pelo seu antigo gerente, foi em 10 de junho de 1881 transformado em sociedade anonyma com o capital de 25 milhões de francos, representado por 50,000 acções de 500 francos.

Os interesses vão crescendo progressivamente de anno para anno. Os de 1882 permittiram repartir 55 francos contra 81 em 1881 e o primeiro semestre de 1883 produziu liquido 1,687:627 francos e 30 cent., ao passo que o mesmo periodo em 1882 não dera senão 1,508,143 fr. 40 cent., ou 179,483 fr. 90 cent. a favor do primeiro semestre de 1883.

A tiragem media em 1882 foi de 664,927 exemplares contra 629,651 em 1881. No decurso dos primeiros seis mezes de 1833, elevou-se a 701,125 por dia; a do mesmo periodo em 1882 fora de 651,112 exemplares.

O pagamento dos dividendos effectua-se trimestralmente, no 1.º de maio, 1.º de agosto, 1.º de novembro e 1.º de fevereiro.

Este jornal é propriedade de uma sociedade anonyma, cujo capital sobe a 25 milhões de francos (11,250:000\$000, moeda brasileira). Nessa sociedade é presidente do conselho administrativo M. Marinoni.

LOUCO SUBLIME

A João Vallasques

- Tu choras!—Não, eu rio.—Ha lagrima em teu rosto.
—Ah! são prantos da noite, a quem reli meus versos.
—Fizeste-a prantear?—Se eu chamo-me desgosto..
—Teus cantos quero ouvir.—Já o vento os traz dispersos.

—Estás pallido e triste.—E' que eu vago proscripto.
 —Descalço e roto assim, d'onde é que vens?—Da terra.
 —Onde fica o teu lar?—Eu moro no infinito.
 —O mundo não te agrada?—O mundo não me encerra.

—Proclamam-te poeta.—Apenas sou mendigo.
 —O que dos homens tens?—O que elles são, poeira.
 —O que te prende á vida?—A pedra de um jazigo.
 —O que te deve a sorte?—Um mundo e uma caveira.

Um mundo d'ouro, o amor; e o craneo de uma insana
 —De tua mãe?—Oh! não! de uma mulher divina.
 —D'algum anjo talvez.—Morreu! Não, era humana.
 No corpo era mulher, mas a alma era menina.

—Empunha a tua lyra.—A minha lyra é o espaço.
 —Para quem cantas tu?—Para o abysmo, o nada.
 —A tua musa...—E' a morte!—O horror!—Tem um regaço.
 —Com quem convives tu?—Co'as trevas e a alvorada.

—Tu não passas de um louco!—Eu sei; dão-me coroas.
 —Selham-te na fronte.—Eu sinto co'uma estrella.
 —Meu pobre sonhador, porque ao céu não voas?
 —Não zombes mais, escuta e pasma: eu sou Varela.

Victoriano Palhares.

CHARADA ENIGMATICA

LXXV

(COM SUPPRESSÃO DE CONSOANTES)

**Ao illustrissimo Sr. Eduardo
 Velloso**

ue . u . a e . ua . . i . e .
 a . . e e . ua . . o . e . á ;
 e . . e . . a . e . e a . . i . e . a
 o . o . o . e . o . . a . á ?

Cecilia E. de Mattos (Plataforma—Bahia).

LOGOGRIFHO (XXI)

Ao meu presado amigo Angelo de Araujo Negrão

Divindade egypciaca—6-4-3-6-2
Em egua foi transformada—5-3-4-1-6
O filho de Teletuza—3-4-5-3-2
Com Priamo desposada—4-3-2-2-6-3-2
Por Cupido foi amada
por Zephyro foi transportada.

Militão Cesar de Oliveira (Taperoá—Bahia)

==Porque é que estás chorando, Nené?
==E' por causa do remedio.
==Mas tu não vaes tomar remedio agora. . .
==Mas como m'o dão de manhã, logo que acerto, não tenho tempo de chorar e então choro de vespera.

CHARADA

LXXVI

Quem será que vendo aqui
este mansinho animal,—3
não fuja espavorido
d'est'outro tão desigual,—2
não corra, espere, repare,
que o todo é vegetal.

Militão Cesar de Oliveira (Taperoá—Bahia).

Os filhos—São elles que completam verdadeiramente a união do homem e da mulher, que a tornam duradoura, estavel; sem os filhos o lar domestico está longe de encher todos os encantos de que é susceptivel, e a existencia dos filhos é um obstaculo quasi sempre invencivel á desunião dos esposos. *Homem e mulher, marido e esposa.*—Conservae-os por muito tempo assim e vereis como a felicidade que elles gozam é tantas vezes ephemera, como podem romper-se os laços que os unem e quebrar-se os juramentos prestados; mas fazei intervir a apparição

de uma criança, transformae o marido e a esposa em pae e mãe, e esse pequenino ser, esse ente fragil e delleado, terá uma tão poderosa eloquencia de persuasão, que tudo se mudará.

Eu só admiro aqui a obra da natureza, que eu não comprehendendo que ninguem pode perscrutar, mas que é realmente admiravel.

O que seria do pobre innocentinho abandonado no mundo sem o amparo d'aquelles que lhe deram a existencia e o atiraram á vida? E como poderia um só dos que o geraram ministrar-lhe todo o necessario?

Os filhos trazem, pois, consigo, nas proprias exigencias dos seus organismos fracos, o poder de unirem com laços indissoluveis aquelles que lhes deram o ser. Mas ha ainda mais. Nos filhos vêem os paes os seus retratos. Assim como cada um correu com uma parcella da materia do seu corpo para formar o novo organismo, assim tambem cada um lhe imprimiu os traços caracteristicos da sua physionomia. Depois o desenvolvimento gradual e lento da criança, é a historia viva do desenvolvimento paterno ou materno. Cada qual, vendo o que o filho é, pode observar o que foi, e cada qual vendo em si o que é, pode fazer que o filho chegue a ser tambem o mesmo.

Maravilhoso facto! Porque assim como os paes communicam as suas feições aos filhos, assim lhes podem communicar as suas virtudes ou vicios.

E por isso ha no amor paterno esta circumstancia encantadora—que os paes amando os filhos, amam-se realmente a si mesmos. Os filhos são a immortalidade dos paes!

Esposo e esposa—como elles se amam! Porque? Porque devem procrear.

Pae e mãe—como elles se idolatram! Porque? Porque tem de educar.

Nas horas passadas no socego do lãr domestico, os olhares da mãe e do pae vão confundir-se no filho querido, como em noites limpidas vão encontrar-se no astro predilecto os olhares ternos dos amantes! E aquelles dois corações vibram ambos impetuozos tocados pela mão de um filhinho, como duas harpas eolias tocadas pela mão de um anjo.

Porque não hão de então amar-se sempre ambos, se elles tem de amar sempre o que de ambos é obra? Porque não hão de então viver unidos sempre, se muitas vezes as faces dos dois hão de encontrar-se unidas a beijar o mesmo rosto infantil?

Oh! filhos! Amae sempre os vossos paes, para que elles vos amem sempre, e para que sempre elles mesmos se amem um ao outro.

O filho esteve nos paes e os paes estão no filho e o filho é a continuação dos paes!

Nenhum motivo de mais justo orgulho existe para o homem e para a mulher do que este de darem a existencia a um novo ser. Ter filhos é perpetuar-se, é garantir á humanidade a sua vida eterna. Ter filhos é assegurar o progresso das sciencias, é augmentar o numero das descobertas humanas, é affiançar a vida á humanida-

de e ao mundo. Tirae o homem e a mulher de sobre a face da terra, impedi as gerações de se succederem ás gerações, e o mundo será apenas um vastissimo deserto.

O futuro dos filhos!—eis aqui a causa de esforços inauditos, um estímulo para o trabalho honroso, um manancial de inexgotáveis virtudes. Ter filhos é tambem ser diligente, trabalhador e virtuoso; abençoados sejam elles!

Quantas vezes no momento em que vae praticar um crime não vem a imagem do filho desarmar a mão do que ia transformar-se em assassino? Se eu não tivesse filhos... diz o homem nas occasiões em que o desespero o accommette, e o impelle para o abysmo da perdição.

Um dia de tarde passava eu pelo Limoeiro e presenciei uma scena, que jamais ha de esquecer-me. Nas grades da cadeia amontoavam-se os presos para se aquentarem com os ultimos raios do sol que ia a esconder-se. Na rua defronte da prisão estava uma mulher pobre, de faces cavadas e macilentas, andrajosa, esqualda. Esta mulher sustentava no collo uma criança á qual mostrava, apontando com o dedo, um dos presos que estava nas grades; a criança olhava e acenava para lá com as mãosinhas. Comprehendi tudo: a mulher era mãe, a criança filha e o preso esposo de uma e pae da outra. E eu disse comigo, apontando a innocentinha: tu serias a regeneração d'aquelle homem, e todavia a sociedade preferiu roubar-lhe o seu amor e roubar-te a protecção d'elle. A cadeia com que tu o prenderias, lançando-lhe os bracinhos ao pescoço, valeria muito mais para o rehabilitar do que os varões de ferro por onde elle introduz a cabeça para te ver. A sociedade, que não sabe respeitar-se, não soube tambem respeitar os teus direitos de criança. Oh! que a sociedade é má!...

Paes! nos filhos que vós educaes vão reflectir-se todas as vossas virtudes e todos os vossos vícios, como vão reflectir-se no espelho as imagens dos objectos.

Aprendeí a virtude e escusareis de a ensinar a vossos filhos, porque elles a aprenderão de vós pelo exemplo. E como exemplo ensinae, ensinae-lhes principalmente que o trabalho é a principal virtude do homem, que elle é um dever de todos e que é uma condição da nossa existencia na terra. Ensinae-lhes que o homem que não trabalha é o primeiro dos criminosos, é como o ladrão que consome aquillo que não fez, que lhe não pertencia e em que não devia tocar. Ensinae a vossos filhos que nenhum trabalho é deshonroso para o homem, que todos pelo contrario correspondem a qualquer das nossas necessidades, que todos são solidarios e que não deve haver supremacia de uns sobre outros; que trabalhar é ser honrado, e ser honrado é primeiro que tudo, não explorar o proximo.

Sim, porque os filhos são a imagem do futuro e o futuro da humanidade—é o trabalho.

E. Maia (Lisboa).

LOGOGRIPO (XXII)

**Offerecido á Exma. Sra. D. A. M. da
Silva**

Siva sublime, encantadora virgem—1-3-2-9-5-8-11
Mstrella bella de scintillar brillante—9-11-8-3-1-3
Candida e pura como são os anjos—10-8-8-3-9-7-8-9-5-11
Imagem leda de quanto é galante—1-2-3-9-3
Mascinadora, de encantos bellos,—4-5-9-7-8-9-11
Mosa singela dos encantos meus,—1-3-8-9-10-11-8-11
M's como o orvalho que borriça as flôres—2-3-9-5-3

Quantos fulgores tem os olhos teus—4-5-4-10-6-3
Cnica esperança que mais tarde chega—1-3-2-4-5-2
M que nos mostra compaixão e d'ó—1-10-7-6-11-6-7

M assim pois o meu viver no mundo—1-2-5-4-11-6-3

Mixado apenas n'este frouxo nó,—4-10-6-11
Mssim, senhora, o meu canto offereço-lhe—6-3-2-5-6-3
Com amor ardente como ha de ver—11-4-5-6-3
Mnda que a sorte de ti me separe.—6-10-4-5-6-11
Meal, oh! virgem, sempre te hei de ser.—6-7-6-10-9-11-6-3

CONCEITO

Não penses, virgem, que de ti me esqueça,
nunca em tal penses! . . pois eu sei-te amar.
e para que a ti possa unir-me,
do logogripho, o conceito vou dar.

Militão Cesar de Oliveira (Taperoá—Bahia)

Jesuitas e franciscanos—Gabando um jesuita a um franciscano a grande nobreza da sua ordem, entre outras cousas disse:

—Othe V. Rvm., para a minha ordem ser mais nobre basta dizer que somos da Companhia de Jesus.

A isto accudiu o franciscano:

—Mas, diga-me, padre, Vs. Rvmas. são da Companhia de Jesus, quando elle nasceu ou quando morreu?

—Por que me faz essa pergunta?

—Porque quando Christo nasceu foi entre bestas, e quando morreu foi entre ladrões.

FLOR DA NOITE

Ha n'esse teu corpo negro, repassado
D'um effluvio magnetico, dormente,
A doçura d'uni fructo avelludado
E a indolencia nervosa da serpente.

Nas noites tropicaes do velho oriente
Eu quizera n'um frepito sagrado,
Sentir pulsar o coração valente
Do teu seio no brouze immaculado.

Teus olhos cheios de luar sombrio
Vertem-me n'alma um calido amavio,
Morna volupia, venenosa, estranha . . .

E's a tulipa negra, a flôr escura,
Que um lord inglez excentrico procura
Pelas velhas cidades d'Allemanha.

Guerra Junqueiro (Coimbra).

Antiguidades—Saber a origem, a antiguidade, ou mesmo a historia de todos os objectos que nos cercam e mesmo d'aquelles que só por tradição conhecemos, não é certamente uma necessidade; mas melhor será cultivarmos a nossa intelligencia, do que deixal-a inculta; e se nada perdenos não sabendo cousa alguma, pelo menos lucraremos sabendo.

Foi este o motivo que me levou a transcrever, depois de algum estudo, estes principios historicos que abaixo se seguem, esperando das amáveis leitoras d'este livrinho toda a condescendencia.

O ALMANACH—Com este nome nós hoje conhecemos estes delectaveis livrinhos, que nos vem trazer em cada dia algumas horas de distracção e enlevo.

Mas, desde quando existem os *Almanachs*? Qual o seu principio? Para respondermos a isso, vejamos o que dizem os sabios:

A palavra *almanach*, segundo Littré, provem do pronome *almana*; do arabe *al-manakh*, computo; porem o que está mais averiguado é que os anglos-saxões traçavam e escreviam seus calculos astronomicos em taboinhas que elles denominavam *allmonaught*. Tem-se encontrado nos monumentos dos povos os mais antigos, quadros que indicavam as divisões do anno, phases da lua, estações e numero de dias.

Foi o Christianismo que veio tornar mais necessarios estes calendarios, para a fixação das festas religiosas.

O primeiro almanach foi publicado na Allemanha em 1491 o qual foi chamado *Almanach perpetuo*. Depois d'este vem o

de Rabellais, em Lyon, na França, de 1553 a 1555; o denominado *Centuries de Nostradamus*; em 1636 o de Mathieu Laem-berg, em Liege, em 1683, e sob o reinado de Luiz XIV, *Almanach real de França*. Muitos ainda poderíamos enumerar, mas estes bem pouca differença fazem dos nossos.

As CALÇAS (*pantalons*)—Este vestuario é de origem veneziana. O seu nome querem alguns que venha de S. Pantaleão, patrono de Veneza; porem, outros, e talvez com mais razão, querem que elle se derive de *Pianta leone* (Planta Lião) sobrenome dos guerreiros venezianos.

O ORGÃO—Este instrumento, tão conhecido hoje entre nós, já o era tambem pelos povos antigos; Archimedes e Vitruvio já o mencionam. No anno de 457 o rei Pepino recebeu um de Constantino Copronymo. Carlos Magno tambem teve um, que lhe foi offerecido pelo Kalifa de Bagdad.

O SAL MARINHO—O uso do sal vem da mais antiga data. Os gregos contavam-no entre as cousas sagradas e Homero dá-lhe o titulo de divino. Foram tambem os gregos os primeiros a usar o sal para conservar a carne e o peixe.

O PÃO—Os livros santos dizem que Abrahão servio aos anjos no valle de Manré, o pão preparado por Sara. Os gregos attribuem o invento ao deus Pan.

O DINHEIRO—Moysés já o menciona e diz que Abemelech deu mil peças a Abrahão. Herodoto pretende que foram os Lydios os primeiros a fabricar moedas.

As primeiras moedas romanas datam de Servius Tullius, eram de cobre e tinham por cunho um boi e um carneiro.

O SABÃO—A sua origem é remotissima, elle já era conhecido pelos Egypcios e Hebreus muito antes da nossa era. Plinio attribue a sua invenção aos gaulezes. Nas ruinas de Pompeia acharam-se ateliers, fabricas muito bem conservadas.

O ASSUCAR—Os Gregos e os Romanos já conheciam o assucar. Galeno e Dioscorides designaram-o com o nome de *sacchar*. Paulo Egino, celebre medico do 7.º sculo, d'elle faz menção.

Os chinezes dizem terem-no inventado 2000 annos antes de Christo.

A SEDA—Esta industria era já conhecida pelos chinezes 2600 annos antes da era christan.

Da China passou ella para a Persia e India, onde Alexandre a estabeleceu.

O VELLUDO—E' attribuida a sua invenção aos Genovezes; o certo é que elle já era conhecido no sculo 13.º A primeira fabrica foi installada no anno de 1536, em Lyon.

Preciso é terminar este artigosinho e para o anno, se cá pela terra ainda estivermos, o que nos dará muito gosto, continual-o-hemos com alegria, promettendo fallar d'estes mil nada, que sendo o desespero de nós, os homens, são verdadeiras preciosidades para as nossas amaveis leitoras.

J. Coelho (Bahia).

CHARADA

LXXVII

Na primeira e na segunda
Pode bem terceira entrar,
Mas peço a Deus que o todo
Possa eu sempre sustentar.

Militão Cesar de Oliveira (Taperoá—Bahia).

Um bom criado—Mandando uma senhora, mui-dada ás modas, buscar pelo seu criado um chapéo a casa da modista, desempenhou aquelle o encargo e voltava apressado quando um seu patricio o convidou a beber um quartilho de vinho.

—Não, amigo, replicou o criado, não posso, que levo aqui para minha ama um chapéo a toda a pressa, e tenho medo, se me demoro, que quando chegue a casa, já a moda tenha passado.

FATALIDADE

(No album de Juvencio de Araujo Figueiredo)

Singrava teu batel no manso lago
Da passagem infantil, dormente, lindo;
As aguas brandamente dividindo
Do peito maternal ao doce afago.

Da fimbria do horisonte o sol revia
Com um sorriso de luz a natureza:
A' margem, nos juncaes quanta belleza! . . .
Quantas flôres gentis! . . . Que bello dia!

Voavam as gaivotas. De repente
Ruge o *minuano* doudamente
Ennuvando o azul da immensidade.

E nunca mais serenou o lago inquieto,
E nunca mais beijou-te o meigo affecto
N'essa noite cruel da orphandade.

Santos Lostada (Santa Catharina, Outubro—1883).

CHARADA DUPLA

LXXVIII

Esta especie de charada se comporá de duas palavras diversas (as *duplicadas* tambem dão duas palavras, porem uma fórma a outra ás avessas), cujas partes serão indicadas por syllabas r e tadas á esquerda e á direita da mesma. O conceito seja dito de modo que se comprehenda qual a da esquerda, qual a da direita; ou se designe as margens por suas iniciais entre parenthesis, como a que segue para exemplo.

Nos bancos da academia,
1—Tereis o que nos convem—1
Se um principe aqui metteis,
1—Digo que andaes muito bem.
O ar transformado serve
1—Para que? Vamos já ver.—1
Deste sujeito (r) escolhei
O fructo (d) que elle vos der.

Silva Freire (Bahia).

Pateta!—Certo prégador, tendo prégado um sermão muito extenso, adormeceu todo o auditorio, excepto um individuo que passava por pateta. Summamente sentido o prégador pelo que estava vendo, exclamou muito encolerisado:

—Então que é isto, todos dormem, a excepção d'esse pateta?

—Pateta! exclamou este: e tem razão, senhor padre; pois se o não fora teria tambem adormecido como os demais.

LOGGRIPHÓ (XXIII)

4-2-5-8-10-11—Mulheres—3-5-8-1-8-11
10-8-7-9-4-8-11—Beldades—1-6-3-5-8-10-11
5-8-4-8-10-8-11—Mulheres—9-7-4-9-4-8-11
5-6-3-7-9-1-8-11—Deidades—4-5-9-3-1-8-10-11
8-1-9-5-8-10-11—Mulheres—5-2-3-10-4-8-11
9-1-6-5-8-10-11—Divindades—7-9-10-1-8-1-11
9-5-8-10-11—Mulheres—9-5-4-8-10-11

No conceito
Mulher
Quem decifrar
Ha de ver.

Militão Cesar de Oliveira (Taperoá—Bahia)

EU VIVO TRISTE I

Eu vivo triste, porque sei que em breve
—A sorte o escreve!—vou viver sem ti,
Sem ver-te as fôrmas de gentil beleza
Mas a alma presa, fica presa aqui?

Flça a teu lado, como sempre, firme!
Posso eximir-me do destino á lei?
Não posso! em breve, sei que em breve parto
Cançado, farto de soffrer, eu sei!

Eu vivo?—E' vida este viver tão triste?
Onde é que existe mais cruel rigor. .
Porém mais triste viverei—lá—quando
Teu riso—brando não calmar-me a dôr!

Se vivo triste, quando vejo ainda
A face linda que me encanta assim;
Vendo teu rosto seductor, constante;
Quando distante, que será de mim?

Longe, inda preso nas gentis cadeias,
As noites cheias de visões fataes,
E na esplanada do futuro incerto,
Vendo o deserto, a solidão, que mais? . . .

Nos horisontes nada a vista alcança,
Nem da esperança verde luz, fugaz!
Eu vivo triste!—ao viajor sem norte
Não poupe a morte! venha já! que faz? . . .

Eu vivo triste, porque sei que a vida
E' não fendida que perder-se vae!
Eu vivo triste, em malfadado transe,
E meu romance, dll-o inteiro um ai!

Rit já presinto aproximar-se o dia. . .
Deus bem podia me deixar aqui!
Eu vivo triste! vou deixar-te em breve
—A sorte escreve!—vou viver sem ti.

Pedro de Calasani

Socrates admoestava os mancebos, que tivessem estas tres virtudes: prudencia no animo, silencio na lingua e vergonha na cara.

CHARADA TRIPLICE

LXXIX

A charada triplice, como se verá da que dou abalxo para exemplo, constará de tres palavras, duas das quaes, tiradas por syllabas da principal, serão dadas por partes, á esquerda e á direita. O conceito fallará das tres. Eil-a:

- 1—Me tens em cada adverbio
O que vem de madrugada—1
1—Roda sem mim não é roda,
Parte sem mim pode andar.—1

A' esquerda tens o preço
Da herva que ahi tens no jogo.
Se n'um theatro penetras,
O todo vês logo e logo.

Silva Freire (Bahia).

Definições—Ha tres especies de ambições no mundo, diz Bacon; a primeira é a de reger o povo, de o dominar pela superioridade e de o tornar instrumento dos seus designios. A segunda é a de fazer sobresahir o seu paiz, cooperando para que elle possa exercer predominio sobre os outros. E a terceira finalmente consiste em exaltar a especie humana, augmentando o thesouro dos seus conhecimentos.

CHARADAS NOVISSIMAS

LXXX

- 1—2—Este homem faz orações nas egrejas.

LXXXI

- 2—2—Este alimento no mar é ave.

LXXXII

- 2—2—Na egreja joga-se esta ave.

LXXXIII

- 1—3—E' invisivel, mulher, este instrumento.

LXXXIV

- 2—2—Este alimento alimenta uma ave.

Joaquim de Cerqueira e Silva.

AS ROSEIRAS CONVERSANDO

Vae-te! vae! já que eu não posso.

(CALASANS). Afranio—Folh. inc.

A rosa *Principe Alberto*
Ao romper d'alva, se ergueu!
—*Treze de Maio!*... é bem certo,
Foi hoje que ella nasceu!

—Ella quem?—perguntam logo,
Outras roseiras visinhas,
—Não sabem que hoje nasceu
Nossa bella mariquinhas?!

Eis a rasão porque a aurora
Quiz tão bella hoje raiar;
A festejar o seu dia
Parece nos convidar!

O orvalho matutino
Mais abundante quiz ser;
Vindo cedo em nosso auxilio
Nossos botões fez nascer.

Vamos todas reunidas
Uma grinalda formar,
De nossas rosas mais lindas
Para a sua frente ornar.

Mas, ai de nós tão distante
Não podemos offerar-lhe,
—Pediremos pois á brisa—
Para ir lá entregar-lhe.

«Vae brisa, e se não poderes
Com a grinalda que formamos
Conduze nas tuas azas
Os perfumes que exalamos;

Atravessa a immensidade
D'esses mares bonancosos,
Vae até á habitação
D'aquelles paes extremosos.

Ahi tu has de encontral-a
Dormindo, talvez ainda;
Dize: acorda, vê, repara,
Como a aurora está tão linda!

Sabes qual foi o motivo
Que a fez tão bella raiar?
Pois o mesmo aqui me trouxe,
Para hoje te saudar!

D'um jardim lá *dos Afflictos*
Fizeram-me vir aqui,
Entregar-te estes perfumes
Que das roseiras sorri.

Tambem mandaram pedir-te
Para tu não esquecel-as,
E mandaram perguntar-te
Quando pretendes ir vel-as ! ...

Dizem ellas que saudades
Já não podem supportar!
Pois pedem a Deus que voltes,
Pois que és o anjo do lar ...»

Nany (Ilhéos—43 de maio de 1873).

Creada a carro—Achando-se um fidalgo em uma de suas chacaras, ordenou ao seu cocheiro que fosse buscar leite a uma aldêa muito proxima; o creado porem, em lugar de obedecer a seu amo, respondeu-lhe com muito máo modo, que isso era da competencia da creada.

—Então o que é o que te compete a ti? perguntou o amo com muito sangue frio.

—Tratar dos cavallos e conduzir a carruagem, respondeu o cocheiro.

—Pois bem, accrescentou o amo, põe os cavallos na carruagem, e conduz n'ella uma das minhas creadas, para ir buscar leite para o almoço,

CANÇÃO DO EXILADO

All Iask all Iwisk is a tear
BYRON.

Quando minha alma se affastar saudosa
Qual flor de espuma pelo mar sem fim
Inda mais vivo crescerá no peito
O amor profundo que inspiraste a mim.

O nada, o gelo, a solidão, a morte
E a magua infinda do cruel desdem,
São as reliquias que chorando levo
Para o desterro que me espera alem.

Não te crimino . . . E nem maldigo a hora
Em que na febre dos delirios meus,
O gelo d'alma converteu-se em chamma
Aos meigos raios dos olhares teus.

Eu te perdoo, coração de estatua,
Fizeste bem em me deixar tão só!
A alma do genio não respira e vive,
Senão da lousa no revolto pó.

Quando a teus pés, me ajoelhei captivo
Minhas algemas pareciam flores. . .
Beljei-te a fimbria dos vestidos alvos,
Segui-te a sombra a suspirar de amores. . .

E a tua imagem me arrastava sempre
No ceo azul, na solidão do lar . . .
Como os harpejos de divina orchestra
Que a brisa espalha na amplidão do mar.

E quantas vezes no scismar saudoso
Lgrimas santas derramei por ti!
Como eram doces os celestes jubilos!
E os sonhos ledos que eu então senti!

Oh! nunca soffras a suprema angustia
D'essa desdita que meu seio encheu!
Foi no calvario d'essa dor immensa
Que o sol da crença desmaiou. . . morreu!

Eu te perdôo porque tens na fronte
O diadema virginal—em flor. . .
Laurel divino, que talvez um dia,
Queime-se aos raios de sublime amor.

Agora é tempo de seguir os traços
Rubros de sangue do infeliz hebreu;
E ás tempestades do exilio errante,
Levar os transe do supplicio meu. . .

Ave sem ninho que a tormenta arrosta
Aos amplos sopros do deserto mar,
Sinto a loucura conduzir meus passos,
Nem niesmo sei aonde irei pousar'. . .

Mas no deserto, quando a lua pallida,
Lembrar-me as crenças que eu perdi aqui,
Saudosos prantos derramando ainda
Sem lar, sem Deus, me lembrarei de ti!

Dr. *Pedro Moreira*. (Estancia—Janeiro 1877.)

As calças em França—Tem-se discutido muito em França ácerca da epoca em que foi introduzido n'este paiz o uso das calças em substituição do calção. Os gaulezes usavam umas calças a que chamavam *bracon*. Os patois meridionaes conservaram quasi intacta esta expressão.

Desde os primeiros seculos as calças passaram por grandes modificações, até chegarem á forma actual. Calções compridos, curtos, justos, largos, são outros tantos derivados das calças, que, postas de parte, tornadas a pôr em uso, novamente abandonadas, acabaram finalmente por triumphar.

Nos primeiros dias da restauração, o principe de Talleyrand, voltando do congresso de Vienna, encontrou-se na ante camara de Luiz XVIII com o duque de C. . . homem do maneiras em extremo distinctas. O diplomata e o duque estavam de calção curtó de setim preto, meia de seda e sapatos de saltos altos com fiella.

«Trago a Sua Magestade uma grande novidade, disse ao Duque de C. . . o embaixador no congresso de Vienna. Hontem á noite, na Opera, o Marquez de R. . . apresentou-se no seu camarote de frak e calças pretas. E' decididamente uma revolução. . . O ultimo vestuario do antigo regimen cahe á sua vez. . . Não se rirão mais dos nossos diplomatas no estrangeiro. . .»

O Duque, não percebendo a allusão do príncipe de Talleyrand, fez um gesto de surpresa:

«Sem duvida, disse o príncipe, riam-se em Vienna, como em Berlin e em Madrid, das barrigas das pernas dos nossos ministros e dos nossos encarregados de negocios de calção curto. As calças vão salvar as fórmias da diplomacia.»

O duque de C... não era diplomata, mas nem tão pouco tinha pernas para isso. A sua pessoa era toda secca. Tanto melhor, exclamou elle, o rei não rirá mais das minhas barrigas de pernas. Vivam as calças!»

A moda da calça ficou introduzida desde este momento, mas ainda assim custou-lhe a vencer de todo o calção.

Os dandys de formas pouco salientes apressaram-se a usar calças, o que fez dizer a um vaudevillista: «Não ha mais barrigas de pernas em França, a revolução tudo destruiu.»

Já sob o imperio se tinha tentado introduzir o uso da calça. Mas a nobreza e a burguezia *parvenue* tinham-se mostrado hostis á innovação, e tinham posto em moda a calça curta que recordava o antigo regimen.

Luiz XVIII, a quem as suas enfermidades obrigavam a usar uma calça de forma toda particular com longas polainas, mostrou-se partidario da nova moda, mas não succedeu o mesmo á côrte. Os príncipes não quizeram.

O conde de Artois sempre pretencioso, não obstante os seus 60 annos, teve o cuidado de não usar um vestuario que occultava os seus attractivos ao bello sexo.

O duque de Berny, coronel, enfatuado nos seus uniformes, não se prestou tão pouco a este novo costume burguez.

Quando o irmão de Luiz XVIII subiu ao throno, o uso d'este vestuario popularisou-se rapidamente; as legiões passaram a usar calças. Na revolução de julho o calção desapareceu completamente. O monarcha deu o exemplo e o uso das calças generalisou-se em toda a Europa.

TROP NOIR

Fica-te bem esse vestido preto,
Que a tua viva tez faz realçar.
Não imaginas quanto me é dilecto
Esse teu modo simples de trajar.
Mas, se te applaudo o preto do vestido,
Tambem eu te censuro
Por usares um *pince-nez* esucro,
Com uns vidros tão negros, que duvido
Que d'elles atravez tu possas ver.
Birre com taes ant'olhos,
Que até de contemplar teus bellos olhos
Me privam do prazer!

A. Lopes Cardoso.

LOGOGRIPO NOVÍSSIMO (XXIV)

Offerecido ao meu amigo e irmão Jacintho Rodrigues Guedes

F	2
E	4
P	1
S	2
A	2
C	2
F	3
A	2
A	3

ADAGIO

Vicente Rodrigues Guedes

O decano dos sabios—Actualmente o decano dos sabios é o illustre chimico francez Sr. Chevreul, que d'aqui a dois annos será centenário; é um velho vigoroso, admiravelmente bem disposto, tanto physica como intellectualmente.

Os mais importantes trabalhos do *decano dos estudantes de França*, como elle a si proprio gosta de chamar, são as descobertas sobre a separação dos corpos gordos e a constituição chimica da *stearina*, da *oleina* e da *margarina*, de que se faz a vela, o sabão e uma grande quantidade de outros productos chimicos.

Descobriu tambem este chimico illustre os principios coran-

tes o os processos da tinturaria. Foi elle quem creou a lei sobre o contraste das cores, e definiu pela sua theoria das sombras coradas, o valor de cada *nuança*, o que operou uma revolução na tinturaria e estamparia dos Gobelins em Lyon. Depois d'elle todos os chimicos industriaes tem adoptado as suas descobertas. Devem-se tambem a este sabio eminente as leis da mechanica chimica.

HUMORISMO

O teu nariz

Tenho visto narizes bem formados,
De boa construcção, marca patente,
Que tem dado que fazer a meio mundo
É posto em alvoroço a muita gente.

E' certo, tenho-os visto de mil fórmas,
De todos os tamanhos e feitios,
Que sinto, ao recordal-os, pelo corpo
Enormes sensações e calafrios.

Porem, como o que tens, fallo a verdade,
Nunca vi nem sonhei nariz assim,
Nariz que não consente, que te priva
De chegares sem risco junto a mim.

E' pena! Tenho medo! Não me atrevo
Contemprar-te de perto a formosura,
Por causa d'esse ponto culminante
Que tens como nariz, ó creatura!

Eu sei que soffres muito, que definhas
Sob pezo esmagador que te maltrata,
Isso tudo porque? Cousa tão simples,
—Por causa do nariz, d'essa *batata!*

Batata, sim, *batata!* mas tão grande
Que passou de *batata* a *batatão*.
Nariz que quando acaso tu te assoas
Rebrame duro e forte qual trovão.

Não sejas inclemente! Quando fores
A' noite te deitar bella criança,
Sentido que teus roncos não perturbem
A paz que deve haver na visinhança!

Tens nariz que podias de bom grado
Deitar fora, emprestar, mesmo vender,
Ficando na certeza que haverias
De com grande nariz inda morrer!

Já basta! *Au revoir!* Caio de somno!
A dormir estou quasi por um triz
Mas antes de o fazer dize, responde
—Onde foste arranjar um tal nariz?

Paulo Pereira.

Commandava as armas francezas na Catalunha o marechal La Motte, general de grande reputação; e as hespanholas D. Felippe da Silva, bastante celebrado pelos seus conhecimentos e pericia militar. Disseram em certa occasião ao primeiro, que o segundo estava muito doente de gotta, e impossibilitado por isso de continuar as operações do exercito, e que se devia aproveitar esta occasião, ao que respondeu o marechal.

—Senhores, pouco importa que continuem ou não os movimentos do exercito; porque em D. Felippe da Silva deve-se temer a cabeça e não os pés.

CHARADA

LXXXV

A's direitas, meu leitor,
Verás famosa cidade:
A's avessas, não senhor,
Encontrarás divindade:
A's direitas, como disse,
Accrescentando um signal,
Com espanto terás fructo
De sabor especial;
E se da mesma cidade
Tirares só uma letra,
Acharás tinta de côr,
Não sendo branca nem preta.

A. Tavares

Boa resposta—Tendo Carlos VII, rei de França, eleito por seu general contra os inglezes a Hyro, este lhe representou a urgente necessidade de prover a tempo os aprestes de que carecia o exercito, indo empenhar-se em tão grande guerra.

O rei tambem como só curava do prazeres e divertimentos, nada providenciou. Passados dias houve uma esplendida funcção na côrte, á qual assistira o mesmo general, e então chegando-se el-rei a este lhe perguntou:

—Que tal lhe parece o saráo?

—Muito bem, senhor; e permitta-me vossa magestade que accrescente tambem, que não ha outro rei no mundo que perca o reino com tanto contentamento como vossa magestade o faz.

VISÕES DE UM DOIDO

H u m o r i s m o f u n e b r e

Mulher, quero beijar-te os membros laços,
Membros dormentes;
Lançar-te ao collo os meus robustos braços,
Como serpentes.

Bem sei que no teu intimo me odeias;
Mas que importa?
Hei de sugar-te o soro d'essas veias,
Depois de morta.

Quando cobrir teu corpo de creança,
A campa rasa,
Ha de as carnes queimar-te esta lembrança,
Qual ferro em braza.

A idéa de perder-te opprime, assombra
Meu peito forte;
Por isso heide seguir-te como a sombra
Até á morte.

Corpo lethal, repugnam-te os meus beijôs?
Pois quando inerte,
Hei de saciar em ti fataes desejos:
Hei de morder-te!

Todo o amor que eu te tinha, ó meu tormento!
Eil-o tornado
Em odio que me roe o pensamento
Como um peccado.

Hei de como um bandido assassinar-te
Na propria alcova,
È de lugubres canticos povoar-te
A negra cova.

Hei de expulsar os lobos, as raposas
E os cães famintos,
Que busquem n'estas carnes deliciosas
Cevar instinctos.

E erguendo da tua lousa as lages frias,
Criança louca,
Descerrar-te essas palpebras sombrias,
Beijar-te a bocca.

E morto o sol d'esses teus olhos bellos,
Que é o meu encanto,
Envolver-me na luz dos teus cabellos,
Como n'um manto.

E então teu corpo com que o mundo assombras,
Rosa, alabastro,
No cortejo phantastico das sombras
Será meu astro.

Talvez que ao rubro fogo dos meus beijos,
O' Galatea!
Ao coração te voltem os desejos,
E ao craneo a idéa!

Talvez que esta tua alma arrependida
Soffra por mim,
E restituída ao dia, ao sol, á vida,
Se renda emfim!

Mas talvez que ainda assim teu corpo inerte
Me diga:—não!
E então hei de roer-te como um verme
O coração.

N'esses teus labios como em fina taça,
Anjo dormente,
Hei de beber os filtros da desgraça
Soffregamente.

E os meus gemidos, os meus ais profundos,
Como um mysterio,
Varrerão os phantasmas vagabundos
Do cemiterio.

Ali serei a tua sentinella,
O teu coveiro! . . .
Mas cedo, ó anjo, morrerrei sobre ella,
Fiel rafeiro.

Christovão Ayres.

Os cegos no Japão—Até ha pouco tempo, os cegos japonezes não tinham necessidade, como entre nós, de pedir esmola, de excitar a compaixão dos transeuntes; constituíam uma verdadeira hierarchia, e chegavam ás honras e fortuna.

O Dr. Northon Whitmer, na *Philadelphia Medical Times*, dá-nos interessantes promenores, reproduzidos pela *Union Medical*, sobre a maneira como os cegos no Japão sabiam fazer fortunas, explorando a paixão dos seus compatriotas pela amassadura e pela acupuncturn.

Na America, quando nos sentimos fatigados depois de violentos exercicios musculares, ou depois de uma longa caminhada, procuramos repouso immediato, e algumas vezes submettemonos a um douche. Lá chama-se um *amna*, quer dizer um cego, que passeia pelas ruas apregoando o preço de uma massadura.

Não tem esta só por fim tornar flexiveis os membros fatigados; emprega-se ainda no Japão contra uma immensidade de doenças e nos partos laboriosos; n'uma palavra, segundo os antigos japonezes, é o regulador do corpo.

Eram tambem os cegos que faziam a acupunctura, methodo muito antigo no Japão, e que consiste em picadas feitas em diferentes partes do corpo com agulhas muito finas para a cura das doenças.

A pratica da acupunctura é toda ella uma arte. E' necessario, para se entregar a ella, conhecer a anatomia dos musculos superficiaes e a sua topographia. Exigia-se ao candidato um exame de anatomia e uma grande habilidade manual.

No museu da escola de Paris existe um manequim japonez, onde estão indicados com grande precisão os numerosos sitios do corpo onde póde praticar-se a acupunctura.

O titulo mais modesto que os exames davam aos cegos era o de *shibun*, que permittia trazer duas espadas e um vestuario particular nas festividades.

Vinha em seguida o de *ko-to*, ou mestre de musica. O legislador tinha sem duvida previsto, que nos ocios da sua profissão, o *shibun* teria tempo de estudar musica. Se depois o *ko-to* dava provas da sua sciencia em harmonia, e se gastava 5,000 francos era promovido a *stenjo*, e entrava na classe das pessoas illustres.

Northon Whitmer conta que um tal Kanava Kerya, famoso mathematico e grande bibliophilo, era um *amna* celebre na historia japoneza. Dotado de uma memoria prodigiosa, dizia o titulo, a pagina, o nome do autor, a qualquer que lhe lesse uma phrase n'um dos livros da sua vasta bibliotheca. Completamente cego como era, reconhecía os nomes, a fórma, a significação dos caracteres do alphabeto chinez; emfim, maravilha ainda maior, passava aos olhos dos seus contemporaneos por ser bom escritor. Tinha o gráo de *so-hron*.

Em todo o imperio do Japão só havia dois *so-rohn*; mandavam em todas as hierarchias dos cegos, dispunham dos titulos e conferiam as honras e as graças.

O mais lucrativo dos privilegios do *amna* consistia em re-

clamar um presente por occasião de baptizado, de casamento ou de qualquer acontecimento de familia. Um amna não podia nunca ficar mais de tres dias na mesma localidade; findo o prazo era preciso abandonar a cidade ou a villa e deixar o lugar aos outros cegos. O amna era usurario, diz-se que o dinheiro que elle emprestava nunca era perdido, porque os seus concidadãos o protegiam contra as perdas.

Se o amna era shibun, tinha o direito de se casar, mas nunca com uma mulher cega. Os amnas tinham tambem uma caixa de soccorros mutuos.

Hoje o amna desistiu dos seus privilegios. Todo o mundo pode fazer o que elles faziam.

CHARAÇA

LXXXVI

Ao Sr. José Soares da Silva

No grego achareis metaes
Ou cobre, ou qualquer que seja—2
D'esta senhora a cabeça
Não queira o fado que eu veja—3
Se estas partes reunir
Com certeza conseguisses,
Terias nem mais nem menos
A irmã da tia de Ulysses.

Silva Freire (Bahia).

Coroneis de hulanos—O imperador de Allemanha tem conferido a honra do posto de coronel de hulanos do exercito allemão, aos seguintes:

O Imperador Francisco José, d'Austria, é coronel honorario do regimento de fuzileiros da guarda.

O Archiduque Rodolpho de Austria, coronel honorario do segundo regimento de hulanos, de Brandeburgo.

O Imperador da Russia, Alexandre III, coronel honorario do primeiro regimento de hulanos, do regimento de granadeiros da guarda e do regimento de couraceiros de Brandeburgo.

O Grão-duque Wladimiro da Russia, coronel honorario do regimento de husares, de Zuringia.

O Grão-duque Constantino, tio do czar actual, coronel do segundo regimento de husares do Rheno, e do sexto regimento de ligeiros de Baviera.

O Grão-duque Nicolau da Russia, coronel honorario do regimento do couraceiros n. 5, da Prussia occidental.

O Grão-duque Miguel da Russia, coronel do primeiro regimento de husares da Silesia, n. 4.

O Principe de Galles, coronel do quinto regimento de infantaria da Pemerania.

O Duque de Edimburgo, coronel do sexto regimento de infantaria de Thuringia.

O Duque de Connaught, coronel de um regimento de husares brandeburguezes.

O Rei d'Italia, coronel do primeiro regimento de husares da Prussia.

O Rei Guilherme III, dos Paizes Baixos, coronel honorario do regimento 11 de husares da Prussia.

O Rei de Hespanha, Affonso XII, coronel do regimento de hulanos de Strarburgo.

Alcm d'isso, acabaram de receber honras identicas na Allemanha o Rei da Servia, o da Roumania e da Belgica, o ex Rei de Hespanha D. Amadeu e o Principe Alexandre da Bulgaria.

DO QUE GOSTO

Eu gosto de ver o vento
Meus cabellos desatar,
E da flôr que presa estava
Ver as petalas voar;
Gosto de vel-o á tardinha,
Com a vaga hymnos soltar.

Gosto de ver a ipoméa
A praia tapetisar;
Gosto de vel-a na relva
Nas rochas serpentear
E as matinaes roxas flôres,
A aurora desabrochar,

Eu gosto de ir sobre as pedras
O verde mar contemplar,
Gosto de ouvir seus gemidos
Nas cavernas retumbar,
E depois se espreguiçando,
Languido as algas banhar!

Gosto ouvir do sul o vento
Nas janellas sibillar,
Quando o silencio da noite
Vem sobre a terra pairar:
Gosto de tudo o que a mente
Faz-nos no espaço vagar.

Joachina N. da Cunha Menezes de Lacerda (Bahia).

Jogo de xadrez—Perto de Halberstad, na Prussia, está a aldeia de Stræbech, onde todos os habitantes, homens e mulheres, praticam o jogo do xadrez; nas escolas os meninos e as meninas fazem exame sobre os principios do nobre divertimento inventado por Palamiaes.

Acredita-se que no seculo duodecimo um conego muito amador d'este jogo o ensinou aos habitantes; mas o que é certo é que no seu *tratado de xadrez* publicado em 1616, Sclenus de-

clara que desde alguns seculos a aldeia de Stræbech se distinguu por esta particularidade unica no mundo.

No seculo passado Frederico o Grande atravessando a aldeia fez uma parada de algumas horas para jogar com o burgo-mestre uma partida que perdeu. Ordenou então que todos os annos um mandatario real fosse fazer uma partida com o mais habil jogador na aldeia e que se este ganhasse os habitantes seriam durante o anno isentos de impostos.

Este privilegio está hoje abolido; mas existe ainda o costume dos habitantes de Stræbech offerecerem um xadrez a cada rei da Prussia na occasião da sua elevação ao throno.

PORQUE TU ÉS BORBOLETA

Eu te chamei borboleta,
Não torno de havel-o dito;
Da fama emboco a trombeta,
E's borboleta—repito.

Borboleta, porque leve
Teu pé resvala nas flores;
Borboleta, porque és breve
No curso dos teus amores.

Borboleta, se da walsa
Te perdes no torvelinho:
Mais leve de balsa em balsa
Não voeja o passarinho.

Como breve a borboleta
De uma flôr a outra voa,
De teu amor a ampulheta
Sómente minutos coa.

Borboleta, porque és linda
Dos teus annos na frâgancia;
Repetil-o apraz-me ainda,
Borboleta és na inconstancia!

Pedro de Calazans

O vinho nos hospitaes de Pariz—E' curioso conhecer o consumo de vinho e bebidas espirituosas, que fazem os hospitaes de Pariz.

No dia 11 de Setembro passado procedeu-se á compra de 1,245:000 litros de vinho para o serviço da adega central dos hospitaes durante seis mezes.

Os vinhos a fornecer são de diversas especies: 110,000 litros de vinho Roussillon, 110,000 de vinho Lapalme 110,000 de vinho Loire-et-Garonne, 220,000 de vinho de Gers, 220,000 Herault, 110,000 Mirepeisset, 110,000 Minervois, 60,000 Bordeaux de 1881, 70,000 Banhyuls, 10,000 de Bordeaux branco de 1879, 2,500 litros de Hespanha branco.

Os espiritos a fornecer para o quarto trimestre de 1883 compõe-se de 20,000 litros de alcool do norte, 10,000 litros de rhum, 3,000 litros de aguardente.

Passa fóra! dir-se-lia que são curados pelo alcool.

É BELLO !

E' bello ver a vaga enfurecida,
Spumando sobre as pedras se arrojar,
E depois vel-a tenra reclinar-se,
Beijal-as, e após logo a envergonhar-se,
Languida se affastar!

Quando o astro da noite, o rosto mira
Nas aguas do oceano em calmaria,
E' bello, n'cssa esteira prateada,
Ver barquinha vogar abandonada,
A' mercê da poesia!

:

Silencio, minha musa, tu não sabes
O poema cantar da natureza;
Voa ao céo implorando estro, lyra,
E tornando, contempla, canta, admira,
Do Senhor a grandeza!

Jochina da Cunha Menezes de Lacerda. (Bahia—1883)

Os callotes—Ha alguns annos um velho negociante retirado do commercio, dizia a seu filho que acabava de emancipar-se:

Tens 24 annos e 200 contos em apolices da legitima de tua mãe, que te dão uma renda de 12:000\$; e tens um coração liberal que te dará muitos amigos. Se queres conservar os amigos que escolher o teu coração e o bem estar e independencia provenientes da tua renda, não emprestes um real nem a tua firma a ninguem.

O filho ouviu o conselho do pae, porem não o comprehendeu; ou antes, comprehendeu-o, mas não o attendeu.

Logo no outro dia foi para o Rio de Janeiro, alugou um chalet e lançou-se no turbilhão da vida da côrte, que seduz e faz virar a cabeça mesmo a muitos sabios e velhos paes da patria.

Tratou só de galanteios, theatros, jantares, luxo, amigos, e nada de procurar saber quanto tudo lhe custava, julgando que os seus recursos e os seus 24 annos nunca deviam acabar.

Se lhe pediam dinheiro, dizia elle:—Empresto, pois não! mostra-se-me tão amavel, tão amigo . . . porque não?

Tres annos depois volta ao lar paterno, de orelha murcha, arruinado e arrastando um pouco os pés, sem a elegancia e luxo que tinha poucos dias antes.

—Meu filho, disse-lhe o pae com certa severidade e tristeza,

sei a que vens. Se tens boa memoria debes-te lembrar de que te preveni do que te podia acontecer. Por desgraça, o conselho que te dei entrou-te por um ouvido e sahiu-te pelo outro. Hoje vens fazer a teu pae o mesmo que teus amigos te fizeram. Vens pedir-me algum dinheiro emprestado; enganas-te, eu tenho principios firmes; não empresto dinheiro, nem a minha firma; se queres dinheiro, vae pedil-o ao trabalho honesto e honrado, que só elle é que to pode dar. Adeus; já te dei o que era teu.

Ha d'estes factos na historia de todo o mundo.

Dinheiro emprestado e letra firmada forneceriam thema para muitas comedias e até motivo para mais do que um drama.

Com certeza os corações dos moços e os espiritos sinceros e leaes protestarão. Quando se é joven, revolta-se contra este movimento da existencia, que não quer que se seja tão sollicito e apressado em servir aos outros.

O que se esquece mais facilmente é o dinheiro emprestado, ou a firma dada em garantia de qualquer letra.

Na occasião em que os amigos querem ser servidos, não ha protesto que não façam, a gratidão e o reconhecimento serão eternos, a data do favor ficará para sempre gravada no seu coração. Na effusão do seu reconhecimento antecipado beijariam até as mãos do seu amigo. Não se precisa dizer que viradas as costas não se pensa mais n'isso. No fim de um ou dois mezes se lhe vem por acaso ao espirito a lembrança do favor recebido, diz logo in petto:—Ora, sem duvida mostrou-se obsequiador e serviçal, mas que lhe custou? foi só assignar a letra, e no fim de 6 ou 12 mezes e mais tardar, estará paga.

O tempo voa, os dias formam semanas, as semanas mezes, o anno passou e a letra nada de se pagar; o favor recebido já não é senão uma lembrança confusa, uma especie de nevoeiro na memoria:

Um dia encontra-se por acaso a voltar a esquina de uma rua, ou em alguma loja face a lace com o amigo.

—Ah! caro amigo! Já sei que está muito zangado comigo; que foi obrigado a pagar aquella letrinha! Desculpe; amanhã, ou no fim do mez o mais tardar, appareço e pago tudo; não ha de perdor nada, basta o favor.

Amanhã passa e o fim do mez tambem, e nada.

Se se torna a lembrar, é somente para dizer:—Ora adeus, se pagou é porque tinha de mais; quem esperou até agora pode esperar mais algum tempo.

Entretanto, a datar d'esse momento evita com cuidado passar por onde corre o risco de encontrar o amigo, pois que já não é mais o amigo obsequiador e prestativo de outro tempo; começa já a achar-lhe a fealdade e a grosseria de um credor.

Contam que um finado ricasso, que não conseguiu nunca ser Barão ou Conde, todas as vezes que lhe iam pedir dinheiro emprestado sem ser sobre penhor ou hypotheca, apressava-se a correr a um canhenho que lhe servia de registo, escrevia logo a quantia pedida e a adicionava ás já inscriptas, e mostrando a

somma, dizia: veja meu caro, a somma enorme que me tem perdido desde que tenho alguma cousa; se tivesse emprestado a todos o que me tem perdido, estaria hoje sem um vintem, a morrer de fome. Morreu tres vezes millionario.

Effectivamente, dinheiro emprestado é dinheiro perdido; lettra assignada é lettra paga e amigo perdido; é bem certo um pensamento de A. Dumas Filho:

Dae dinheiro, que é muito agradavel, não empresteis nunca. Dar, não faz senão ingratos; emprestar faz inimigos.

Nemo.

LOGOGRIPHO (XXV)

3-4-10	} Nome proprio	{	10-3-7
4-10-2-10			7-2-3-7
5-7-2-3-10			3-1-9-1-7
7-2-10-9-1-10			4-2-10-3-1-7
2-1-5-4-6-1-10			5-1-5-1-7-8-7

CONCEITO

Nome proprio de homem.

Custodio A. da Costa

Vem o leitor contente da jornada
 Desta Babel de ninhos palpitantes,
 Onde parou na camara azulada
 Dos vaporosos lyrios trescalantes.

Ouvio a immensuravel martelada
 Que o Sol dá nas bigornas flammejantes,
 Quando bate a peanha—consagrada
 A' luminosa estatua dos gigantes.

Sentiu talvez os rubidos lampejos
 Do melodrama olympico dos beijos
 Na plastica nudez do *paraiso!* . . .

Que hei de atirar ao seu lençol de espumas?!
 Tambem não fecho com cerradas brumas
 A galeria euphonica do riso!

Alfredo Ceylão. (Rio de Janeiro--83).

FIM

GRANDE FABRICA

FRAGRANCIA

DE
 CHARUTOS
 DE

J. F. SIMAS

ESTABELECIDA EM S. FELIX

Na rua principal, com deposito na Bahia
 a rua d'Alfandega
 n. 35, em frente ao Elevador
 Hydraulico

Esta fabrica emprega nos seus charutos as melhores folhas velhas do fumo d'esta provincia, para o que compra annualmente de trinta a sessenta mil arrobas de fumo das melhores safras, alem de fazer uma escolha muito rigorosa do tabaco para o seu fabrico, exportando o restante para a Alfandega, onde é plausamente requitada a sua marca pela boa qualidade do mesmo.

Tem ao seu servico um pessoal maior de com operarios, trabalhando pelo systema mais aperfeiçoado e conhecido.

Os seus productos, em virtude da sua incontestavel superioridade, são muito apreciados em quasi todas as provincias do Imperio e fora d'elle. São as seguintes as denominações e preços de cada milheiro dos charutos d'esta fabrica.

Flor do Rio.	70\$	Regalia imperial.	40\$
Regalia Britanica.	70\$	Democrata.	40\$
Exposição	6\$	Loutrinos	38\$
Perolas	50\$	Leaes	38\$
Imperiais.	50\$	Operas	34\$
Primores	50\$	Amadores	38\$
Brilantismo	50\$	Mimosos	30\$
Normas de Havana	50\$	Semadores	28\$
Regalia.	24\$000		

OS CHARUTOS SÃO ACONDICIONADOS EM CAIXAS DE 50 OU 100

Quaesquer encomendas ou pedidos
 devem ser dirigidos a casa na Bahia que gira sob a firma

VIUVA SIMAS

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).